

ANTONIO HOHLFELDT • DIEGO DA MAIA • GILBERTO PERIN

TEATRO PALAVRA

165 ANOS
THEATRO SÃO PEDRO

ardotempo



TEATRO PALAVRA

165 ANOS THEATRO SÃO PEDRO

ANTONIO HOHLFELDT • DIEGO DA MAIA • GILBERTO PERIN

165 ANOS
THEATRO SÃO PEDRO

TEATRO PALAVRA



165 ANOS
THEATRO SÃO PEDRO





165 ANOS
THEATRO SÃO PEDRO

TEATRO
PALAVRA

2023
THEATRO SÃO PEDRO
Porto Alegre - RS

Patrocínio



Produção



Edição

ardotempo

Realização



Financiamento



SECRETARIA DA CULTURA

165 ANOS
THEATRO SÃO PEDRO

TEATRO
PALAVRA

ORGANIZAÇÃO
ANTONIO HOHLFELDT

DEPOIMENTOS
ARTISTAS,
ATRIZES, AUTORES, DIRETORAS, DIRETORES,
MÚSICOS, MAESTROS,
FUNCIONÁRIOS DO THEATRO SÃO PEDRO,
ESPECTADORES PARTICIPANTES
(COLIGIDOS E SELECIONADOS POR DIEGO DA MAIA)

FOTOGRAFIAS
GILBERTO PERIN
ACERVO DE IMAGENS DO THEATRO SÃO PEDRO

THEATRO SÃO PEDRO
Porto Alegre - RS

TEATRO PALAVRA - 165 ANOS DO THEATRO SÃO PEDRO ©Theatro São Pedro

Organização de Antonio Hohlfeldt

Depoimentos de artistas, atrizes e atores, de diretoras e diretores,
de funcionários do Theatro São Pedro, de espectadores (coligidos e selecionados por Diego da Maia)

Acervo de Imagens Documentais © Acervo do Theatro São Pedro

Fotografias © Gilberto Perin

Coordenação: Equipe do Theatro São Pedro

Revisão: Equipe do Theatro São Pedro

Coordenação de Projeto LIC: Primeira Fila Produções- LeticiaVieira

Impressão: COAN Indústria Gráfica

Projeto Gráfico/ Diagramação e Edição: Edições Ardotempo

© Todos os direitos de textos são reservados aos respectivos autores.

As imagens das obras neste livro **TEATRO PALAVRA - 165 Anos do Theatro São Pedro**,
estão reservadas aos detentores dos direitos de autoria, não sendo permitida a reprodução parcial
ou total da obra ora impressa, sem a prévia autorização por escrito dos autores acima citados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I11a **TEATRO PALAVRA - 165 Anos do Theatro São Pedro**

Antonio Hohlfeldt - Depoimentos /Acervo ; Porto Alegre: Edições Ardotempo;

192 páginas, Fotografias, 22,5 cm x 24,5 cm

1. Livro Comemorativo 2. Depoimentos - Diego da Maia 3. Fotografias

I. Hohlfeldt, Antonio

II. Perin, Gilberto III. Titulo

ISBN nº 978-65-996251-4-5

CDU: 821.134.3 (81) - 1

© THEATRO SÃO PEDRO - Associação de Amigos do Theatro São Pedro

1ª EDIÇÃO Junho / 2023

Edições Ardotempo

A.B.X Aquino Produções e Edições ME - CNPJ 27.880.761/0001-31 Rua Nunes, 170

Bairro Medianeira - CEP 90870 - 390 Porto Alegre RS - Brasil ardotempo@gmail.com

55 (51) 39 07 12 97 / 55 (51) 997 24 80 91







165 ANOS

THEATRO SÃO PEDRO

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - Beatriz Araujo	
TEATRO PALAVRA - Antonio Hohlfeldt	01
AUTÓGRAFOS - Artistas, Atrizes, Músicos	76
DEPOIMENTOS - Artistas, Atrizes, Atores, Diretoras, Diretores, Músicos, Maestros, Funcionários do Teatro São Pedro, Público Participante	87
IMAGENS DO THEATRO - Gilberto Perin	149
A PALAVRA DA ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO TEATRO SÃO PEDRO - AATSP	



THEATRO SÃO PEDRO





THEATRO S.

SÃO PEDRO



Teatro Palavra

Beatriz Araujo - Secretária da Cultura do Estado Rio Grande do Sul

Teatro Palavra celebra os 165 anos do Theatro São Pedro, espaço cultural icônico que nos enche de orgulho por ser considerado, tanto pela comunidade artística como pelo público frequentador, como uma das mais belas casas de espetáculos do mundo, uma instituição que está no coração dos gaúchos e gaúchas.

Nas próximas páginas, ilustradas com imagens do acervo e belas fotografias de Gilberto Perin, os organizadores destacam a liderança de Eva Sopher no processo de reconstrução do teatro, documentam a história recente do Complexo Multipalco e dão voz aos artistas, colaboradores e público espectador que compartilham a paixão por nosso templo do teatro, da música, da dança e de outras tantas manifestações artísticas e culturais.

Grandes espetáculos marcaram os 165 anos de existência do Theatro São Pedro, patrimônio público estadual e federal. Com acústica perfeita, tornou viável a vinda de óperas completas a Porto Alegre desde a metade do século 19. Naqueles tempos, artistas e espetáculos internacionais de renome que se dirigiam a Buenos Aires paravam por aqui para suas apresentações e, por vezes, estendiam as programações a teatros de outros municípios, como o Theatro Sete de Abril, em Pelotas, por exemplo.

O Theatro São Pedro, portanto, é polo que irradia arte e cultura no Rio Grande do Sul há bem mais de um século, já tendo demonstrado sua resiliência ao superar longos períodos de dificuldades, riscos e fechamentos. Sobre os aspectos que evidenciam as raízes firmes e as estratégias de sobrevivência, Antonio Hohlfeldt nos dá um testemunho pessoal de quem viveu a história como jornalista na cobertura dos acontecimentos culturais e também nas diversas funções que exerceu até assumir a presidência da Fundação Theatro São Pedro, instituição vinculada à Secretaria de Estado da Cultura (Sedac).

Em março de 2023, a inauguração do Teatro Oficina Olga Reverbél e das salas de dança, de ensaio e apoio do Multipalco materializou o compromisso que o governo do Estado assumiu, desde a gestão anterior, de garantir a continuidade



das obras para entregar o complexo à sociedade gaúcha, em sua integralidade, o mais breve possível. Desde então, temos trabalhado juntos com esse objetivo.

O investimento público só faz sentido porque está a serviço da democratização do acesso à arte, à cultura e à educação. Que assim seja com Teatro Palavra: um instrumento para a valorização da história e do patrimônio cultural coletivo, que desejamos manter vivo para que seja usufruído e apropriado por todos os cidadãos e cidadãs. Boa leitura!





Multipalco: herança da centenária Eva Sopher

Antonio Hohlfeldt

*H*á muitas maneiras de se contar uma história, já sabemos. Escolhi uma delas, bastante personalizada, que você está começando a ler, para lembrar uma história que é coletiva, de todos nós, sul-rio-grandenses e especialmente porto-alegrenses mas, também, minha. Explico por quê.

Quando assumi a Presidência da Fundação Theatro São Pedro, logo após o falecimento de Eva Sopher, João Antonio Porto, administrador do Theatro São Pedro há exatos 36 anos, comemorados emotivamente em 2022, mostrou-me uma fotografia que fixava um acontecimento que, sabe-se lá porquê, eu esquecera absolutamente: sentados em cadeiras de plástico, da esquerda para a direita, Eva Sopher, eu, a atriz Tônia Carreiro, o empresário Péricles Druck e o então Secretário de Estado da Cultura, Roque Jacoby, assistíamos a algum espetáculo que se desenrolava à nossa frente. A foto tem um ângulo relativamente fechado, mas pode-se perceber que haveria muita gente no acontecimento. E não era para menos. Naquele fim



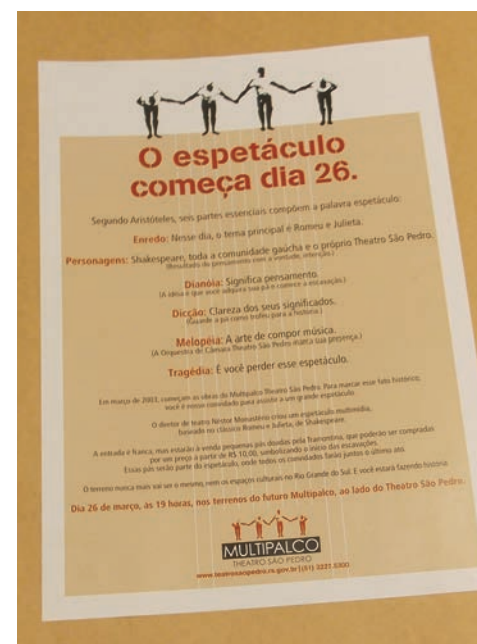
de tarde, 26 de março de 2003, a cidade de Porto Alegre estava comemorando 231 anos de existência. E Eva Sopher, fiel a uma estratégia que sempre desenvolvera, escolhera aquela data para o lançamento, oficial, das obras do chamado Multipalco, um inimaginável e utópico projeto arquitetônico, constituído de um prédio quase inteiramente subterrâneo, de sete pisos, situado bem ao lado do tradicional Theatro São Pedro, para sediar, como seu nome o indicava, múltiplas atividades culturais e artísticas.

Concluída a reconstrução do Theatro São Pedro, que ela comandara com persistência e inabalável coragem, entre 1975 e 1984, já nascera uma outra ideia: a construção de um prédio, ao lado do teatro, para guardar cenários e figurinos, bem como equipamentos variados, de necessidade da instituição. Na época, ao lado do Theatro São Pedro, numa área mais ou menos quadrangular, entre o prédio da casa de espetáculos e o Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, demarcado ainda pela Praça Marechal Deodoro e a Rua Riachuelo, havia um sem número de pequeninos terrenos, mais ou menos abandonados, com alguns casebres cujos escassos moradores eram ainda mais abandonados, parte dos quais ocupados para estacionamento de automóveis, sem qualquer alvará ou permissão. Era, na verdade, uma área de cerca de 2600 metros quadrados, sem controle ou regulamento, ao Deus dará. Pois Eva Sopher olhou para aquilo tudo e imaginou que se tais terrenos pudessem ser englobados numa única área, e esta acrescida ao espaço formal do Theatro São Pedro, aí poder-se-ia construir o prédio almejado.

Entre aquela intuição e o dia 26 de março de 2003, haviam se passado dezoito anos em que o Theatro São Pedro retomara a liderança enquanto espaço cultural da cidade. Deve-se reconhecer, contudo, que, entre imaginar uma coisa, e concretizá-la, vai longe o processo...

Mas Eva Sopher era Eva Sopher, e assim como ela conseguira alcançar a reconstrução do Theatro São Pedro, que teve a oportunidade de registrar no livro *Doce Fera*, que a Opus Produções, ao completar seus quinze anos de existência, publicou (1991), a nova iniciativa de Eva Sopher enfrentaria dificuldades e dissabores que um sujeito comum não se disporia a encarar e vencer. Mas Eva Sopher era Eva Sopher e, assim, a caminhada começou.

Na verdade, a data de 26 de março de 2003 não é o final da histó-



Esta narrativa histórica teve como base o conjunto de recortes de jornais cuidadosamente colecionados pela Associação Amigos do Theatro São Pedro, a que se somou minha memória pessoal dos acontecimentos.

ria, nem seu princípio. Esta data está na metade do caminho. Provocando o público para a participação de um ato (múltiplo) aberto, que ocorreria naquela data, a partir das 19 horas (horário de verão...), um anúncio bastante elaborado e conceitual, conforme o leitor pode ver ao lado, arengava:

“Segundo Aristóteles, seis partes essenciais compõem a palavra espetáculo: **Enredo**: nesse dia, o tema principal é Romeu e Julieta; **Personagens**: Shakespeare, toda a comunidade gaúcha e o próprio Theatro São Pedro (Re-



sultado do pensamento com a vontade, intenção); **Dianóia**: Significa pensamento (a ideia é que você adquira sua pá e comece a escavação); **Dicção**: Clareza dos seus significados (Guarda a pá como troféu para a História); **Melopéia**: A arte de compor música (A Orquestra de Câmara do Theatro São Pedro marca sua presença); **Tragédia**: É você perder este espetáculo”.

O folheto de publicidade era discursivo e em algumas passagens conceitualmente equivocado, mas esclarecia que haveria, na ocasião, um espetáculo multimídia, dirigido por Néstor Monastério, baseado no texto *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, que aconteceria nos chamados jardins ao lado do teatro (onde, antes, houvera aqueles terrenos desgarrados, já então com desapropriação e unificação para fins de futuro registro

sob uma única matrícula). A entrada seria franca, mas as pessoas estavam convidadas a comprar, por R\$ 10 reais, uma pázinha de pedreiro com a qual poderiam incluir-se no grupo que estava encarregado de abrir as atividades de construção do prédio do futuro Multipalco, isto é, começar as fundações daquela edificação.

Liderando a todos, evidentemente, estava Eva Sopher. A atriz Tônia Carrero, que se apresentara dezenas de vezes no palco do Theatro São Pedro, desembarcara em Porto Alegre de surpresa, para integrar-se à atividade, trazida por Péricles Druck, através da Habitasul. Roque Jacoby era o então Secretário de Estado da Cultura e eu... ao longo de décadas, como jornalista vinculado ao Correio do Povo, eu acompanhara os espetáculos do velho teatro, realizara dezenas de entrevistas com o seu então diretor, o admirável Dante Barone, chegara a dirigir a instituição, por cerca de seis meses, no ano de 1972 e, enfim, fora uma espécie de constante pajem de Eva Sopher ao longo das obras de reconstrução do Theatro São Pedro, escrevendo inúmeras reportagens e artigos no jornal da Caldas Junior. Na ocasião, contudo, minha função era outra: eleito





Governador do Estado, o caxiense Germano Rigotto, em 2002, eu fora igualmente eleito enquanto seu vice, na chapa então vencedora daquele pleito. Naquela data, por um acaso ou presságio dos deuses, achava-me como Governador em Exercício, por motivo de viagem do titular, de modo que era em nome do Governo do Estado do Rio Grande do Sul que eu ali comparecia e, como mostram outras fotos, entre Eva Sopher e Tônia Carreiro, participei da cerimônia do lançamento da chamada pedra fundamental: com a pázinha, jogamos torrões de terra no primeiro buraco que se abria para o início das obras.

Não fora a lembrança, devidamente documentada por João Antonio Porto (ele é o fotógrafo da imagem) e eu não teria me dado conta: jornalista cultural que sempre acompanhou as atividades do teatro e sobre ele escreveu; seu diretor por breves meses, em 1972, acabaria sendo convocado pelo Governador José Ivo Sartori, em 2018, para assumir a Presidência da Fundação Theatro São Pedro, como então se chamava, convite que aceitei com honra, é evidente; com muito temor – afinal, sucederia Eva Sopher, não a substituiria, que isso será sempre impossível – era uma tarefa insana e com um sentido de obrigação: compromisso com aquela mulher a quem sempre admirei profundamente e compromisso com a comunidade cultural do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre, com quem tenho convivido ao longo de mais de cinquenta anos de profissão. Por isso, este texto é bastante pessoal. Mas quer ser, acima de tudo, documental. Integra-se ao projeto deste livro, *Theatro Palavra*, que procura renovar o gênero, trazendo a palavra de pessoas que, num ou noutro momento, ou ao longo de muito tempo, conviveram com o Theatro São Pedro: colaboradores, artistas e público.

Meu texto, neste sentido, retoma e amplia o que já escrevi antes, em *Doce fera*. Aquela obra precisava ser atualizada, contando justamente a história da última cruzada de Eva Sopher, o Multipalco. Mas também precisava falar de seus últimos anos de vida e de sua herança. Daí resolvemos, todos os que vivem o dia-a-dia do Theatro São Pedro, concretizarmos este trabalho. Do mesmo modo que em *Doce fera*, este texto propõe-se a registrar, paralelamente, o conjunto de ações que permitiram concretizar o Multipalco mas, ao mesmo tempo, contar um pouco dos últimos anos de Eva Sopher, sobretudo, para destacar sua perseverança e sua força, que nos deixaram tão fantástica herança.

Lançamento com prazo marcado

Roger Lerina, então colunista de Zero Hora, publicava, na edição de 12 de dezembro de 2005 (portanto, dois anos depois daquele primeiro evento): “ Com inauguração marcada para 20 de setembro de 2006, o Multipalco Theatro São Pedro acaba de lançar uma nova campanha de arrecadação de recursos. A grana é para ajudar a conclusão da última fase das obras do complexo cultural de seis andares e 17 mil metros quadrados – que terá dois teatros, concha acústica, salas para corpo de baile e orquestra e outros espaços legais” (ZERO HORA, 12.12.2005, p. 10).

Eva Sopher gostava de antecipar datas como uma estratégia de compromissar autoridades para com suas iniciativas. Marcar data de inauguração de uma obra era uma delas. Neste caso, a campanha estava voltada para o uso dos valores devidos ao Imposto de Renda por parte de cidadãos. Mas não era, na verdade, a primeira projeção de data para a conclusão de obras, nem seria, infelizmente, a última. Por exemplo, em 1995, pensara-se em inaugurar a obra três anos depois... mas uma série de percalços travou todo o processo, de tal modo que, em 2001, projetava-se a inauguração em 2005... Mas isso também não se concretizou.

A conjuntura econômica e financeira do país, nos anos seguintes, complicou ainda mais o que já se chamava de novela do Multipalco. Muitas das empresas que costumavam aplicar dinheiro nas obras do Multipalco, via Lei de Incentivo à Cultura do Governo Federal, acabaram fechando ou deslocando suas sedes para outros estados, o que foi descapitalizando os projetos da Fundação. Acrescente-se a isso que, já chegando aos 90 anos, Eva Sopher começou a ter problemas de saúde, até vir a falecer, em 2017. Quem continuou a tocar o projeto foi a Associação Amigos do Theatro São Pedro, criada em 23 de julho de 1985, com o fito de agilizar as atividades da fundação, especialmente para evitar certos entraves burocráticos que dificultavam as ações em torno da instituição.

Foi através da Associação que também se projetaram todas as iniciativas



em prol do Multipalco. Mas o afastamento de Eva deixou lacunas, sobretudo a da liderança do projeto, que passou a se arrastar, sem qualquer solução de continuidade, até 2018.

Uma das mais difíceis batalhas enfrentadas por Eva Sopher, ao longo da difícil caminhada de concretização do projeto, que ela perdeu, mas que acabou ganhando, foi o fato de o Instituto de Arquitetos do Brasil, na gestão de Carlos Fayet ter exigido do Governo do Estado, que tinha então à sua frente Antonio Britto, um concurso público para a realização da obra. Alegava a então direção do IAB do RGS que o projeto fora feito por um engenheiro, ao invés de um arquiteto, e que dispensara a licitação pública, o que contrariaria a legislação então vigente. A notícia estourou como uma bomba, no dia 27 de outubro de 1996; no dia 4 de novembro, Zero Hora comentava: “Com o veto ao projeto de construção do Complexo Cultural do Theatro São Pedro, em virtude da falta de uma licitação pública, a obra, que seria entregue em julho de 1998, fica agora sem previsão de datas”. Iniciava-se um longo processo que, enfim, muito tempo depois, chegou a um resultado. O concurso aconteceu entre 1997 e 1998, e o projeto vencedor, assinado por Marcos Peres, Dalton Bernardes e Júlio Collares, foi escolhido, depois de uma série de adaptações para atender às ideias que Eva Sopher sonhara para aquele espaço. De qualquer modo, em 1999, o projeto recebeu a Medalha de Ouro na 9ª Quadrienal de Arquitetura para Teatros do Terceiro Milênio, na cidade de Praga.

A proposta incluía um teatro italiano, das mesmas dimensões (sob o ponto de vista do número de poltronas a serem oferecidas) do Theatro São Pedro; um teatro experimental, para cerca de 250 cadeiras; salas para dança, música de câmara e circo, além de espaços multimídia, camarins e banheiros; tendo em vista que parte daquela área sediava o chamado Auditório Araújo Vianna que, nos anos 1960, fora derrubado e inspirara um novo auditório, localizado no chamado Parque Farroupilha (a obra se tornou necessária para abrigar o prédio que hoje é a sede da Assembleia Legislativa, cuja arquitetura moderna contrasta sensivelmente com a tendência positivista do século XIX do Palácio Piratini e do próprio Theatro São Pedro), também foi pensado para a área uma concha acústica.

Deve-se lembrar que uma edificação semelhante à do teatro, e que

abrigava o Tribunal de Justiça do Estado, queimara misteriosa e, depois, soube-se, criminosamente, em 19 de novembro de 1949, dando ensejo a que ali igualmente se erigisse um prédio moderno, que contrasta fortemente com a tendência de todo o entorno da praça, que abriga outros prédios históricos do século XIX, inclusive o da Catedral Metropolitana, em que pese seu estilo eclético – quer dizer, falta de estilo).

Parênteses merecido: o jornalista Rafael Guimarães escreveu e publicou, pela editora Libretos, em 2022, um interessante livro a respeito do episódio, “O incendiário”, que aborda a figura do espanhol Manuel de Aragón, um sujeito que costumava dar golpes financeiros na praça de Porto Alegre e que, na ocasião do incêndio, achava-se no Presídio. Ainda assim, ele conseguiu articular, não apenas este, quanto, um ano depois, o incêndio da repartição central da Polícia, tudo para encobrir, diz-se, crimes de apropriação indébita de bens de imigrantes alemães e italianos, durante a II Grande Guerra, por parte de policiais civis gaúchos. De qualquer modo, queimado o prédio e desaparecidos os documentos comprometedores, não houve qualquer cuidado quanto à harmonia arquitetônica do espaço e um prédio gigantesco, em nada condizente com o espaço, foi ali erguido, desfigurando definitivamente a área histórica de origem da cidade, que recebe os Poderes democráticos do Executivo, Legislativo e Judiciário (mais o religioso e o cultural, além do Ministério Público).



O Projeto Escondido

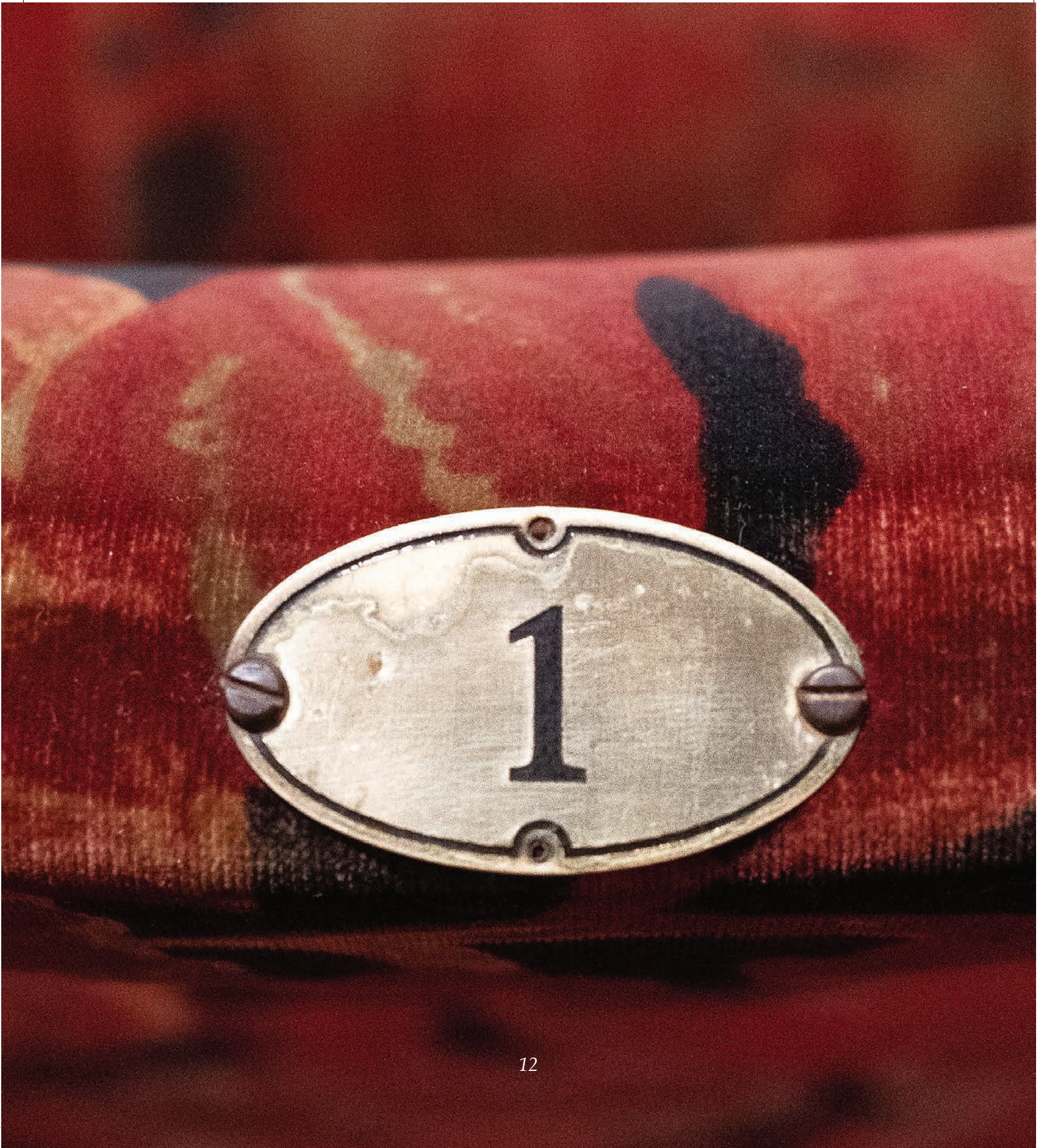
O projeto chegava a 17 mil metros quadrados, pois incluiria três andares destinados a estacionamento de automóveis, que serviriam tanto para os freqüentadores de ambas as casas de espetáculos, quanto para terceiros, aceitando mensalistas e locações rotativas, de modo a auxiliar no financiamento das atividades culturais. Também estava previsto um restaurante que serviria de apoio e de atração às atividades do teatro, colaborando igualmente para o auto-financiamento da instituição. O projeto original estava orçado em 22 milhões de reais e deveria ser desenvolvido ao longo de 3 anos. Quem lê estas linhas, neste momento, sabe bem que este enredo não teve o desdobramento projetado por Eva Sopher e sua equipe, pelos mais variados motivos, alguns dos quais serão aqui lembrados.

Os primeiros valores necessários à obra foram captados junto a empresas como Vontobel (assumiu a responsabilidade pela construção da concha acústica), Brasil Telecom (900 mil reais), Marco Polo, Votorantim (21 mil sacos de cimento) e Gerdau (estruturas de ferro e aço). Mas logo se viu que isso não seria suficiente para o que se planejava.

Uma das estratégias desenvolvidas por Eva Sopher, para manter a ideia do Multipalco sempre no horizonte da mídia e, através dela, dos porto-alegrenses e dos governos, tanto federal quanto estadual e municipal, foi promover um sem número de iniciativas que tivessem como referência aquele espaço.

No ano de 2002, por exemplo, prevendo-se que a concha acústica receberia uma programação de jazz, ocorreu, em 26 de novembro, uma noite dedicada ao jazz gaúcho, com a participação de Ivone Pacheco, Doctor Jazz Band Contrast Comb e Tom Maior. No mês seguinte, no dia 8 de dezembro, a entrega do 5º Prêmio de Direitos Humanos, iniciativa da Assembléia Legislativa, ocorria também naquele mesmo espaço.

Para alcançar os valores necessários, valia todo o tipo de iniciativa:



Rigotto foi um dos governadores mais próximos de Eva Sopher ao longo daquele período, mas nem sempre as coisas andaram com tranquilidade. Alguns anos depois, na gestão de Yeda Crusius, a nova titular da pasta da Cultura, Mônica Leal, promoveria um processo por alegado mau uso do dinheiro público por Roque Jacoby. O processo contra o ex-Secretário não tinha nenhuma lógica e a Justiça acabou por reconhecer a proibição de suas ações e o processo foi arquivado, ainda que tenha causado muita dor de cabeça ao ex-titular da Cultura estadual...

Outra batalha perdida foi que o projeto original do Multipalco previa uma passagem subterrânea pela rua Riachuelo, ligando a construção cultural com a galeria do prédio que então estava a se construir. Evidentemente, isto facilitaria muito a circulação de público por ambos os ambientes, mas a iniciativa foi obstada pelos técnicos da Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e não houve santo que alcançasse solução, levando Eva a desistir do projeto. Não era, na verdade, a primeira derrota neste quesito, porque, originalmente, o Multipalco deveria ser um prédio situado ao lado do Theatro São Pedro, mas todos os organismos vinculados ao patrimônio histórico – depois dos vexames dos prédios do Tribunal de Justiça e da Assembléia Legislativa – resolveram que isto não poderia ocorrer, obrigando a que o projeto se desenvolvesse subterraneamente. As consequências foram um significativo encarecimento do projeto original, porque a obra necessitou explodir as pedreiras que ali existiam e instalar vigas horizontais e verticais para receber a obra, ao mesmo tempo em que o prédio era “engolido pela terra”, tornando-se, de certo modo, misterioso e desconhecido do grande público.

Só recentemente, sobretudo a partir de 2018, as visitas guiadas ao Complexo Cultural Theatro São Pedro passaram a incluir os espaços do Multipalco, o que está sendo intensificado depois da inauguração do Teatro Oficina e demais dependências construídas, ao longo de 2022, com uma verba de R\$ 7,5 milhões de reais alcançada pelo Governo do Estado, iniciativa concretizada pela Secretária de Estado da Cultura, Beatriz Araujo, e liderada pelo Governador Eduardo Leite, no conjunto das ações estratégicas de governo do projeto “Avançar”.

Em fins de 2022, ao mesmo tempo, foi concluída a licitação e in-

dicada a empresa vencedora que tocará as obras de finalização do chamado teatro italiano do Multipalco, orçado em 17 milhões de reais, incluindo o projeto de alvenaria e os equipamentos de som e luz, outro valor repassado pelo Governador Eduardo Leite, garantindo, enfim, para 2025, a concretização de todo o projeto do Multipalco, quase três décadas depois de iniciado.

Registre-se que, desde a retomada das obras, a partir de 2021, os autores do projeto original foram chamados para retomarem a sua obra, primeiro, porque era uma questão de justiça e de respeito à autoria dos mesmos; de outro lado, por uma questão de lógica porque, tanto tempo depois de iniciado e paralisado o projeto, com novas legislações em vigência, havia que revisar o que fora idealizado e ninguém mais indicado para isso do que seus próprios criadores originais, o que, por consequência, inclusive, barateou todo o processo.



*M*as nem só de obras vivia o Theatro São Pedro e o Multipalco. Em maio de 2000, o Jornal do Comércio começava uma pesquisa então inédita, num projeto denominado *Marcas de quem decide**, que passaria a ocorrer anualmente. Ali se buscava descobrir quais as instituições mais lembradas, num certo conjunto de atividades mas, sobretudo, as mais preferidas. No segmento “espaço cultural”, o Theatro São Pedro despontou, desde aquele primeiro ano, nas duas categorias, e assim se tem mantido ao longo dos anos. Mais do que isso, o teatro tem aumentado seus percentuais de citações, o que evidencia um evidente crescimento de apoio e de presença na memória e no sentimento de bem querença do público pela instituição, inclusive durante os recentes e difíceis anos da pandemia de Covid 19, quando também o Theatro São Pedro foi obrigado a fechar suas portas. Entre 16 de março de 2019 e 27 de junho de 2021, a administração da casa, buscando contornar as dificuldades, concretizou parcerias e adotou novas tecnologias alternativas no sentido de retomar atividades, mesmo que remotas, já a partir de junho daquele mesmo ano de 2019.

Espetáculos gravados e transmitidos pelo canal *Youtube*, espetáculos de palco, com distanciamento e sem público na platéia; platéia com percentuais reduzidos de espectadores (no máximo 30%, depois 50%, com obrigatoriedade de máscaras e aferição de temperatura; organização de saída ao final dos espetáculos, etc.), foram iniciativas do teatro, primeira instituição a fechar suas portas, preventivamente, mas também a primeira a reabri-las, com programação constante, quando isso foi possível.

** Em 2023, o “Marcas de quem decide marcou os seguintes percentuais para o Theatro São Pedro: nas marcas mais lembradas, saltou de 56%, em 2021, para 61,5%, em 2023, enquanto, como marcas mais queridas, veio de 55%, em 2021, para 61%, em 2023; e o “Top of Mind”, da revista Amanhã, confirmou percentuais de 52,7% na votação, superando marcas dos anos anteriores, que foram, respectivamente, de 48,6% (2022) e 45,2%, em 2021.*

Além do mais, durante toda a retomada de sua programação, houve redução na cobrança de taxas de locação e de preços de ingressos, ao mesmo tempo em que parte da programação, gratuita, gerava o recolhimento de alimentos não perecíveis, entregues a instituições que apoiavam artistas (músicos, artistas de teatro, etc.) e depois populações com dificuldades de sobrevivência, como lares de idosos, comunidades indígenas e afro-brasileiras, etc. O Theatro São Pedro somou, deste modo, à atividade artística, uma finalidade social absolutamente necessária naquele momento. Como dissemos, quando da reabertura da casa, em junho de 2020: a arte tem a ver com a vida (Eros), não podemos promover a morte (Tánatos). Daí os cuidados de higiene desenvolvidos e as iniciativas de apoio alimentar às comunidades carentes.





Mas a preocupação com a vida abrangia múltiplos aspectos das ações do Theatro São Pedro. Por exemplo, naquela mesma semana de lançamento da pedra fundamental do Multipalco, em 2003, outra atividade estratégica acontecia: com o apoio da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, uma gigantesca figueira, de 10 metros de altura, que se encontrava nos jardins do teatro, onde a obra do Multipalco ocorreria, foi transferida para a Esplanada Correio do Povo, na confluência das ruas Sarmento Leite com Irmão Otão e Avenida Osvaldo Aranha. A árvore vingou, diga-se de passagem, e lá pode ser vista e admirada ainda hoje. Uma outra árvore, contudo, que aparece desde as primeiras imagens do teatro, ainda no século XIX, desenvolveu-se e se tornou parte do cenário. Esta paineira permaneceu bem ao lado do prédio do teatro (quem hoje em dia desce a escadaria de acesso ao restaurante e ao prédio do Multipalco, pode admirá-la). Gigantesca, à sua sombra as cinzas de Eva Sopher, pedido cumprido pelas filhas, foram ali espalhadas e hoje enfeitam um vistoso canteiro. A árvore é admirável por seu porte que, atualmente, ultrapassa em altura o próprio prédio do teatro, em que pese estar situada em patamar inferior ao mesmo. Sua sombra abriga e sua floração anual encanta a todos os que chegam àquele espaço. Hoje em dia, a seu lado abre-se a porta que dá acesso ao Memorial do Theatro São Pedro, criado com o apoio da RBS e organizado em três atos – referência à história da instituição, vinculando-a à arte que a caracteriza - o século XIX; o período de obras, entre 1975 e 1984; e as atividades contemporâneas, através de imagens, recortes de jornais e maquetes dos espaços da casa. O Memorial está aberto à visitação pública, salvo no período de obras, ainda que possa ser conhecido nas visitas guiadas que ocorrem periodicamente com grupos reduzidos.

Aliás, na minha coluna do dia 4 de abril de 2003, coluna semanal do Jornal do Comércio, eu registrava:

“ – Em meio a máquinas que rosnavam, guindastes que rangiam, público encarapitado em barrancos e subido em galhos de árvores, cadeiras de plástico

espalhadas por todo o terreno, assistimos os holofotes iluminarem uma inusitada, emocionante, dramática e poética versão do clássico *Romeu e Julieta*, de Shakespeare. A escolha do texto não poderia ser melhor, como metáfora de que o amor pode vencer obstáculos. Se os Montecchio e os Capuletto levaram à morte os amantes, o amor dos mesmos ficou celebrado, pelo tempo infinito, num texto dramático. Do mesmo modo, o amor de Eva Sopher pelo teatro e a cultura, pela cidade de Porto Alegre e pelo estado do Rio Grande do Sul, termina por reunir um exército incontável de empresários, políticos e cidadãos – boa parte dos quais anônima – para construir mais um sonho admirável: o Multipalco do Theatro São Pedro”.

Pouco antes de todo este espetáculo, uma homenagem ocorrera, mais que justa: inauguração de placa alusiva ao ator gaúcho José Lewgoy, então, recentemente falecido (16 de novembro de 1920 – 10 de fevereiro de 2003). Lewgoy, que participou de dezenas de peças de teatro, teve contribuição significativa para o cinema brasileiro. Também integrou os elencos de telenovelas, sobretudo da TV Globo. Tendo-se apresentado inúmeras ocasiões no palco do Theatro São Pedro, era mais do que justo que sua memória ficasse gravada nas paredes da instituição.



A etapa iniciada por aquela noitada, no entanto, não era de festividades e, sim, de muito trabalho. Mais que isso, de muito desafio: proibido o prédio do Multipalco, por questões de valorização do patrimônio histórico arquitetônico, como vimos, a saída foi fazer uma construção que submergisse no terreno. No entanto, esta era uma área extremamente difícil de escavar, pois formada essencialmente de pedra. Assim, a primeira necessidade foi dinamitar toda a pedreira, metro a metro, a fim de que a trepidação não afetasse os prédios do outro lado da rua Riachuelo. Assim sendo, Eva Sopher e sua equipe decidiram pedir a ajuda da Escola de Engenharia da UFRGS (Departamento de Minas, através do Professor Jair Koppe e de seus alunos): os professores engenheiros e estudantes fizeram diversos testes, em dezembro de 2003, com sismógrafos, para avaliar e acompanhar cálculos milimétricos para as explosões, de maneira a que nada fosse afetado no entorno. De qualquer modo, isso dificultava e atrasava as obras. Mas foi assim que ocorreu e, apesar de tudo, o período de escavações avançou dentro do cronograma previsto, ao longo de todo aquele ano de 2003.

Um outro acontecimento – mais alegre e mais festivo – contudo, movimentaria a comunidade cultural da cidade e, especialmente, aquela comunidade mais diretamente vinculada ao Theatro São Pedro: no dia 18 de junho, Eva estava completando 80 anos de vida, 28 dos quais dedicados inteiramente ao Theatro São Pedro e à fundação posteriormente criada e que, depois de reconstruir inteiramente o centenário prédio, agora avançava sobre o projeto futurista do Multipalco. Às 11 horas da manhã, a Assembléia Legislativa, através de seu Presidente, Deputado Estadual Vilson Covatti, entregava a Eva a medalha de “Mérito Farroupilha”, a mais alta condecoração da casa. A cerimônia ocorreu no Salão Júlio de Castilhos, da Assembléia Estadual. Na hora do almoço, o já então tradicional “Música ao Meio dia”, com um recital do pianista Max Uriarte e do clarinetista Diego Grandene de Souza, juntou-se às homenagens à benfeitora, com peças de A. Giampieri, S. Neukomm e C. Reinecke. Finalmente, às 20

horas, a Orquestra de Câmara Theatro São Pedro, sob a regência de Antonio Carlos Borges Cunha, realizava um concerto festivo, iniciado com *As quatro estações*, de Vivaldi. Antes do espetáculo, houve um brinde no *foyer* do teatro, com canecas especialmente criadas a partir de *design* de Renata Rubim e Caroline Buttelli, alusivo ao futuro prédio do Multipalco. Camargo Guarnieri, Guerra Peixe e Mozart completaram o programa. A aquisição das canecas garantia alguma verba para as obras, então recém iniciadas, do Multipalco. Por isso, o convite oficial, repercutido pela mídia, antecipava: “Dona Eva faz 80 anos, mas quem ganha é o Multipalco”. O concerto teve como mestre de cerimônias José Vitor Castiel, e muita gente vinculada às artes cênicas do país, como o diretor José Possi Neto, vieram especialmente para o evento.

Eva Sopher já recebera o título de Cidadã de Porto Alegre, em 1974, Somava, agora, a mais que justa homenagem do estado do Rio Grande do Sul, através de seu Poder Legislativo. Mais que isso, Eva Sopher vinha reunindo, em sua vida, iniciativas e acontecimentos marcantes para a cidade, como a apresentação inimaginável, então, da Orquestra Sinfônica de Israel, sob a regência de Zubin Mehta, em setembro de 1972 (ano do Sesquicentenário da Independência do Brasil, lembremos, o que facilitou bastante a concretização desta visita até então impensável).



Desde a reinauguração do Theatro São Pedro, Eva Sopher passara a ocupar uma sala no segundo piso da construção, desde onde administrava toda a atividade do teatro e, posteriormente, as obras do Multipalco. Esta sala, aliás, continua cuidadosamente preservada: ela funciona como uma espécie de museu vivo das atividades de Eva Sopher. Nos últimos anos, quando o prédio do Multipalco já se concretizara, o terceiro andar da construção passara a ser ocupado pela chamada Sala da Música, dedicada a atividades de música de câmara, pelas salas de aulas da ONG Sol Maior, que tem o apoio da Gerdau e faz parte dos diferentes convênios da Fundação Theatro São Pedro, inclusive enfatizando a preocupação social da instituição; uma sala multimídia para reuniões, leituras e conferências, e as dependências administrativas. Ali, num amplo espaço, todos os integrantes da equipe do Theatro São Pedro – seja os funcionários diretamente vinculados à fundação, seja os integrantes da Associação Amigos do Theatro São Pedro, e hoje em dia, também os funcionários da Orquestra Theatro São Pedro ocupam mesas de trabalho, agrupadas segundo as atividades de cada um, formando ilhas de ação, sem quaisquer divisórias. Quem entra no amplo espaço, dirigindo-se ao lado esquerdo, bem no canto, como que a se esconder, mas também como a buscar olhar a tudo e a todos, encontrará a mesa que, nos últimos anos, foi ocupada por Eva Sopher. Ao lado dessa mesa, a de João Antonio Porto, administrador do teatro. Eva costumava trabalhar neste espaço, onde podia conversar diretamente com todos. Mas quando precisava se concentrar ou receber alguma personalidade, subia para o segundo piso do teatro. Após seu falecimento, foi decidido preservar a antiga sala, no prédio do Theatro São Pedro que, inclusive, quando das próximas obras de prevenção de incêndio e de acessibilidade, será recuperada e redinamizada.

É importante resgatar-se uma reportagem de Zero Hora, infelizmente não assinada, justamente do dia 18 de junho de 2003, data destes 80 anos de Eva, que retrata o espaço físico de trabalho por ela ocupado:





“Quem entra na sala de Eva Sopher, no último andar do São Pedro, junto às galerias, percebe logo que é uma casa ecumênica. Num canto, uma enorme figa de madeira, ladeada pelos negrinhos (pequenas figuras de negros velhos). Mas há também uma pequena estátua de São Pedro e uma emblemática escultura de Dom Quixote e Sancho Pança. A dupla de Cervantes lutava contra moinhos de vento, mas Eva e sua família lutaram contra inimigos de carne, osso e uniformes na Alemanha de Hitler”.

Há várias histórias sobre o episódio que fez a família de Eva Margarete Plaut abandonar o país de origem e dirigir-se ao Brasil. Quando Eva recebeu a mais alta honraria da República Federal da Alemanha, titubeou um pouco em aceitá-la: guardava mágoas, ainda, de um povo e de uma nação que fora omissa e conivente com o processo de implantação, desenvolvimento e crescimento do nazismo, que redundou em milhões de pessoas assassinadas, pelo simples fato de serem judias, ou, para não morrerem, fugirem, abandonando tudo de seu, e se fixarem em novos países, como fez a família Plaut.

Outra questão que sempre ouvi Eva abordar, com decisão e muita força, é o fato de que ela se sentia mais brasileira do que muitas das pessoas nascidas no país. Porque ela resolvera adotar este país, nele permanecer e nele trabalhar, construindo toda a sua vida. Esta convicção, aliás, ela a levou até o final da vida. Por isso, estas homenagens, como as ocorridas na passagem de seus 80 anos, não eram simples vaidade, mas serviam para testemunhar o acerto de suas decisões quanto à cidadania brasileira, ratificando sua identidade e fazendo, claramente, com que ela sentisse ter reencontrado um lugar seu, onde fez família e ao qual dedicou o melhor de si, ao longo de toda a sua vida. Quem a conheceu de perto, como eu, sabe bem disso.

Não por um acaso, o então Ministro da Cultura do país, o cantor e compositor baiano Gilberto Gil, de passagem por Porto Alegre, fez questão de visitá-la e abraçá-la no dia seguinte ao de seu aniversário.

No ano seguinte, foi a vez de o Senado Federal, por iniciativa do senador Sérgio Zambiazzi, homenagear a diretora do teatro, com o Diploma Bertha Lutz, referência à pioneira da luta pelo voto feminino no Brasil.

Ao longo de todo o mês de junho daquele ano, a Associação Amigos do Theatro São Pedro desenvolveu convincente e permanente campanha de mídia no sentido de sensibilizar as pessoas a participar e contribuir com a obra. Os



anúncios, de dez centímetros de altura, com largura de toda a página dos jornais tablóides, traziam mensagens como estas:

- Um lugar para todo o tipo de música.
Mas por enquanto só tem bate-estaca
- Sinfonia das britadeiras. Todos os dias, no Multipalco
- É aquele tipo de obra com final surpreendente
- Estamos construindo um anexo.
Porque só “*Tangos e tragédias*” pode terminar na rua
- Uma obra complexa, mas bem mais fácil de entender
do que uma peça do Gerald Thomas.

As mensagens tinham a marca do bom humor e se valiam do próprio universo propiciado pelo espaço teatral, inclusive com menções a obras e a realizadores, todos, aliás, coniventes e de pleno acordo com as referências a seus trabalhos.

Gosto muito especialmente de algumas como

- Atenção! Homens atuando
- A maior montagem que Porto Alegre já viu.



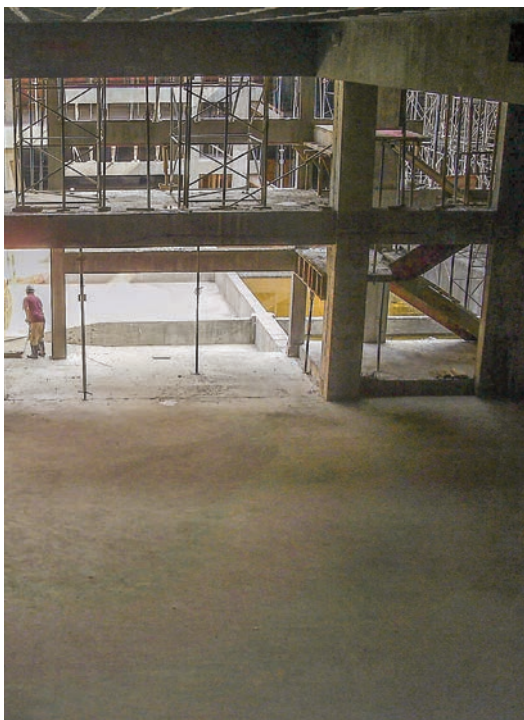
pher, que ontem fez 80 anos. Páginas 6 e 29

Eva e sua equipe dependeram, mais uma vez, das decisões de governos e, claro, das parcerias com algumas grandes empresas. No tempo da reconstrução do Theatro São Pedro, o então presidente Ernesto Geisel – e especialmente sua filha – foram decisivos. O governo do Estado havia se comprometido com metade do valor inicialmente orçado para as obras, mas isso acabou não ocorrendo. Assim, Eva corria sempre atrás do orçamento federal. Não foi desamparada. Agora, nas obras do Multipalco, repetia-se algo semelhante. Houvera um impulso inicial e, diga-se de passagem, decisivo, ao tempo do governador Amaral de Sousa, quando Eva propôs e conseguiu que o Estado iniciasse e desenvolvesse ação objetiva no sentido de desapropriar e unificar os terrenos laterais ao Theatro São Pedro, afim de ali construir o futuro Multipalco. O processo foi concluído na gestão de Amaral de Sousa, podendo-se ler, claramente, em cada uma das escrituras dos dezessete terrenos assim destinados ao teatro, que eles formariam um espaço onde seria construído um anexo do teatro.

Curiosamente, muitos anos depois, esta vinculação voltou à discussão quando da disputa entre a então diretoria da Associação Amigos do Theatro São Pedro e a presidência da Fundação Theatro São Pedro: a diretoria da Associação entendia que, enquanto a obra perdurasse, caberia a ela a exclusiva administração do imóvel. Alegava-se, então, que toda a ação fora realizada com dinheiro privado, esquecendo-se que renúncia fiscal, como aquela que ocorria com a Lei Rouanet, do Governo Federal, ou a LIC – Lei de Incentivo à Cultura, do Governo do Estado, lidavam, na verdade, com dinheiro público, pois o poder público renunciava a receber valores de impostos a ele devidos para investí-los em determinada ação, neste caso, as obras do Multipalco. E assim, de fato, foi feito, eis que apenas as colaborações de particulares e simpatizantes, mesmo a ajuda dos integrantes da Associação, mediante suas mensalidades, jamais atenderiam à gigantesca necessidade financeira da obra. Havia que ter investimentos mais robustos, propiciados apenas por empresas que, embora simpáticas à causa, evidentemente, viabilizavam suas contribuições através das legislações vigentes.



Nomes famosos também ajudam



Havia, pois, que manter sempre em vigor campanhas capazes de chamar a atenção da opinião pública – e, muito especialmente, das autoridades políticas, do Executivo aos Legislativos – para a grande batalha que se desenrolava nas entranhas das pedreiras que iam sendo desmanteladas e niveladas a detonações de TNT, ao lado do Theatro São Pedro, viabilizando o Multipalco. Assim, Beatriz Segall, Ney Latorraca e José Wilker, em outubro daquele ano, emprestaram suas imagens para uma chamada da nova campanha: “Para aplaudir o Ney Latorraca, tem que abrir a mão”. A campanha, liderada pela RBS – Rede Brasil Sul de comunicação, alertava para a possibilidade de se investir cem por cento do imposto de renda a pagar naquela obra. Todos os artistas foram clicados pela fotógrafa Dulce Helfer.

Num segundo momento, a campanha integrou artistas do próprio Rio Grande do Sul, como o diretor Julio Conte e o cantor e compositor Thedy Corrêa, da banda de rock *Nenhum de nós*. O sucesso foi enorme, e ao conjunto daqueles primeiros artistas, juntaram-se o diretor Luiz Paulo Vasconcellos, o grupo dos Fagundes – o cantor Belchior, a atriz Suzana Vieira, o músico Pedro Verissimo (neto do escritor Érico Verissimo, cuja obra tem uma forte impregnação da música, em todo o seu desenvolvimento). Logo depois, foi a vez de Edson Celulari e do grupo dos *Tangos e Tragédias*. Somaram-se, ainda, Paulo Autran (como não estaria ele ao lado da amiga Eva?!) e a veterana e querida atriz Carmen Silva. Todos queriam colaborar e acelerar, o mais possível, o desenvolvimento daquela obra: mas se o buraco cavado pelas detonações, nas pedreiras, se aprofundava (calculava-se chegar a dez metros de profundidade), também se ampliavam as despesas para o desdobramento da obra. E sempre havia que ter cuidados: o projeto de Multipalco estava diretamente vinculado ao espaço do Arquivo Público do Estado, projetado por Maurício Gras e construído entre 1910 -1918, constituindo o único prédio na América Latina idealizado especificamente para a guarda de documentos. O Multipalco, uma vez terminado, não só lhe faria vi-

zinhança, quanto misturaria espaços de um com o outro. De fato, hoje, quem circula, por exemplo, pelos corredores envidraçados do terceiro piso do Multipalco, vislumbra a todo o momento as arcadas e os janelões do Arquivo Público. Essa vizinhança garante silêncio e tranquilidade para as atividades artísticas, mas, igualmente, uma complementariedade contrastiva: o projeto do século XIX que se encontra com o projeto do século XX.

Em fevereiro de 2004, a Secretaria Municipal do Meio Ambiente, de Porto Alegre, seguindo a determinação da legislação vigente, publicava edital para Consulta Pública sobre Relatório de Impacto Ambiental das obras do Multipalco. Em julho do mesmo ano, Eva promovia uma reunião com profissionais da contabilidade, através de seu Conselho Regional, afim de sensibilizar aqueles profissionais a proporem a seus clientes que os mesmos transformassem eventuais valores devidos ao imposto de renda em investimentos no Multipalco.

Havia que discutir, com objetivos, os eventuais impactos, riscos e consequências da obra. Por exemplo, no dia 23 de outubro de 2004, Zero Hora publicou uma fotografia de duas colunas, sob a chamada “Susto no Multipalco”, dando conta de que, na tarde anterior, um grande caminhão, sobre cuja caçamba se colocava um guindaste, no momento em que içava um contêiner havia perdido seu equilíbrio e tombara num dos buracos da escavação, felizmente, sem quaisquer feridos. Previa-se para o dia seguinte desvirar o caminhão, liberar o terreno e retomar as atividades. Fora só um susto... mas um bom susto...

Jornal do Comércio
Porto Alegre

Sexta-feira e fim-de-semana
5, 6 e 7 de março de 2004

Fernando Albrecht

Começo de conversa



FOTOS: JOÃO MATOS/IC

Diálogos possíveis

Na manhã do evento Marcas de quem Decide do JC, o empresário Jorge Gerdau Johannpeter manteve uma conversa com dona Eva Sopher. Sem saber do que falavam, alguns observado-

Valia tudo: o Jornal do comércio, de Porto Alegre, em sua múltipla edição de fim de semana, no dia 5 de março daquele ano, publicara uma série de fotografias de uma conversa ao pé-do-ouvido ocorrida entre Eva Sopher e Jorge Gerdau Johannpeter. Era a divulgação do resultado da pesquisa que consagraria, nos anos vindouros, o Theatro São Pedro, no *Marcas de quem decide*, promovido pelo JC. O jornalista Fernando Albrecht, que divulgou as imagens, conjecturava que Eva fora enfática, junto ao empresário, de tal maneira, ao pedir maior apoio à obra que comandava, que o levava às lágrimas (lembremos que a Gerdau sempre foi uma das mais decisivas parceiras do Theatro São Pedro e do Multipalco, ao longo de décadas, situação que perdura neste momento: o projeto de acessibilidade e de prevenção de incêndio, no valor aproximado de 20 milhões de reais, através da Lei de Incentivo à Cultura do Governo Federal, é financiado parcialmente pela Gerdau, por decisão pessoal, tanto de Jorge, quanto de seus filhos e demais diretores da empresa, André Johannpeter e Paulo Boneff).

A partir da metade de 2004, uma nova campanha para angariar fundos para as obras do Multipalco, valendo-se de valores devidos ao imposto de renda, começou a ser desenvolvida, desta vez com apoio explícito do próprio Governo do Estado (afinal, era dinheiro que ficaria investido no Rio Grande do Sul). Germano Rigotto, que desde a primeira semana de sua administração, através do Secretário de Estado da Cultura, Roque Jacoby, deixara clara sua decisão de fazer andar aquela obra, amplia os movimentos para concretizar sua promessa.



A campanha, mais uma vez, apelava ao bom humor, com uma cena de teatro, ou de futebol, em que se lia: “Já que você está acostumado a FAZER TEATRO, ajuda a construir o Multipalco”.

Eva utilizava toda e qualquer oportunidade para mobilizar eventuais contribuintes e colaboradores, como a Associação de Cidadãos Eméritos de Porto Alegre, composta por aquelas pessoas que, em não sendo nascidas na capital gaúcha, haviam recebido um título de cidadão emérito da Câmara Municipal de Porto Alegre, assim como ela própria.

No final de 2004, outra campanha insistia na sensibilização dos pagadores de imposto de renda para que os mesmos transformassem seu débito em apoio à obra do Multipalco. A chamada agora era: “Quem dá a mão para o Multipalco dá a mão para o teatro” e trazia imagens, dentre outros, de Fernanda Montenegro, uma vez mais, através de fotografias de Dulce Helfer. O entusiasmo mantinha uma projeção de que a obra se concluísse em 2006.

No dia 31 de março de 2005, Eva Sopher comemorava trinta anos no comando da Fundação Theatro São Pedro e uma série de iniciativas foram programadas, inclusive um tradicional bolo com trinta velinhas que ela teve de apagar todas de uma só vez... O objetivo maior sempre era garantir recursos para a obra do Multipalco. Naquela data, aliás, voltava-se a confirmar a inauguração do complexo cultural no ano de 2006. Avaliava-se, então, que cerca de 80 por cento dos recursos necessários já haviam sido captados.

No mês de junho daquele ano, uma nova campanha para angariar fundos, a partir dos valores devidos ao imposto de renda, foi lançada pelo Multipalco. A chamada sintetizava a importância que a nova obra deveria ter junto à comunidade: imagens como um cantor de ópera se apresentando para uma platéia em uma sauna, ou bailarinas de balé clássico realizando uma performance dentro de um elevador, culminando na clássica cena de *Romeu e Julieta*, desdobrada dentro de uma banheira, cuja cortina separaria o palco ideal e sua platéia, chamavam a atenção do público para a importância da iniciativa de Eva Sopher e de sua equipe: “Viu como um palco faz falta? Colabore com o Multipalco” e prosseguia: “A sua doação é muito importante para ajudar a construir o maior complexo cultural da América Latina”.

Chegando o final deste ano de 2005, a idealizadora do Multipalco jogava uma cartada decisiva: anunciava a inauguração do complexo para o dia 20 de se-



tembro do ano seguinte: vinculava, portanto, a data, aos festejos farroupilhas, bastante valorizados pelos sul-rio-grandenses. Efetivamente, no dia 20 de setembro de 2005, Eva Sopher, com a presença do Governador Germano Rigotto e do Secretário de Estado da Cultura, Roque Jacoby, numa entrevista coletiva de imprensa, iniciava a contagem regressiva para a inauguração da obra: “Não faltou ousadia, coragem e, modéstia à parte, competência para chegarmos até aqui. Agora estou passando a co-responsabilidade pelo término [da obra] ao secretário e ao governador” sintetizou ela. Coroando o movimento, na noite de 21 de setembro, os então integrantes da Orquestra de Câmara do Theatro São Pedro, em trajes de gala, mas com capacetes de proteção de obras, apresentaram-se em concerto, nos espaços em construção do Multipalco. Um espetáculo de iluminação marcou a noite, quando foi inaugurado um relógio digital que faria a contagem regressiva para a data de inauguração do complexo.



Revisando a Obra

Na verdade, durante a gestão de Rigotto, as coisas avançaram, mas na administração seguinte, de Yeda Crusius, as dificuldades se avolumaram. Bem ou mal, contudo, no dia 13 de fevereiro de 2006, o trânsito foi interrompido, durante quase 24 horas, para a colocação de três vigas da cobertura do teatro italiano do Multipalco. O projeto original previa uma platéia capaz de receber o mesmo número de espectadores do Theatro São Pedro, de modo que poderia, no futuro, haver alternância nas temporadas entre ambas as casas. O projeto, contudo, acabou paralisado, e só foi retomado ao longo de 2022, por iniciativa da Secretária de Estado da Cultura e do Governador Eduardo Leite, no contexto do projeto “Avançar na Cultura”: depois de destinar R\$ 7,5 milhões de reais para a finalização das obras do chamado teatro oficina, sala de dança e sala do circo, além de camarins e outros espaços projetados para os quarto e terceiro andares, o Governador atendeu ao pedido de Beatriz Araujo e liberou mais 17 milhões para a conclusão do chamado teatro italiano. O projeto, contudo, precisou ser revisto: Evandro Matté, maestro da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre e da Orquestra do Theatro São Pedro dera-se conta de que o fosso de orquestra originalmente planejado receberia apenas uma orquestra de câmara, quando o teatro, por suas dimensões, poderia abrigar espetáculos com participação de uma orquestra sinfônica, o que viabilizaria temporadas de óperas, por exemplo. Propôs ele uma revisão do projeto, o que foi apoiado pela administração do Theatro São Pedro, com o aval da Secretária Beatriz Araujo. Afinal, se os portoalegrenses, em 1833, foram capazes de propor a utopia de um teatro das dimensões do São Pedro, numa cidade de não mais que 20 mil habitantes, realizando aquela obra, entre 1850 e 1858, que neste ano completa seus 165 anos de existência, por que os administradores contemporâneos não poderiam igualmente ousar um pouco mais e projetar algo com maior amplitude e durabilidade? Assim, a partir das observações de Evandro Matté que, além de músico e de regente de orquestras, tem formação de engenharia civil, os autores originais da obra, Júlio Collares, Dalton Bernardes e Marcos Peres foram chamados

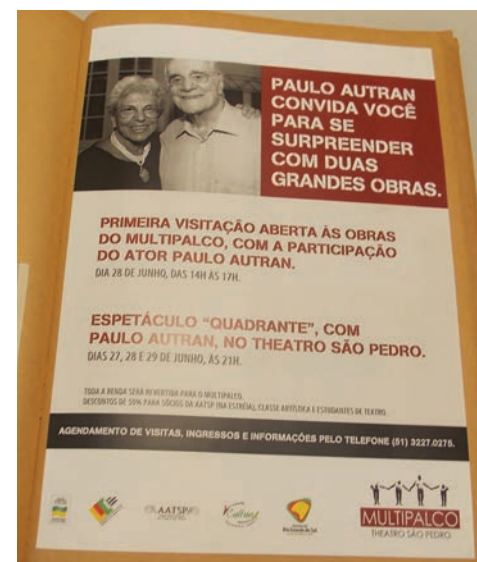
e aceitaram a empreitada: a parede do fosso de orquestra seria recuada e haveria uma revisão nos cálculos de acústica da construção. Isso demandou cerca de seis meses de trabalho, mas a licitação, lançada no segundo semestre de 2022, para a retomada das obras, já previa estas atualizações e a empresa vencedora, a partir do edital concluído no dia 29 de dezembro, com um prazo de dois anos de trabalho, deverá, efetivamente, incluir esta construção.



Muitos prêmios, mas pouco dinheiro

Eva e seus colaboradores esperneavam, e faziam de tudo para fazer avançar as obras. Contavam com apoios significativos, como o fato de o recém criado Projetos Culturais da RBS, em parceria com o Banrisul, ter destacado, em sua edição de 2005, a obra do Multipalco. A equipe também ganhou o prêmio profissionais do ano, e a Rede Globo reconhecia a campanha “Viu como um palco faz falta?” como a melhor da temporada. A campanha era uma produção da agência Dez Propaganda, concretizada pela Academia de Filmes e a Plug Produções Fonográficas, a partir de criação de Carlos Saul Duque, Mauro Dorfman, Luiza Ollé, Gustavo Cavinato, Leonardo Garcia e Patrick Matzenbacher, com direção de Gabriel Rubim – não por um acaso, neto de Eva. Gabriel voltaria a realizar um outro trabalho para o teatro, desta vez, dirigindo a própria avó, quando Eva Sopher se tornava a garota propaganda da campanha para aquisição de fundos para a obra do Multipalco, em novembro de 2005.

No dia 28 de junho de 2006, outra iniciativa ganhava corpo: o ator Paulo Autran convidava pessoalmente os interessados a fazer a primeira visita pública às obras do Multipalco. O candidato deveria agendar a visita por telefone, mediante um ingresso que lhe dava direito, ainda, a assistir ao espetáculo “Quadrante”, que o ator realizaria no palco do Theatro São Pedro, um conjunto de poemas e de textos variados interpretados por Autran e que ele repetiria ao longo de muitos anos, tal a extraordinária receptividade do espetáculo. Na verdade, completavam-se três anos da retomada efetiva das obras e todos os esforços eram feitos no sentido de se concretizarem os prazos: faltavam apenas dois meses! Contudo, poucos dias antes, 21 de junho, Luís Bissigo, em Zero Hora, trazia a real situação da obra, já na manchete da reportagem: “Devagar, quase parando”. O texto, traduzindo a posição da equipe do Multipalco, voltava a responsabilizar a burocracia e a demora das decisões do Conselho Estadual de Cultura pelos atrasos. No dia 28, bem ou mal, Paulo Autran cumpriu a promessa e liderou a primeira visita pública oficial, amplamente acompanhada pela imprensa. Con-



tando inclusive com a presença do Governador Germano Rigotto, Autran, que estreara no Theatro São Pedro em 1957, e lá se apresentara dezenas de vezes com os mais diferentes espetáculos, tornara-se garoto-propaganda da obra de reconstrução daquela casa, em 1982, e voltava a se engajar na nova campanha, antecipando: “Se a natureza me deixar viver até lá, com toda a certeza [participei de um espetáculo de inauguração do Multipalco]”. Não foi só a natureza que não permitiu: Paulo Autran morreu no ano seguinte, 2007, de um câncer. Mas a burocracia também ajudou a que esta promessa não se concretizasse. A visita de Autran, aliás, teve a participação da atriz Carmen Silva que, embora tenha desenvolvido boa parte de sua carreira fora do estado, é gaúcha e nos últimos anos havia retornado ao estado. Ela faleceria em 2008.

Entre os dias 2 e 3 de agosto daquele mesmo ano de 2006, o novo Secretário de Estado da Cultura, o cantor Victor Hugo, aproveitou a passagem dos dez anos de criação da Lei de Incentivo à Cultura para fazer um seminário que reavaliasse a proposta, atualizando-a e estudando possibilidades de seu desdobramento. Com um valor congelado de 28 milhões de reais, a LIC não dava conta das solicitações, frustrando muitos dos artistas que almejavam algum apoio a partir daquele dinheiro. As propostas se multiplicaram, desde a idéia de limitar valores máximos a serem captados, até a possibilidade de os municípios também criarem suas próprias legislações, descomprimindo a pressão sobre o orçamento do Estado.

Chegou o dia 20 de setembro e a inauguração não aconteceu. No dia 23 de novembro do ano anterior, os jornais já haviam noticiado que a burocracia estava emperrando a obra: o Conselho Estadual de Cultura não teria liberado valores esperados pelo Multipalco, por complexidade das exigências burocráticas não cumpridas pela Associação Amigos do Theatro São Pedro que, então, respondia por toda a obra. O Presidente do Conselho, por seu lado, defendia-se, dizendo não haver interesse da instituição em atrasar quaisquer obras, mas que não haviam sido entregues documentos exigidos, inclusive liberações do IPHAE – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. O responsável pela associação, por seu lado, reafirmava que as obras, em ritmo mais lento, prosseguiriam, garantindo a próxima montagem das redes hidráulica e elétrica e prometendo a inauguração para 2008, ainda que de obra incompleta: o prédio começaria a funcionar naqueles setores acabados e que pudessem ser usados.





No dia 16 de agosto, já antecipando a impossibilidade da inauguração, Eva Sopher envia mensagem através da coluna “Palavra do Leitor”, do jornal Zero Hora: “Comunico da impossibilidade de inaugurar o Multipalco no dia 20 de setembro, conforme inicialmente planejado. Dependemos das liberações da lei estadual de Incentivo (LIC). O processo burocrático e administrativo é complexo, envolvendo várias instâncias, como o Conselho Estadual de Cultura, as secretarias da Fazenda e da Cultura, e o Instituto de Patrimônio Histórico, entre outras. Mas o Multipalco é irreversível e, graças ao apoio dos nossos parceiros, assim que retomarmos nosso fluxo de caixa normal, poderemos agendar nova data para a inauguração”.

O tempo foi passando. Eva, idosa e começando a enfrentar problemas de saúde, persistia em sua luta. Em 2008, por exemplo, alcançara uma significativa vitória: a Vonpar (então produtora da Coca-Cola) decidira-se a investir um milhão de reais na obra, o que significaria, segundo antecipava Eva, a conclusão do terceiro piso do Multipalco, aquele em que hoje se encontra, por exemplo, a Sala da Música e as dependências administrativas. O orçamento inicial de 20 milhões já chegava aos 36 milhões, projetando-se uma necessidade de mais 18 milhões para a conclusão de todo o projeto.

A principal consequência deste aporte foi, enfim, o anúncio de uma inauguração, ainda que parcial, das obras. No dia 24 de março de 2009, Zero Hora anunciava: “Primeira etapa do Multipalco será inaugurada nesta sexta na capital”. A área liberada para o público incluía a atual concha acústica, com mais de 3 mil metros quadrados, e o espaço do futuro restaurante, que seria imediatamente licitado, para rentabilizar algum dinheiro para as obras que deveriam continuar.

O “Espaço Vonpar”, como foi denominado, fazia com que o prédio do Multipalco, até então subterrâneo, chegasse à luz do dia. Naquele piso, entre a concha acústica, o restaurante e o prédio do próprio Teatro São Pedro, construir-se-iam jardins e haveria uma passagem pública, começando na Praça Marechal Deodoro e, através de uma alameda, através de escadarias, chegaria à rua Riachuelo.

No futuro imediato, contudo, esta abertura não poderia ser usada, por questões de segurança, devido à falta de pessoal que acompanhe a movimentação da alameda, afim de evitar assaltos, mau uso do espaço ou facilitação para eventuais roubos de material da obra. A situação atual é a mesma, ainda que a alameda

e os jardins estejam hoje revitalizados, graças aos esforços voluntários de Selmar Bernstein, proprietário do Du'Attos Restaurante, locatário do espaço que, nos horários livres, sobretudo depois dos almoços, a partir das 15 horas, com muito gosto se transforma em jardineiro cujos frutos têm sido amplamente elogiados por todos os que frequentam o espaço. Além do mais, nos anos subsequentes, ali começariam a ser realizadas feiras aos finais de semana, em iniciativa da Associação Amigos do Theatro São Pedro, atividade hoje retomada, ocorrendo uma “Feira criativa” mensal, num domingo a cada mês, com atividades que ocorrem a partir das 11 horas da manhã e se desenvolvem até cerca das 18 horas, com artesanatos variados, petiscos e bebidas artesanais, das cervejas aos licores e vinhos gaúchos de pequenas adegas



Este é o Max, que Dona Eva transformou em sua companhia e guarda pessoal.

À luz do Sol

No dia 26 de março os jornais puderam estampar diferentes manchetes que traduziam os múltiplos modos de ver o surgimento do Multipalco: “Surge o Multipalco”, escreveu o Correio do Povo, enquanto Zero Hora anunciava: “Multipalco em cena”, levando o leitor a uma visita informal aos diferentes espaços da nova construção, através de um infográfico. O Jornal do Comércio, contudo, foi o mais feliz e o mais justo; com uma enorme fotografia de meia página de Eva, junto ao palco da concha acústica, sentenciava: “Vitória da persistência”.

O ato comemorativo ocorreu, de fato, no dia seguinte, 27 de março, Dia Internacional do Teatro. Uma área de 3,3 mil metros quadrados, compreendendo a concha acústica, o espaço do restaurante e os jardins ao lado do casarão do Theatro São Pedro foram apresentados e liberados para o público. Na verdade, o que se entregava era bem mais que isso, porque, por debaixo destes espaços, estava submerso o prédio de cinco andares em que já estavam bastante adiantadas as obras da área administrativa, da Sala da Música, do Teatro Oficina, do Teatro Italiano, camarins e banheiros, salas de estudo e os três pisos de estacionamento que ajudariam a financiar os custos de funcionamento do complexo. Esta área, contudo, ainda não podia ser visitada ou utilizada pelo público. De qualquer modo, Eva Sopher vencera o desafio. Daqui para a frente, ninguém poderia duvidar do utópico projeto. A presença das atrizes Eva Wilma, Nathália Timberg e Marília Gabriela enfatizou a importância do momento, marcado por um concerto da Orquestra de Câmara do Theatro São Pedro, ainda uma vez regida por Antonio Carlos Borges da Cunha que, depois dos hinos nacional e sul-rio-grandense, e diante da então governadora Yeda Crusius, interpretou a *Bacchianas Brasileiras nº 5*, de Heitor Villa-Lobos e outras composições suas.

Conforme reportagem de enorme destaque em Zero Hora do dia 15 de março, a obra redundara em 50 mil metros cúbicos de rochas e pedras retiradas da área que formava uma cratera de quase vinte metros de profundidade, bem no centro da cidade. Com 60% do projeto já realizado, a



partir das complexas escavações e implantação de fundações, o Multipalco, segundo Eva, “agora não tem mais volta”. O projeto, ambicioso, era assim sintetizado pelo arquiteto Marco Peres: “é um projeto para abraçar um complexo de atividades simultâneas e nunca restritivas. Era um desafio projetar em um terreno de 2,3 mil metros quadrados uma construção de 16 mil metros quadrados. O projeto que fizemos, há 13 anos, desde o início teve como objetivo buscar as melhores soluções para a área”.



| 46 | Pelo Rio Grande/Região Metropolitana > ZERO HORA > QUINTA | 23 | NOVEMBRO | 2006

Cultura Complexo do Theatro São Pedro deve ter inauguração apenas em 2008

A obra

Burocracia paralisa obra do Multipalco

As obras do Multipalco do Theatro São Pedro, iniciadas em 2003, estão praticamente paralisadas há um mês. A previsão inicial era de que a inauguração do complexo cultural tivesse se realizado neste ano, em 20 de setembro.

A expectativa atual é de que ela ocorra somente em 2008, e parcialmente – os setores do prédio que forem finalizados primeiro poderão começar a funcionar antes da conclusão total dos trabalhos. O dinheiro está sendo captado por meio da Lei de Incentivo à Cultura (LIC), que prevê descontos no ICMS para empresas que fazem doações. Segundo o coordenador-geral do projeto, José Roberto Diniz de Moraes, a liberação das verbas está estancada em trâmites burocráticos. Os projetos que se beneficiam da LIC devem ser aprovados pelo Conselho Estadual de Cultura.

– O que falta são pareceres técnicos da coordenação da LIC. O conselho tem processos complicados, os procedimentos e as exigências vão mudando. Apareceu em março a necessidade de novos pareceres. Desde setembro de 2005 não recebemos recursos da LIC. O atraso está nos causando um custo administrativo muito alto – afirma Moraes.

O presidente do Conselho Estadual de Cultura, Guilherme de Souza Castro Neto, diz que o projeto foi analisado o mais rápido possível em março e que faltavam documentos: – O projeto saiu do conselho e não voltou mais. Ele está dependendo do Iphae (*Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado*). O conselho não tem nenhum interesse em atrasar o projeto.

A fase atual das obras depende de liberação de verba para que sejam montadas as redes elétrica e hidráulica. Os trabalhos não estão completamente interrompidos. – Estamos tocando alguns serviços já pagos – diz Moraes.

O orçamento total é de R\$ 36 milhões. Já foram aplicados R\$ 16 milhões. Está concluída cerca de 40% da construção, que já tem 70% da alvenaria e todo o concreto feito. Falta a colocação da sobrelaje do prédio.

O QUE ESTÁ PREVISTO

- Um novo teatro de 600 lugares
- Sala para corpo de baile
- Sala adequada para os ensaios da orquestra de câmara do teatro
- Teatro-escena com capacidade para 250 pessoas, voltado a grupos alternativos e do interior do Estado
- 11 salas de aula para workshops e cursos
- Concha acústica ao ar livre
- Um novo restaurante para 250 pessoas
- Espaço para quatro lojas de conveniência
- Estacionamento em três subsolos, com capacidade para 240 veículos

WAZEMER/DA VEZEMER/CPM

A matéria antecipava os espaços projetados, como o teatro italiano, de 600 lugares (o teatro italiano até agora inacabado e cujas obras se reiniciaram no primeiro semestre de 2023, projetado para dois anos de construção), o Teatro Oficina (para 200 lugares, inaugurado em 27 de março último, com um pequeno valor buscado junto ao Governo Federal, através da então Secretaria de Cultura do Ministério do Turismo (250 mil reais), e uma complementação, de cerca de 6 milhões, alcançado no conjunto dos 7,5 milhões de reais propiciados

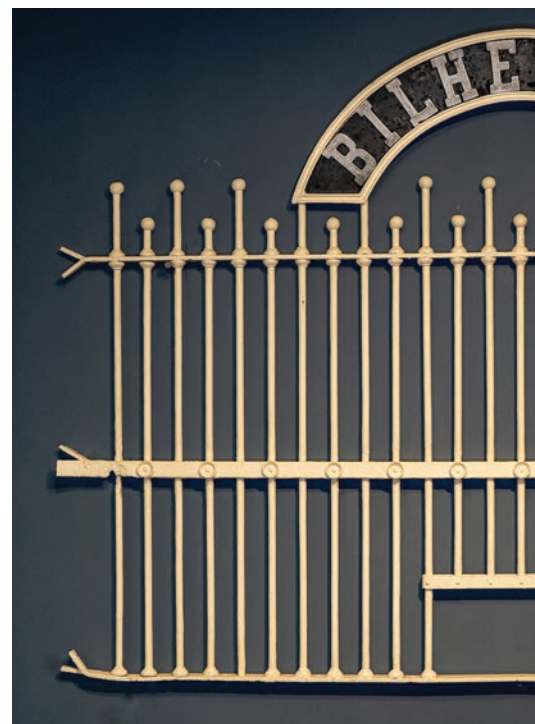
pelo Governo do Estado no projeto “Avançar”. Previa-se igualmente um espaço exclusivo para a Orquestra de Câmara do Theatro São Pedro que, existente há 15 anos, ainda não possuía um espaço próprio, o que seria alcançado através de investimento da Gerdau.

Por iniciativa da Secretária de Estado da Cultura, Beatriz Araujo, a Fundação Theatro São Pedro abriu uma consulta aos artistas lembrados com o Troféu Eva Sopher, desde sua criação, e aos diretores e coordenadores de cursos de teatro de todo o estado. A partir dos cinco nomes mais votados, fez-se uma votação pública, na página do teatro, redundando em Olga Reverbel, escolhida por 54% dos eleitores. Assim, o Teatro Oficina Olga Reverbel abriu suas portas, no dia 27 de março de 2023.

Mas se empresas de porte, de qualquer modo, abraçavam a idéia de investirem no projeto, também pessoas anônimas, como Dona Guilhermina Rodrigues Sousa, então com 72 anos de idade, aposentada do Palácio da Justiça, podiam, através da Associação Amigos do Theatro São Pedro, ajudar com 60 reais mensais, conforme o jornal. Pelas contas de Zero Hora, apenas num ano haviam sido arrecadados cerca de R\$ 600 mil reais... E assim, com valores maiores e com dinheiro miúdo, como se diz, a obra ia avançando.

“Eu não vou falar de mim e de mais um sonho que graças a Deus está sendo realizado. Eu só vou agradecer, em nome desta cidade, que ganha um complexo cultural moderno, de forma inédita no Brasil, ao lado de um teatro centenário como o nosso”.

Na verdade, o agradecimento de Eva Sopher estava diretamente dirigido aos diretores da Vontobel, os irmãos Ricardo e Rodrigo que, ao lado do pai, João, decidiram investir um milhão de reais, mesmo sem o apoio da Lei de Incentivo à Cultura, que estava dificultando as obras do Multipalco. Este detalhe foi importante, como referência de um apoio efetivo mas, sobretudo, estratégico, porque permitiu à equipe de Eva Sopher chegar a uma etapa em que já se podia entregar para o público uma realização concreta: isso poderia e deveria ajudar a incrementar a arrecadação dos valores restantes necessários, algo perto dos vinte milhões de reais (valores da época).



A Concha Acústica



A concha acústica passou a receber uma programação diversificada: no dia 1º de abril, espetáculo da Companhia de Dança de Edson Garcia (significativamente, o espetáculo se chamava “Derrubando tabus”...); no dia 3 de abril, o show da The Hard Working Band, com repertório de *soul music*; no dia 15, a Companhia de Ópera trazia trechos conhecidos de árias famosas, tendo à frente o tenor Decápolis de Andrade. O primeiro espetáculo teatral a ocorrer na concha surgiu no dia 28 de abril, a peça infantil *A Arca de Noé*, dirigido por Zé Adão Barbosa, buscando, portanto, o público de menor idade que era, deste modo, também chamado a integrar-se àquele espaço.

No dia 8 de maio, foi a vez da própria Orquestra de Câmara do Theatro São Pedro realizar um concerto naquele espaço, antecipada, no dia 5, por outro concerto, mas este de música popular, a cargo da Orquestra Porto Alegre de Espetáculo, regida pelo maestro Garoto. Ou seja, o Multipalco buscava diversificar o mais possível as suas atrações, a fim de garantir o interesse do público variado que era seu potencial frequentador. No final de maio, era a vez do espetáculo *Best dos Beatles*, dos músicos Michel Dorfmann, Paulo Rosa e Rafael Marques, enfocando, evidentemente, a música do conjunto inglês.

No dia 19 de julho, a Orquestra de Flautas Villa-Lobos ocupava o espaço da concha, revelando crianças que integravam aquele conjunto, seguindo-se imediatamente, no dia 16 de agosto, um outro espetáculo inusitado, um concerto da Orquestra Gaúcha de Viola Caipira, com 67 músicos entre 7 e 84 anos, com base na cidade de Sapiranga, mas também ensaiando em Araricá. O projeto, iniciado por Eugênio Mello, recebeu apoio do maestro paulista Rui Törnese. O sucesso foi tamanho que, para o concerto natalino, no final daquele ano, a orquestra voltou a ser convidada. Encerrava-se, assim, a temporada inaugural do espaço e, de certo modo, as próprias atividades do Multipalco.

Para se poder bem avaliar a repercussão da inauguração, até a revista Caras, em sua edição 8905, de 10 de abril, dedicou uma página ao acontecimento.

**MUITO JÁ FOI FEITO,
MAS AINDA HÁ MUITO A SE FAZER.**

**AJUDE A CONCLUIR
O MULTIPALCO.**

ATSP
ASSOCIAÇÃO AMIGOS DO THEATRO SÃO PEDRO

MULTIPALCO
THEATRO SÃO PEDRO

Maiores informações: 51 3211.1138 www.multipalco.com.br

Mas havia mais coisas a serem reveladas nos espaços recém entregues ao público. Por exemplo, o fato de que as coberturas, tanto do restaurante, quanto do prédio subterrâneo que ali se aprofundava, eram constituídas pelo chamado telhado verde, opção de Eva Sopher, cuja iniciativa aproximava o Multipalco da Associação de Telhados Verdes do Brasil, por seu lado afiliada à internacional *Worldgreenroo.org*, sendo que em outubro o *case* da construção seria apresentado em Toronto, na conferência *Cities Alive*, que ocorreria naquela capital.

Ao longo de todo o primeiro semestre de 2010, alternaram-se espetáculos na concha acústica, chegando-se a seu primeiro ano de funcionamento, em 27 de junho, quando Isabela Fogaça foi a grande convidada: na verdade, em 25 de março daquele mesmo ano (de novo, a referência ao Dia Internacional do Teatro, que ocorre a 27 de março), outra etapa da épica construção fora também entregue ao público, a fachada da rua Riachuelo e, com ela, o estacionamento de três andares, que passou a ficar disponível para o público, sendo administrado diretamente pela Associação Amigos do Teatro São Pedro. O estacionamento funciona diariamente, das 7 horas da manhã até as 19 horas, e nos horários dos espetáculos dos teatros, ou da concha atende ao público que os demande, permanecendo aberto até uma hora depois de encerrada a apresentação. Conta com o sistema de mensalista, bem como aceita a locação rotativa, com preços diferenciados para os integrantes da associação, bem como para os espectadores das diferentes atrações culturais, que encontram um preço reduzido e fixo. Segundo uma manchete do Correio do Povo, a próxima etapa de obras estaria centrada na finalização do terceiro andar do prédio, com sua sala da música, dependências administrativas e alguns espaços para aulas, ensaios e reuniões.

Eva Sopher continuava sem desperdiçar oportunidade para destacar o Multipalco. Assim, na coluna de Zero Hora, intitulada “Informe Especial” (25 de abril de 2010), iniciava-se uma simpática prática de se estamparem imagens de fotografos amadores. Naturalmente, a primeira convidada foi Eva, que aproveitou uma imagem das festividades do primeiro aniversário da concha acústica, em pleno funcionamento. O ângulo da imagem era inusitado, porque tirada desde a escadaria lateral do Teatro São Pedro, apanhava, em primeiro plano, o bloco do restaurante e, no fundo, a concha acústica, lotada de público, durante um dos espetáculos comemorativos àquele aniversário.

No final de 2010, a equipe do Multipalco voltou a buscar a captação de



investimentos a partir de valores devidos ao imposto de renda, lançando uma nova campanha, chamada “Falta pouco. Mas ainda falta” e insistindo para que as pessoas destinassem seus valores devidos ao fisco federal para as obras daquele complexo cultural, tendo ainda a vantagem de que o dinheiro ficaria no próprio estado. Um violonista e uma bailarina ilustravam as duas peças da campanha. Um alento significativo ocorreu no dia 26 de março de 2011 quando, às vésperas do Dia Internacional do Teatro, o então governador Tarso Genro fez uma visita oficial às obras do Multipalco. Eva não perdeu a ocasião para expressar otimismo, criticando sutilmente, à ex-governadora Yeda Crusius que, ao longo de seus quatro anos de gestão, jamais visitara o complexo cultural.

Demandado em ajudar à conclusão das obras (projeção de R\$ 18 milhões ainda necessários), Tarso não se comprometeu com valores ou datas, mas garantiu que criaria um grupo que, em trinta dias, apresentaria cronograma de trabalho para buscar a captação do valor necessário. No encontro entre Eva e Tarso, estava presente, dentre outros, o escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, então Secretário de Estado da Cultura que, evidentemente, dava um forte aval à promessa.

59 Geral

ZERO HORA SEXTA-FEIRA, 26 DE MARÇO DE 2010

NOVO PALCO

Já dá para ter uma boa noção

Presidente da Fundação Theatro São Pedro apresentou ontem fachada do complexo Cultural

Sete anos depois do lançamento da pedra fundamental do Multipalco, a presidente da Fundação Theatro São Pedro, Eva Sopher, apresentou oficialmente à imprensa a fachada principal do complexo, na Riachuelo.

A solenidade contou ainda com um passeio pelos três andares do edifício – ainda em construção.

Na fachada da Riachuelo ficará o acesso principal ao Multipalco. A liberação dos tapumes marca a conclusão de mais uma etapa do complexo, um dos mais grandiosos empreendimentos em execução na cidade.

– Não quero fazer prognósticos de conclusão, estou trabalhando por esse complexo cultural desde 1985 – disse Eva Sopher.

Dona Eva, como é conhecida na comunidade cultural, não arrisca uma data para a conclusão guiada pelo mesmo senso prático com que administra o São Pedro: a verba ainda não está garantida. De acordo com o presidente da Fundação Amigos do Theatro São Pedro, Elson Azambuja, já foram investidos R\$ 24 milhões para erguer os 17 mil metros quadrados de área construída já prontos.

A estrutura do edifício, apresentada ontem à imprensa, está quase pronta. O interior assemelha-se a uma caverna de concreto, mas o teatro principal, o teatro oficina, as salas de ensaio, de aulas e de administração, todas já têm conformações nítidas. Mas ainda faltam acabamentos em todas as salas – incluindo os revestimentos, cruciais para o resultado final de espaços de espetáculos. Em outubro, os escritórios devem estar prontos para receber tanto a administração quanto a orquestra.

– Estimamos em R\$ 12 milhões a verba de que ainda precisamos. Se tivéssemos isso hoje na mão, em março de 2011 já estaria tudo pronto, mas já cumprimos uma importante etapa – estima Azambuja.



Eva Sopher apresenta a fachada da Riachuelo do Multipalco. A conclusão pode levar mais um ano

A evolução

- 27 de março de 2003: Foi lançada a pedra fundamental e iniciada a conclusão do projeto, com obras de escavação.
- Março de 2008: Começam a operar os três andares subterrâneos de estacionamento.
- Março de 2009: Concluída a laje superior, passam a funcionar o restaurante, a praça de integração e a concha acústica do Espaço Vorpar.



O saquão do teatro principal do complexo espera acabamentos





Burocracias

Uma nota da jornalista Rosane Oliveira, na Zero Hora do dia 10 de abril de 2011, antecipava um problema que, nos anos seguintes, acabaria sendo uma questão bastante complicada a ser enfrentada pelos governantes do Estado. O fato do orçamento do Rio Grande do Sul não ter como atender a todas as demandas de suas instituições culturais, fizera com que os dirigentes das mesmas, sempre com o aval da Secretaria de Estado da Cultura, buscassem soluções alternativas através da criação de associações de amigos, que podiam, não apenas captar recursos através de campanhas e doações, quanto tinham maior flexibilidade para aplicação dos valores captados. Isso não excluía a necessidade de que tais entidades, pela legislação ainda hoje vigente, diga-se de passagem, devessem possuir uma conta conjunta com a instituição cultural a que estivessem vinculadas, e prestassem contas anualmente aos órgãos de controle, como o Tribunal de Contas do Estado, sendo regradas por princípios administrativos e financeiros que eram também anualmente acompanhados pela CAGE – Contadoria Geral do Estado.

Segundo a nota de Rosane Oliveira, a maior parte daquelas associações descumpria tal legislação, com raríssimas exceções, segundo a jornalista, como a da Associação Amigos Theatro São Pedro. No entanto, com a morte de Eva Sopher, a nova diretoria da Fundação Theatro São Pedro se deu conta de que nem a Associação a ela vinculada mantinha aquela conta conjunta exigida pela legislação, nem as prestações de contas eram assim tão transparentes como deveriam ser. Tais situações provocaram reações inclusive na SEDAC – Secretaria de Estado da Cultura, fazendo com que os contratos e acordos vigentes entre as duas instituições fossem revisados e em sua renovação, recebessem novas redações e controles, o que foi rechaçado pela então diretoria da Associação. Este tensionamento durou cerca de um ano, culminando com o vencimento dos acordos e contratos sem que os mesmos tivessem sido renovados. A consequência foi a interrupção daquelas relações institucionais, redundando na demissão de 32 funcionários prestadores de serviços à Fundação Theatro São Pedro,

mas contratados através da Associação (Zero Hora, 8 de maio de 2020). Ocorre que, com a crise da Covid 19, a instituição, ainda em março, suspendera toda a sua programação, mantendo – à semelhança de todos os teatros, auditórios e cinemas do país – a casa fechada mas sem qualquer atividade artística.

Apesar dos esforços de Eva Sopher, as coisas não eram fáceis. Em novembro de 2011, o fato de o Tribunal de Contas do Estado ter estabelecido uma inspeção especial nas contas da Fundação Theatro São Pedro, por as contas da instituição terem sido glosadas e aprovadas com ressalvas, fez com que Eva Sopher fosse multada em R\$ 1.500,00.

As questões levantadas eram formais e burocráticas, cobrando esclarecimentos sobre o fato de a obra da concha acústica ter sido realizada sem licitação pública e o pretense desaparecimento de alguns equipamentos do teatro. Ocorre que, na época, diferentemente do que acontecia com todas as obras do Multipalco, a doação de 1 milhão de reais da Vonpar ocorrera de maneira direta à Fundação, e não através da Associação, pela burocracia da LIC, que vinha entrando aquelas obras. Mas isso fez com que o dinheiro entrasse diretamente para o caixa do teatro, e embora a instituição tivesse independência orçamentária e financeira, precisava, evidentemente, cumprir os regramentos aplicados a qualquer iniciativa de uma instituição pública, como o era o Theatro São Pedro: a licitação pública era exigência a ser cumprida, coisa que não ocorrera.

Por outro lado, com equipe reduzida e concentrando toda a sua atenção nas obras em desdobramento, a administração da Fundação deixara de realizar, anualmente, como manda a legislação, o inventário de bens do teatro, o que gerara o segundo apontamento do Tribunal.

A decisão, ainda que em primeira instância, deixou a equipe do teatro indignada, conforme o jornal MetroPortoAlegre do dia 21 de novembro. Havia, por isso, disposição de apresentação de recurso imediato e, sobretudo, preocupação em fazer justiça a Eva Sopher, cuja vida fora inteiramente dedicada àquelas instituições culturais.

A futura tempestade se anuncia

Em todo o caso, começava a se formar o vento de uma futura tempestade que, após o falecimento de Eva, em 2018, acabaria por gerar um momentâneo rompimento entre a Fundação e a Associação, situação eclodida em maio de 2020, logo depois do fechamento do teatro, em março daquele ano, por força da covid 19, e ultrapassada ainda naquele mesmo ano, através de ações administrativas e jurídicas desenvolvidas pela Secretaria de Estado da Cultura e pela Procuradoria Geral do Estado, que redundaria na reorganização da Associação, com eleição de uma nova diretoria, à frente da qual se colocou o oncologista Gilberto Schwartzmann, que vinha de exitosa gestão da Bienal do Mercosul e acabara de assumir, igualmente, a presidência da Associação Amigos da Biblioteca Pública do Estado.

Episódios como aquele, no entanto, se abalaram Eva Sopher, não fizeram com que ela esmorecesse em seu objetivo. Assim, naquela mesma matéria do jornal “MetroPortoAlegre”, a direção da Fundação Theatro São Pedro aproveitava para antecipar que, em 27 de março de 2014 as obras concluídas do Multipalco, seriam entregues à população.

Também o Jornal do Comércio, em 28 de dezembro de 2011, havia antecipado as próximas etapas da obra: como ocorria desde alguns anos, a cada dia 27 de março, Dia Internacional do Teatro, o Multipalco conseguia entregar alguma nova etapa de suas obras. Para 2012, previa-se a inauguração da Sala da Música, que serviria como sede da orquestra de câmara, quatro salas para *wokshops*, palestras e seminários, além de espaços administrativos, inclusive para receber os arquivos de memória da fundação. Do orçamento original da obra, agora já se chegava à projeção de 50 milhões, faltando ainda algumas fases significativas, como a conclusão dos dois teatros projetados. Uma das maiores dificuldades da obra, esclarecia-se, então, é que cada espaço tendo suas próprias características, o que os diferenciava entre si, também exigia maior investimento.

Em setembro, o então Secretário Executivo do Ministério da Cultura, o gaúcho Vitor Ortiz, segundo informação de Zero Hora (9.11.2011, p. 13), depois de reunir-se com Eva, anunciava que “a preocupação do governo é que o empreendimento fique pronto para a Copa”.

Eva não parava. Em 15 do mesmo mês, ela antecipava participação na 2ª Oficina do Gasto Público e Sustentabilidade, para contar um pouco de suas experiências, primeiro, na reconstrução do Theatro São Pedro e, agora, na construção do prédio de sete pisos do Multipalco.

O ano de 2012 chegou e também as más notícias. A troca de direção da REFAP fez com que o dinheiro prometido não fosse entregue. Rosane de Oliveira, em sua coluna de 18 de março, chamava a atenção para o que denominava de “Drama no Multipalco”, e não era nada relativo a algum espetáculo mas, sim, ao impasse vivido pela instituição. Registrava ela: “Por falta de dinheiro, as obras do Multipalco, o complexo cultural anexo ao Theatro São Pedro, estão praticamente paralisadas. Sem recursos do orçamento e com as torneiras do Banrisul fechadas, a incansável Eva Sopher, presidente do Theatro São Pedro, já não sabe a quem recorrer. O sonho de dona Eva de inaugurar no próximo dia 27 (de março de 2012) a sala da orquestra e de concluir todo o complexo em 27 de março de 2013 está ameaçado”. Rosane aproveitava para lembrar que o então governador Tarso Genro, ao visitar o Complexo Cultural, prometera ajudar...

Efetivamente, quando chegou o dia 27 de março, praticamente nada havia a comemorar. Eva se preparava para ser novamente a garota-propaganda de outra campanha de arrecadação de fundos para a construção do Multipalco, através da Associação Amigos do Theatro São Pedro, existente há exatos 27 anos.

Para o seu aniversário, em junho, segundo o jornalista Tulio Milman, já antecipava que não queria presentes mas, sim, doações em dinheiro vivo para a obra. E quase dramaticamente, ela apelava aos empresários sul-rio-grandenses para que viessem conhecer as obras em desenvolvimento no Multipalco e se decidissem a apoiá-las financeiramente, afim de que seu ritmo não fosse interrompido.



Das decepções a um marco histórico

Quando o então Secretário-executivo do Ministério da Cultura, na ocasião Ministro em exercício, Vitor Ortiz, visitou Porto Alegre, em julho, o jornalista Fábio Prikladnicki entrevistou-o sobre questões de sua pasta e, especificamente, sobre as obras do Multipalco. Na matéria, publicada em Zero Hora de 5 de julho, o então Ministro, no entanto, foi evasivo e generalista:

“O governo federal já participou do projeto por meio da lei federal de incentivo à cultura. Vai continuar participando, certamente, através da lei federal. Mas pode ser que seja necessário algum aporte direto. Aí temos de ver se conseguimos encaixar nos nossos planos de 2013 e de 2014. Acho que é importante. O Ministério deve colaborar para terminar tudo antes das Copa [do Mundo de 2014]”.

Bem sabemos que tudo ficou nas palavras. Tanto isso é verdade que, num balanço publicado pelo mesmo jornal, em 12 de dezembro daquele ano, o resultado era desestimulante:

“O compromisso é encerrar 2013 com a subestação de energia instalada, o que é fundamental para a continuidade das obras de visibilidade e para liberar as salas multiuso. A segunda prioridade é seguir captando recursos para o teatro oficina e o teatro principal. É um desafio: cada poltrona do teatro principal, por exemplo, está orçada em R\$ 1.600,00 cada uma e são 600, o que perfaz R\$ 960 mil reais”.

Na verdade, a subestação de energia foi, de fato, instalada, mas nada mais conseguiu ser alcançado: os recursos minguaram cada vez mais, o teatro oficina só teria obras retomadas em 2022 e o teatro principal – o chamado teatro italiano – tem o reinício de suas obras programado para 2023, contando já com o orçamento do Governo Estadual.

O Teatro Oficina Olga Reverbel, por seu lado, com verba do próprio Governo do Estado, no valor de R\$ 7,5 milhões de reais, foi inaugurado em 27 de março deste ano de 2023, assim como um conjunto de obras que incluem a



sala de dança e a sala de circo, além de camarins e banheiros do segundo e primeiro pisos, que vão atender a ambas as salas.

Estes novos espaços, na verdade, vão caracterizar um marco histórico para a Fundação Theatro São Pedro que, com a participação do IEACEN – Instituto Estadual de Artes Cênicas; a UERGS – Universidade do Estado do Rio Grande do Sul e a CORS – Cooperativa de Ópera do Rio Grande do Sul, propiciarão cursos os mais diversos para o público em geral, para os artistas, em particular e, de modo geral, ajudarão na pauta de ocupação destes espaços, com editais especialmente dirigidos a alguns segmentos culturais, como a dança e os espetáculos produzidos no interior do estado, dinamizando a instituição e justificando os significativos aportes financeiros que estão sendo nela feitos pelo Governo do estado. Pode-se antecipar que, até o final da gestão de Beatriz Araujo, como Secretária de Estado da Cultura e Eduardo Leite, como Governador do Estado, terão ocorrido significativos avanços no panorama da formação, circulação e produção cultural do Estado, a partir e em torno da Fundação Theatro São Pedro.



Tentando entender a tempestade

Em 27 de janeiro de 2013, a jornalista Claudia Tajés dedicava toda a sua coluna ao Multipalco, trazendo uma série de informações que, menos responsabilidade da profissional, do que de dados que lhe foram repassados, evidenciava, de qualquer modo, as dificuldades enfrentadas pela instituição. Escrevia ela, referindo-se aos então 53 funcionários da instituição:

“Três deles são pagos pelo Estado, que repassa por mês R\$ 10 mil reais ao São Pedro. Todo o resto, que é muito, é pago pelos contribuintes da Associação Amigos do Theatro São Pedro, pela renda do estacionamento e pelos repasses das empresas conquistadas pelo idealismo da *Dona Eva & Companhia*. Uma triste curiosidade: a Associação deveria sustentar o Multipalco. Porém, diante da falta de recursos oficiais, é quem mantém o São Pedro funcionando, uma das razões para as obras não avançarem”.

Nesta passagem, tem-se algumas informações corretas e outras incorretas, talvez justificadas pelo desejo de se provocar o Governo do Estado a auxiliar mais a instituição. De fato, o Estado pagava diretamente a três funcionários, mas todos os demais 50, em atividades, eram igualmente pagos pelo Estado, apenas que com a intermediação da Associação. Ou seja, a Associação contratava formalmente aos funcionários e os pagava mensalmente, emitindo uma nota fiscal que era depois ressarcida pelo Tesouro do Estado. É verdade que, muitas vezes, o estado atrasou estes ressarcimentos, ajudando a descapitalizar a Associação: por exemplo, no período de Yeda Crusius, houve um atraso de cerca de um ano sem repasses, o que quase tornou a associação insolvente, mas depois tudo foi quitado, ainda que sem juros ou correção monetária, o que criou descapitalização da instituição, como se disse. Também no Governo José Ivo Sartori houve algum atraso ao final de seu período, sendo a situação imediatamente colocada em dia após a posse de Eduardo Leite.

Outra questão que precisa ser relativizada é que as contribuições dos associados ajudariam nas obras do teatro. Isso é o que se apregoava, de fato. Mas





cerca de mil associados, pagando cerca de R\$ 65,00 reais por mês, certamente não produziram grande impacto no financiamento de obras, embora ajudassem, na verdade, a pagar salários dos funcionários da associação, relativamente altos, se comparados com os valores pagos pelo Estado.

Por fim, também a questão das responsabilidades da Associação. Até pelo seu nome de batismo, e pela época em que foi criada, a Associação, de fato, foi pensada para auxiliar na administração e financiamento das atividades do Theatro São Pedro. Quando suas obras foram concluídas e entregues, surgindo a iniciativa do Multipalco, Eva Sopher e sua equipe redirigiram as ações da Associação para o Multipalco.

Como consequência disso, o teatro acabou ficando desassistido: demorou-se muito para providenciar a recuperação de seu telhado, por exemplo, o que afetou a área em que se encontrava o equipamento do ar condicionado e os forros do teatro, iniciando a destruição de parte dos painéis de flora e fauna que formam o forro do prédio; não se fizeram as substituições de equipamentos técnicos para atualizar o teatro em relação a novas tecnologias dos espetáculos, nem se cuidou de substituir tapetes e passarelas, obras que em parte só ocorrerão a partir de 2023, incluídas no projeto que a mesma Associação apresentou em 2021 e conseguiu fazer aprovar em 2022, num valor aproximado de 20 milhões de reais, incluindo acessibilidade e prevenção de incêndios, pelo que o Theatro São Pedro, inclusive, desde 2017, vinha sofrendo um processo por parte do Ministério Público.





Muitas visitas, nenhum apoio

Muita gente tentava, com entusiasmo, juntar-se ao enorme esforço de Eva Sopher e de sua equipe no sentido de sensibilizar as autoridades para a necessidade e a importância da conclusão daquelas obras. O cineasta Jorge Furtado foi um destes que se pronunciou veementemente, através da coluna de Roger Lerina, no dia 4 de fevereiro de 2013:

“Alô, Dilma, alô Tarso, alô Fortunatti: que tal deixar o Multipalco do Theatro São Pedro pronto para a Copa do Mundo? Vamos apresentar aos milhares de estrangeiros que virão a Porto Alegre, delegações de atletas, torcedores e centenas de jornalistas, um centro cultural de altíssimo padrão de qualidade, no centro da cidade, uma região de muitos hotéis. E vamos aproveitar a Copa para deixar na cidade um presente para as futuras gerações. O Multipalco pode ser incluído no cronograma de obras e também na programação da Copa. (...) O dinheiro que falta para terminar a obra do Multipalco é metade do preço de qualquer viaduto e vira troco se forem somados os esforços dos governos federal, estadual e municipal, de grandes empresas e bancos”.

Não adiantou. Silêncio tumular, ainda que no dia 21 de fevereiro Eva tenha se reunido com a então Ministra da Cultura, Martha Suplicy, solicitando liberação de 6 milhões naquele ano e mais 6 milhões no ano seguinte, garantindo que deste modo o Multipalco fosse inaugurado em 2014. Nada aconteceu de prático. Martha prometeu visitar as obras no dia 5 de março. No dia 2, antecedendo a Ministra, o deputado federal Henrique Fontana esteve na instituição, sendo designado como padrinho da obra. No dia 5, Martha Suplicy passou pelo Theatro São Pedro, mas não foi muito mais adiante.

De qualquer modo, no dia 27 de março de 2013, como sempre ocorria anualmente, Eva Sopher e seu grupo de abnegados conseguiu entregar um conjunto de salas multiuso, no terceiro piso do prédio, que haviam sido financiadas pela estatal do petróleo.

Eva não desistia, e aos 90 anos de idade, comemorados naquele 18 de





junho, ia tocando o projeto da maneira que lhe era possível, já com a idade avançada. Neste ano, por exemplo, o Grêmio Football Portoalegrense destinou 300 cadeiras de metal de seu antigo estádio, na Azenha, para a chamada Concha Acústica do Multipalco, ajudando, deste modo, em mais um passo, a concretização da utópica obra. Mas era pouco, e o lançamento da campanha de transformação de valores devidos ao imposto de renda em investimentos no Theatro São Pedro, daquele ano, trouxe uma imagem entristecida de nossa Dama do Theatro. Do mesmo modo, o Spor Club Internacional também atendeu ao chamado de Eva Sopher e, assim, quem hoje visita a Concha Acústica, ali se depara com aquelas antigas cadeiras dos dois antigos estádios. Lembranças para os torcedores, apoio significativo para a instituição cultural.

Na sequência, no dia 30 de setembro, a chamada Sala da Música, financiada pela Gerdau, pode ser entregue ao público. O espaço, destinado à música de câmara, tem um sistema complexo de acústica: não só as paredes são de material especial, quanto pesadas cortinas de veludo modificam os efeitos acústicos, conforme se realize um espetáculo com instrumento musical, tipo piano ou violino, ou vozes humanas. A sala, diga-se de passagem, desde sua inauguração, tem sido intensamente utilizada, sediando inclusive o chamado “Musical Évora”, programação gratuita semanal, que ocorre todas as quartas feiras, entre 12,30 e 13,30 horas, com espetáculos variados. O espaço serve também para conferências, saraus e sedia os ensaios da Orquestra do Theatro São Pedro.

Desde 2023, recebe igualmente ensaios da Cooperativa de Óperas do Rio Grande do Sul.

Os esforços continuaram em 2014 e a campanha de busca de verbas, através do imposto de renda, fazia uma chamada significativa: “O Multipalco já foi um sonho. Hoje é uma realidade”, material gráfico de meia página dos jornais tabloides, com quatro diferentes imagens do estado das obras em desenvolvimento.

Fim. Fim?

O álbum histórico, a partir do qual desenvolvi esta narrativa, se interrompe aqui. O que sabemos depois? As obras do Multipalco, de fato, foram totalmente interrompidas. Em 7 de fevereiro de 2018, ocorria o falecimento de Eva Sopher. Foi uma consternação. Ficou um vazio. Seu corpo foi velado, segundo seu desejo, no palco de seu amado teatro. Parte de suas cinzas foram espalhadas no canteiro onde se encontra a centenária paineira, cumprimento de promessa que as filhas fizeram à mãe.

Em março do mesmo ano, o Governador José Ivo Sartori nomeava um novo Presidente para a Fundação, com a tarefa de reorganizar toda a estrutura administrativa e revitalizar os esforços no sentido de se buscar uma conclusão para aquela obra. Isso envolvia inclusive a reavaliação dos convênios e contratos existentes entre a Associação Amigos Theatro São Pedro e a Fundação Theatro São Pedro que, para muita gente, era tudo a mesma coisa. Em maio de 2019, estes convênios e contratos se extinguíram e havia que assinar novos documentos.

O novo governador, Eduardo Leite, através da titular da Secretaria de Estado da Cultura, Beatriz Araujo, preocupava-se em enquadrar todas estas relações em parâmetros legalistas, o que nem sempre ocorreria. A direção da Associação não aceitou os novos termos propostos pelo Estado e, assim, em plena pandemia do Covid 19, iniciada em março, e que fechara o teatro, suspendendo todas as suas atividades, as relações entre Associação e Fundação terminaram.

A Fundação iniciou um penoso trabalho de reestruturação interna, uma vez que, naquele contexto, todas as atividades, gastos e receitas que ocorriam eram totalmente gerenciadas pela Associação. A Presidência da Fundação, de certo modo, era uma Rainha da Inglaterra. Com a extinção dos contratos e convênios, de certo modo a Associação perdia seu motivo de ser. Quanto à Fundação, havia que, literalmente, refundar-se, o que começou a ser feito com o lançamento dos primeiros editais para a contratação de funcionários nos setores de mão-de-obra e de segurança, já que todas as atividades artísticas estavam suspensas.



A Fundação já vinha desenvolvendo estudos no sentido de valer-se das novas tecnologias de informação e de comunicação para dinamizar suas atividades. Com a Covid 19, este processo se tornou urgente e obrigatório. Assim, em junho daquele mesmo ano de 2019, a Fundação organizou uma primeira rodada de programação, a ser exibida através do *Youtube*, com gravações de performances produzidas nas residências dos próprios artistas, uma vez que estava proibida toda e qualquer aglomeração.

No mês de junho, tradicionalmente marcado pelo aniversário da instituição e pelo lançamento de iniciativas da mesma, ocorreram duas semanas de programação, com boa receptividade do público, através dos canais disponíveis.

Em setembro, durante a Semana Farroupilha, a experiência foi repetida, agora com uma infra-estrutura mais qualificada, graças a um convênio firmado entre a Fundação e a Assembléia Legislativa, já agora utilizando o palco do teatro, ainda que sem a presença de público e com o necessário distanciamento dos artistas entre si, conforme os protocolos sanitários exigiam.

A Fundação Theatro São Pedro gradualmente reencontrava um caminho próprio, enquanto também a Associação Amigos Theatro São Pedro se reorganizava. Em março de 2020, ocorreu a eleição para o novo Conselho e a nova diretoria da Instituição, sendo indicado presidente o oncologista Gilberto Schwartzmann. Sua vice-presidente era a jornalista Alice Urbim, com ampla experiência na administração de projetos culturais.

Com a intervenção da Procuradoria Geral do Estado, um novo convênio foi assinado entre a Associação Amigos Theatro São Pedro e Fundação Theatro São Pedro, regularizando as relações entre as duas entidades. Schwartzmann e sua equipe imediatamente trataram de revigorar um antigo projeto aprovado pela Lei de Incentivo à Cultura federal, no valor de 7 milhões de reais, no sentido de renovar o equipamento de ar condicionado do teatro. Aprovado há muitos anos, jamais fora implementado pela Associação. A nova diretoria conseguiu renovar o prazo de validade e a empresa ArqProj, dos arquitetos Helenice Macedo Couto e Fernando Caetano, colocou mãos à obra. Uma das principais decisões foi separar os sistemas de ar refrigerado do teatro e o do Multipalco, ainda que projetando uma sua integração. Isso exigiu estudos acurados e que levaram cerca de seis meses. Mas em fins de 2021, projeto aprovado e liberado por todas as instâncias governamentais, em especial aquelas ligadas ao patrimônio histórico,



a obra foi iniciada com um cronograma cuidadosamente elaborado, eis que, desde junho de 2020 as atividades do teatro vinham sendo retomadas gradativamente, primeiro apenas com um terço de ocupação da platéia, depois metade de sua lotação e, enfim, ao final de 2020, já com a lotação completa, ainda que permanecessem os cuidados com as máscaras e tudo o mais.



Desde as primeiras iniciativas para a retomada das obras do Multipalco, a direção da Fundação Theatro São Pedro entendeu que, por direito e por respeito aos autores do projeto original, os mesmos deveriam ser chamados para participar do processo. Assim, Julio Collares e Dalton Bernardes, da Julio e Dalton Arquitetura, passaram a envolver-se diretamente com a atualização dos projetos do Multipalco, mobilizando, para isso, um conjunto enorme de diferentes profissionais. Foi deste modo que a revisão do projeto das salas de dança e de música, bem como o Teatro Oficina, do Multipalco, foram atualizados. Do mesmo modo, mais tarde, também o projeto do teatro italiano foi inteiramente revisto e reavaliado pela mesma equipe: a decisão da direção da Fundação Theatro São Pedro, com este encaminhamento, respeitava os direitos de autoria do projeto, evitando futuras disputas jurídicas; valorizava os arquitetos idealizadores do projeto; ganhava tempo no encaminhamento das obras, pois os profissionais conheciam, mais do que ninguém, o projeto e, enfim, garantiam qualificação às decisões a serem tomadas, pois todos eles eram reconhecidamente experientes e podiam sugerir alternativas práticas, objetivas e produtivas para a retomada das obras, quase uma década depois de as mesmas terem sido interrompidas.

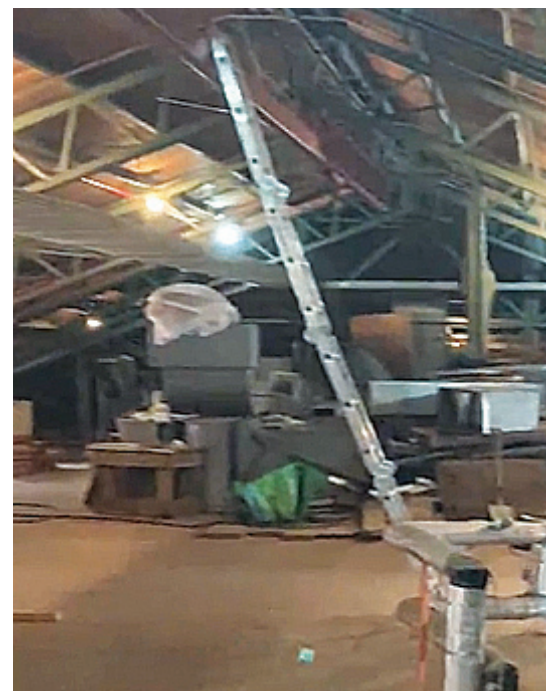
Assim, no dia 20 de dezembro de 2021, o Theatro São Pedro fechou suas portas, programando-se sua reabertura para o dia 20 de março de 2022, eis que a Orquestra do Theatro São Pedro deveria realizar o Concerto Oficial dos 250 anos da cidade de Porto Alegre nas dependências do teatro, conforme desejo do Prefeito Sebastião Melo, o que de fato ocorreu, graças à equipe extraordinária da Thd. Ar Condicionado, que trabalha disciplinada e dedicadamente nesta obra. O ritmo fôra meticulosamente planejado, devido à complexidade do trabalho. Pior que isso, Porto Alegre enfrentou um verão tórrido e a equipe encarregada dos trabalhos, enclausurada entre o forro e o telhado do teatro, certamente en-

frentou um enorme desafio. Mas quem visitou o espaço em que o equipamento se encontrava e suas condições de segurança, que mais parecia um ninho de ratos, com paredes de isolamento feitas de isopor e madeira compensada, e viu a obra depois concluída, com material anti-incêndio e largos espaços que foram criados, transformando a área numa espécie de salão de baile, ficou surpreso. Mais que isso, escadas de acesso, antes de madeira, foram trocadas por escadas de ferro, de fácil acessibilidade. O telhado foi modificado de modo a criar áreas de arejamento que impeçam, no caso de um eventual incêndio, que as pessoas não morram pelo fogo, mas pela inalação da fumaça.

Uma segunda etapa da obra, a substituição do equipamento que se encontrava no subsolo do teatro, deveria acontecer em futuro imediato. Esta segunda obra seria feita graças a uma verba federal, alcançada pelo então Ministro Osmar Terra que, logo ao assumir sua pasta, fizera questão de visitar o teatro e preocupara-se em buscar alternativas para ajudar em sua manutenção e recuperação. Com um milhão de reais e uma contrapartida do Estado, a obra teve licitação encaminhada no decorrer de 2021, mas só foi iniciada ao longo de 2022, com um contrato assinado com a empresa Planiduto Ar Condicionado, obra que foi concluída nos primeiros dias de 2023. Com isso, o Teatro São Pedro passou a dispor de um excelente e potente sistema de refrigeração, que deverá durar algumas décadas mais, atendendo plenamente às necessidades do teatro.

Logo em 2019, a visita do então Ministro da Cultura, Sérgio de Sá Leitão, mais tarde Secretário de Estado da Cultura de São Paulo, e com a intervenção do então Deputado federal Emídio Perondi (PMDB), havia garantido a liberação de uma verba de 200 mil reais, com uma contrapartida do Estado, para a construção do tão sonhado piso do chamado Teatro Oficina. As dificuldades burocráticas, no repasse necessário através da CEF – Caixa Econômica Federal, em que pese a boa vontade de seus funcionários, fez com que esta obra só fosse iniciada no primeiro semestre de 2022. A demora gerou, evidentemente, defasagem de preços, tanto mais que, com o arrefecimento do Covid 19, as atividades industriais e comerciais retomavam seu ritmo e a inflação se fazia fortemente presente.

Com muita negociação, a empresa Capitaneo Construções conseguiu realizar a tarefa e o piso, enfim, foi concluído. Mas de repente, o que deveria ser alegria, quase se tornou um problema. Por iniciativa do Governo do Estado,





Ferro do Teatro São Pedro - Antes e atual

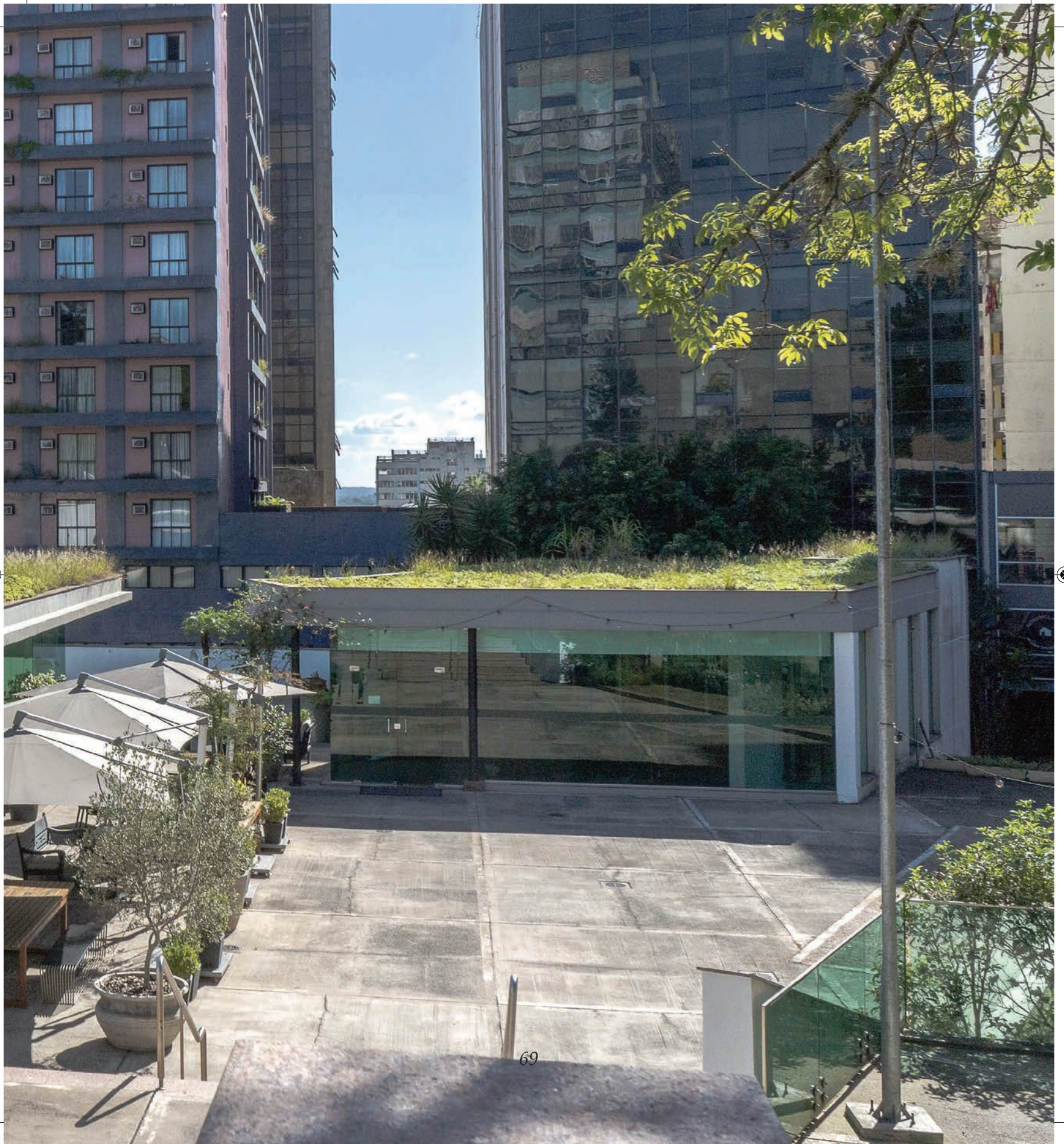


fôra lançado o projeto “Avançar”, pelo qual a administração pública fazia vultosos investimentos, com o fito de dinamizar a economia do Estado. No caso da Cultura, foram cerca de 100 milhões de reais investidos, 7,5 milhões dos quais dirigidos para a construção de novas etapas do Multipalco, como a sala de dança, a sala do circo, camarins e salas de estudos. O edital de licitação foi lançado no segundo semestre de 2021, mas a primeira chamada não teve nenhum interessado. Na segunda vez, a licitação foi vencida pela empresa EMIBM Engenharia, de Brasília, e a obra se iniciou imediatamente, desenrolando-se ao longo de 2022. Os trabalhos deveriam ser encerrados ainda naquele ano, mas a falta de materiais, a necessidade de revisão bem mais detalhada dos projetos originais de mais de uma década – inclusive aqueles relativos à prevenção de incêndio – atrasaram os trabalhos, de sorte que a entrega desta primeira parte de obras ocorreu apenas em março de 2023.

O desafio, contudo, foi justamente fazerem-se todas as obras do teatro oficina com o piso já pronto. E pior: um piso de madeira de araucária, extremamente sensível, e que entre os barrotes e as tábuas do piso tem pequenas placas de borracha distribuídas em toda a sua área, a fim de garantir o amortecimento de queda de atores e bailarinos, em um espetáculo. Mas o desafio foi vencido e o público que, em fins de março, conheceu a sala, reconheceu sua qualificação. Trata-se de um espaço de criação experimental, sem cadeiras fixas. O público ocupa arquibancadas móveis sobre as quais se dispõem as cadeiras. Estas cadeiras foram igualmente cuidadosamente selecionadas, com preocupações ergonômicas. Assim, cada espetáculo pode propor uma ocupação diferenciada do espaço, com ou sem cadeiras, com ou sem arquibancadas; com arquibancadas dispostas em torno do espaço, no seu centro ou em suas laterais, criando experiências as mais variadas de espetáculos.

Também a sala de dança e as salas de circo têm os mesmos acabamentos, sendo que a sala de dança deverá ser equipada com espelhos e barras de apoio e as salas de circo possuem, no alto, os tripés necessários para a realização de exercícios aéreos e malabarismos. Estes dois espaços servirão para a produção de espetáculos, ensaios ou cursos, do mesmo modo que a sala de música e a sala multimeios, que podem ser inclusive locadas para reuniões e atividades variadas.





No meio da pandemia, muito planejamento

Se o Covid 19 fez com que, aparentemente, todas as atividades artísticas fossem suspensas, esta necessidade de isolamento foi altamente aproveitada pela direção da Fundação Theatro São Pedro, no sentido de sua reestruturação e, sobretudo, encaminhamento das obras necessárias, tanto ao teatro em si, quanto ao Multipalco. Por isso, surpreendeu a muitos que, a partir da reabertura dos espaços públicos, quando a Fundação deu início a um programa de visitas guiadas aos espaços do teatro e do Multipalco, as pessoas descobrissem um universo jamais imaginado.

De fato, cronologicamente, a implantação do piso do teatro oficina, no Multipalco; a conclusão de obras do equipamento de ar refrigerado do Theatro São Pedro, no forro do prédio; as obras de conclusão de espaços do Multipalco. Por iniciativa da secretária Beatriz Araujo e a parceria das empresas Coral e Aquarelas, o prédio do teatro foi inteiramente repintado. Depois de cuidadoso estudo, os arquitetos Helenice Macedo Couto e Fernando Caetano optaram por tonalidades originalmente utilizadas no prédio, mas que um sem número de pinturas e repinturas havia soterrado. Os testes para a escolha das cores foram feitos mediante corte de camadas nas pinturas realizadas anteriormente, nas paredes externas, de modo a se chegar à cor original. A parte externa do teatro, depois desta intervenção, ganhou um extraordinário brilho, valorizado com as obras de revitalização da Praça Marechal Deodoro, em especial sua nova iluminação.

Por iniciativa da Secretária de Estado da Cultura, Beatriz Araujo, através da Associação Amigos do Theatro São Pedro, abriu uma negociação com a representação comercial das Tintas Coral e, com a participação da empresa Felipe B. de Souza, todas as quatro fachadas externas do prédio do Theatro São Pedro foram pintadas.



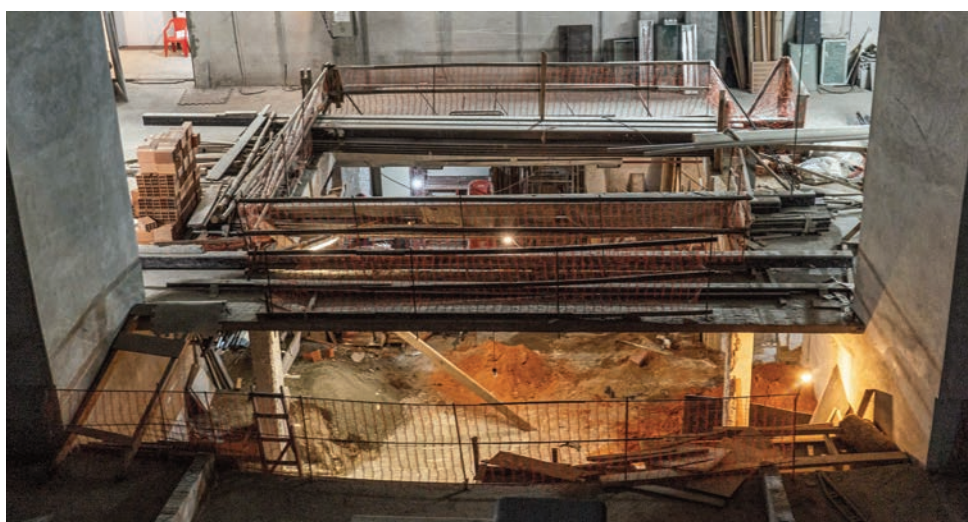
Começando o Teatro Italiano



Com edital de licitação vencido, em dezembro de 2022, pela mesma EMIBM Engenharia, as obras de construção do chamado teatro italiano, do Multipalco, iniciaram em abril e deverão durar cerca de dois anos.

A verba de 17 milhões de reais foi, mais uma vez, do Governo do Estado, evidenciando a forte decisão da administração no sentido de concluir, de vez, tais obras. Do outro lado, a Associação, depois de muitas idas e vindas, conseguiu fazer aprovar e iniciar as obras para a prevenção de incêndios e a acessibilidade do Theatro São Pedro, que devem se desenvolver até 2026. Elas são financiadas através da Lei de Incentivo à Cultura federal, com investimentos de empresas como a Gerdau. Neste sentido, e sobretudo porque todos estes valores deverão estar disponíveis e terão um planejamento constante de descaixa, as obras experimentarão um desdobramento bastante seguro e o chamado Complexo Cultural Fundação Theatro São Pedro e Multipalco deverá ser entregue ao público até fins de 2026.

Cumprir-se-á, assim, a utopia da múltipla Eva Sopher e Porto Alegre estará dotada de um dos maiores e mais avançados centros culturais do continente.



Agora, precisamos repensar a Instituição

Outros desafios, porém, devem ser agora igualmente enfrentados e vencidos pela administração da Fundação Theatro São Pedro: de um lado, o desenvolvimento de um novo conceito de programação cultural. A Fundação não mais se limita a aceitar propostas para sediar espetáculos os mais variados, quanto propõe, ela mesma, uma política de produções e de projetos. Assim, no final de 2021, para o encerramento da temporada, um espetáculo de rua, na frente do teatro, com o grupo de Hique Gomes e a recriação da tradicional *Sbórnia*, trouxe mais de 3 mil pessoas ao espaço. No final de 2022, foi a vez do encerramento da temporada com uma *Noite Celta*, que terminou nos jardins ao lado do teatro, com uma feira criativa, com produtos variados.

Aliás, a Feira criativa, que já acontecia em temporadas anteriores, foi revitalizada e ganhou amplitude e criatividade. Do mesmo modo, começa-se a discutir a colocação de uma cobertura retrátil na Concha Acústica, de modo a se poder otimizar seu uso. Também o espaço do Memorial do teatro, diretamente vinculado à história do Theatro São Pedro, deverá ser ampliado para incluir o Multipalco, prevendo-se a construção de um espaço específico ao lado do atual restaurante.

Por fim, mas fundamental, a questão de equipamentos e de pessoal: além dos novos equipamentos a serem instalados nos diferentes espaços do Multipalco, é evidente que o Theatro São Pedro precisa renovar seus equipamentos de som e de luz. Mas isso não basta: triplicando os espaços colocados a serviço dos artistas e do público, o complexo cultural entra agora numa etapa de reorganização funcional, com a necessária revisão e implantação de um novo quadro de funções e atividades para dar conta de suas atividades.

O espectador que, numa certa noite, disponha-se a ir a uma sala de espetáculos – vamos lá, o Theatro São Pedro ou o Teatro Oficina Olga Reverbel – pode sair de sua casa cerca de uma hora antes do espetáculo pretendido. Aguarda o horário previsto, assiste à performance e retorna para a sua casa. Terá gasto entre





duas a três horas de seu tempo. Mas para isso, as equipes que trabalham em uma casa de espetáculos como o Theatro São Pedro ou o Multipalco, atuam praticamente durante 24 horas do dia. Depois do espetáculo, limpeza dos espaços. Entre um espetáculo e o outro, a montagem para a nova apresentação. Uma vez por semana, revisão e substituição de lâmpadas queimadas. A todo o momento, acompanhamento das mesas de som e de luz para prevenir defeitos ou garantir sua substituição, se necessário.

Há a questão dos formulários eletrônicos de solicitação de datas. O Diretor de Programação e sua equipe que faz as avaliações e a adequação dos calendários. O Diretor Administrativo, que precisa cuidar dos pagamentos e dos contratos com a empresa que detém os direitos da plataforma de venda *online* de ingressos, selecionada por concurso público. Pagamentos de ECAD. Fornecimento de papel higiênico e toalhas nos banheiros. Cuidado com as redes hidráulicas. Revisão de funcionamento das poltronas, dos camarins a serem ocupados pelos artistas, serviço de infraestrutura de alimentação para as equipes dos espetáculos, retirada dos cenários e chegada dos novos cenários. Ensaios com as mesas de som e luz, conforme os projetos de cada espetáculo. Definição de preços de ingressos, mapeamento das vendas, divulgação da agenda de espetáculos, emissão dos programas mensais, produção de vídeos e vinhetas que dão conta, não apenas das atividades dos espaços, quanto de acontecimentos culturais importantes.

Por tudo isso, a existência de uma Associação de Amigos é fundamental, porque, estrategicamente, ela permite a flexibilização e maior rapidez para algumas tarefas e ações a serem cumpridas. Gilberto Schwartzmann, tendo cumprido seu mandato, está sendo substituído pelo também médico, e um dos idealizadores dos chamados comitês de ética da pesquisa universitária no Brasil, José Roberto Goldim, que vem com enorme entusiasmo para suas tarefas ao longo dos próximos dois anos, traduzidas no projeto de prevenção de incêndios do prédio e de acessibilidade a ser transformado em obras concretas a partir dos próximos meses.

Um universo fantástico e fascinante

Por tudo isso, um universo fantástico e fascinante, é que Eva Sopher sempre defendeu que dinheiro gasto em cultura não é gasto, é investimento. Mais que isso, ele gera rentabilidade inimaginável. Dados indiscutíveis evidenciam que para cada 1 real investido em cultura, temos um retorno de quase 2 reais, que vai desde o vendedor de balas e o *food truck* estacionado na frente do teatro, passando pelo café do teatro, impressos de ingressos, artistas, técnicos, administradores, até – aquilo que não é tangível – a emoção do espetáculo, a sensibilidade daquilo a que temos a oportunidade de assistir.

Eva Sopher foi uma mulher que viveu de utopias culturais. De múltiplas utopias culturais. Utopias que trazem, em sua própria concepção, as maneiras de se concretizarem. Quando, em 1850, os chamados homens bons de Porto Alegre pediram ao então Presidente da província a doação de um terreno e algum dinheiro para a construção de um teatro, certamente jamais teriam imaginado que, 165 anos depois, este teatro ainda estaria de pé, sempre revitalizado, tantas vezes condenado ao desaparecimento, outras tantas salvo por figuras idealistas e corajosas como Eva Sopher, até chegar aos nossos dias. O Multipalco veio se juntar ao Theatro São Pedro. Este complexo cultural vai se projetar, certamente, em outros 165 anos de existência. Juntos, somarão quase meio milênio. E todos nós, que participamos desta história, só podemos agradecer à múltipla Eva Sopher a sua utopia. Uma utopia que vive, uma utopia que pulsa, uma utopia que se multiplica nas centenas de artistas que por aqui passaram e nos milhares de espectadores que aqui se emocionaram.

Felizmente, para todos nós, uma outra mulher dá continuidade à utopia, Beatriz Araujo que, por seu lado, valoriza a sensibilidade artística do Governador Eduardo Leite para levar adiante estes planos. Em torno de ambos reúne-se uma equipe entusiasmada de profissionais os mais diversos, dos seguranças aos bilheteiros, dos administradores aos arquitetos, passando pelos engenheiros e operários de obra, bilheteiros, produtores de espetáculos, programadores, músicos, diretores





de cena, atores e atrizes, maestros... um universo que faz sempre, o que acontece num teatro, ser o mais fantástico espetáculo da terra.

Antonio Hohlfeldt é jornalista profissional, tendo desenvolvido toda a sua carreira no jornalismo cultural, especialmente em publicações como o Correio do Povo (Porto Alegre), revista IstoÉ (São Paulo) e Jornal do Comércio (Porto Alegre, onde assina, atualmente, a coluna sobre artes cênicas, publicada todas as sextas feiras). Hohlfeldt é pesquisador de produtividade do CNPq, professor da PUCRS há 35 anos, integrante do IHGRGS e, desde 2018, Presidente da Fundação Theatro São Pedro. É autor, dentre outros trabalhos, de Doce fera, sobre Eva Sopher e o Theatro São Pedro (1991).



O artigo da jornalista Juliana Bublitz teve a enorme sensibilidade de resgatar episódio mencionado nesta narrativa, referente à tristeza de Eva Sopher, quando se deu conta de que não conseguiria ver, em vida, a inauguração do conjunto de obras do Multipalco.

GZH **INFORME ESPECIAL**
Leia outras colunas em gzh.com.br/julianabublitz

De algum lugar, Dona Eva sorri

Certa vez, em uma viagem ao Exterior, o escritor Erico Veríssimo foi questionado sobre o lugar onde vivia: “Como é Porto Alegre?”, quis saber um interlocutor curioso. O autor de O Tempo e o Vento pensou por alguns segundos e disse que vinha de uma cidade onde havia uma orquestra sinfônica.

Veríssimo falava, é claro, da Ospa. Era o que bastava. Hoje, a resposta seria maior:

– Venho de uma cidade onde existem uma orquestra sinfônica, uma companhia de ópera e muitos palcos.

O mais novo deles foi inaugurado na noite da última segunda-feira, no Dia Mundial do Teatro, em uma solenidade cheia de significados.

Depois de 20 anos de espera, Porto Alegre e o Rio Grande do Sul ganharam o Teatro Oficina Olga Reverbel, que nasceu do sonho de uma mulher de fibra chamada Eva Sopher (foto).

Engenhosa, ela costumava deixar bilhetinhos nos bolsos de empresários e autoridades, pedindo ajuda para a obra do Multipalco, nas entranhas do Theatro São Pedro. Dona Eva jamais desistiu da luta, apesar

dos muitos reveses.

A senhorinha de cabelos brancos e personalidade forte partiu em 2018, aos 94 anos, sem ver a construção concluída, mas, na noite de segunda-feira, estava lá.

– Sinto a presença dela em cada cantinho – confidenciou-me uma de suas filhas, Renata Rubim.

Graças ao empenho de Dona Eva, ao suporte da fundação e da associação de amigos do Theatro São Pedro, às doações de empresas e de pessoas físicas e à injeção inédita de recursos estaduais determinada pelo governador Eduardo Leite, o sonho começa a virar realidade. Sonho, não, “loucura utópica”, nas palavras de Antônio Hohlfeldt, sucessor de Eva na insana empreitada.

O Multipalco ainda não está concluído, mas, finalmente, o projeto está andando. Quem ganha com isso somos nós. Como Veríssimo sabia muito bem, uma grande cidade que quer ser reconhecida como tal deve compreender o valor da arte e da cultura.

De algum lugar, Dona Eva sorri, satisfeita.





Autógrafos

Eva,
querida,

Só uma "Ovida" como você, que acredita, na prática, que "a vida é de ferro e não se acaba nunca", poderia realizar a utopia de alguma coisa funcionar harmoniosamente, organicamente neste país. O milagre é possível.

Obrigada, querida amiga.

Fernanda Ulquẽnefo
24-8.88







Que alunos!
Que amigas! Era minha amiga.
Lya minha cunhada e Aracy
fazendo minha grande amiga
Clarice!

Nada melhor podia
me acontecer

Beigos
Mafalda Verissimo

J. EVA,
MAS UMA VEZ UM GRANDE
PRAZER EM ESTAR AQUI DESDE
BELO TEATRO E COM A SENHORA
COM SUA GRANDE SIMPATIA E
COM SEU GRANDE CARINHO
UM GRANDE BEIJO.
Clara Verissimo
2/1/2007

DONA EVA É O ESPETÁCULO!
UM BEIJO
Mariana Verissimo
2/1/07
Dona Eva! Toda a minha admiração
e carinho. Lucia
E ainda mais carinho, será possível?!
Fernanda Aracy
Dona Eva, é sempre muito bom estar
com a senhora no teatro. Obrigada,
Caracem e muito bom humor!
Mariana Verissimo

Mafalda Verissimo / Lucia e Luis Fernando Verissimo / Clarissa e Mariana Verissimo

EVA, Linda amiga.
Mas uma vez: ENCONTRO!
Obrigado
Até a próxima

A. Fagundes
Nov 2012

1/1/2012

Antônio Fagundes

Dona Eva

Que fique aqui registrada minha
confirmação de amor, respeito,
dignidade e reconhecimento do seu
criativo, construtivo e afirmativo
que, por suas mãos, magnetizam o
Teatro São Pedro e "seus anjos".

Agradecimento permanente pela placa,
pela inclusão nos Livros dos 150 anos e
no Memorial.

Você, com esses gestos de confiança, fez
com que meus 41 anos de exercício
ininterrupto de teatro tenham, nos seus
acatos - os méritos em sua figura são
generosa.

Amor e gratidão

Denise Stoklos

com a peça que você viu nascer:
"LOUISE BOURGEOIS: FAÇO, DESFAÇO, REFAÇO"

Denise Stoklos

30.05.2009

À querida D. Eva e à toda equipe do
Teatro São Pedro,

meus melhores sentimentos, minhas
mais efusivas homenagens a este
teatro, mantido, dirigido e conservado
com o talento e o esforço daqueles
que amam o palco e vivem para ele.
Muito obrigado e até à volta.

17 de outubro de 1999

Miguel Falabella

"Leuro, alto, solteiro, procura..." (ANO V)

Miguel Falabella



ESTE TEATRO
É DOS LUGARES QUE
MAIS AMO, MINHAS RECORDAÇÕES
DAQUI SÃO AS MELHORES, OS ENCONTROS,
OS ESPETÁCULOS, TUDO.
ESPERO ESTAR NESTE PALCO MUITAS
VEZES AINDA.

OBRIGADA DONA EVA E
TODA(S) A(S) EQUIPE(S) DA CASA.
Adriana
Calcanhotto
16/11/2009

Adriana Calcanhotto

O Theatro São Pedro
é, em tudo,
um sonho real.

Muito obrigado

Dona Eva,
um beijo afetuosos

do José Miguel Wisnik
6/ setembro / 2008

José Miguel Wisnik

Para D. Eva
e para o pessoal
do Theatro São Pedro
um abraço
em lasbacado de

Chico Buarque

P. Buarque 31-03-07

Chico Buarque

Pelas viagens da
vida quis descer aqui
para encontrar um sonho
com a certeza de que nunca
o perdi. Obrigada pela
realização do grande show
Elza Lenta e Chora aqui
no encontro das rosas estáis
justamente aqui.

Elza Soares
17/12/14



BY MAMPIS NOW

Elza Soares



- Porto Alegre 16 de Abril de 2000.

D. Eva querida.

Agora, de pois tantas + empredes,
queo apenas registare unhe
amizade pterna e a enorme
gratidão por este pouso de
acolhedora.

Até a próxima!

Abraços de

Juca de Oliveira

Eva querida

Está em Batelozzo, no Rio, no nosso
teatrinho Boeira, sempre que me sinto fraca
penso em você Eva e na grandiosa e bela
& útil construção teatral que é a sua vida!

Abujode!

Beijos da tua fã e amiga

Marieta Severo

22-3-2014

Juca de Oliveira

Marieta Severo

* A todo o grupo
do Teatro São Pedro,
na ficuna de D. Eva,
meu maior respeito e carinho,
para voltar sempre!
A casa, de todas nós,
Beijos! Maria! E etc. breve
Ney
20/11/99
Park More

Ney Latorraca

"Teatro São Pedro" de Porto
Alegre — referência em todo o Brasil

Era Sophie — com sua inocência,
sensibilidade, sua delicadeza, sua
capacidade, seu idealismo e entusiasmo,
sua capacidade e força inspiradoras, sua
visão e horizontes tão amplos — seu olhar,
sua Paixão —

Muita reverência, respeito,
carinho, admiração e aplauso.

Nathália Timberg

Carinho e beijos
de
Nathália Timberg

queridíssima
 A D. Eva e toda a equipe do
 Theatro S. Pedro, o nosso muito obrigado.
 Ao longo de todos esses anos tem sido
 uma grande alegria trabalhar com os
 amigos deste maravilhoso teatro.

Nosso carinho abençoado, de toda a equipe
 do GRUPO CORPO.

[Handwritten signatures and names of the Grupo Corpo team, including names like Ruy, Paulo, and others.]
 Grupo Corpo

DINA EVA
 MAIS UMA VEZ, COM SUO
 GOSTO.
 DEITOS
 SOBRE ESTE TEATRO.
 OPEU MATOGROSSO
 13/11/07

Ney Matogrosso

OBRIGADA EVA,
 IDÉIA E COMPANHEIRA!
 QUE ESTE PERCUSSO REGISTRADO SEJA
 A SÍNTESE DE TODA UMA HISTÓRIA ONDE
 TU FOSTE SEMPRE A MAIOR PROTAGONISTA,
 ACOMPANHADA DESSE MEU OLHAR ENTRE CÚMPlices E
 OBEDECIDO. À MEU LADO, PRESENTE, ESTÁ NOSSO
 SAUBIDO WOLF, DE QUEM GUARDO NA MEMÓRIA ADORES
 DE PAIXÃO E TERNURA
 OBRIGADA, QUE DEUS TE PROTEJA! Juntos a ELE CANTOS
 DE TUA PRESENÇA!
 Com CARINHO E AMIZADE,
 M. Ximenes
 24/08/2016

Isaac Karabtshevsky

"Por aqui passou poesia,
 passou música, passou teatro." (Chico Buarque)
 Por aqui passaram pessoas que se dedicaram
 Passaram e Passarão à Arte.
 Também passamos nós: OSA Truistas
 Disci neste palco histórico, recebi plateias calorosas.
 Memória preciosa.
 Obrigada Dina Eva!
 Obrigada Zé Anchos!
 Com amor e profunda admiração
 Mariana Ximenes
 Abril/2012

Mariana Ximenes









Querida D. Eva, equipe do Teatro
Fazem mais de vinte anos
que eu conheci o Teatro S. Pedro
e sonhava com o momento para
chegar aqui.

Muito feliz em cantar nesse
palco, nesse lugar mágico!

O mais bonito que todos e
muito especialmente para
a querida D. Eva.

Miúcha

Paris 14, rue, 30 de setembro, 2008

Miúcha

Querida D. Eva

Sempre nos despedimos com uma saudade
tão grande deste teatro maravilhoso que nos
acolhe como se fosse nossa casa.

Nossa grande alegria é saber que ele existe
e que sempre poderemos retornar a ele!
Foi uma honra ter estado aqui com Otelo
e um prazer enorme vê-la de novo

Até sempre!
Um grande beijo

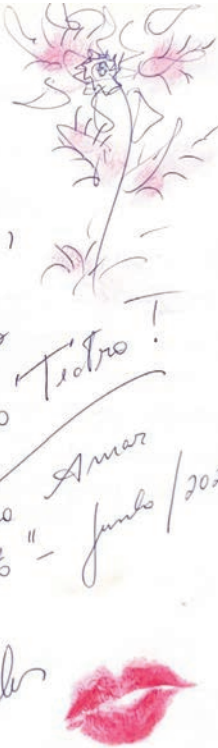
Diogo Vilela
19-10-2008

Diogo Vilela

Desde
Sempre
São Pedro!

Obrigada pela gentileza,
Obrigada pelo teatro!
"Quando eu for mãe quero Amar
Desse jeito" - Junho/2022.

Tráfiuker



Vera Fischer

DOVA É VA!

A NOSSA HISTÓRIA PASSA POR SUAS
MÃOS. O NENHUM DE NÓS RENASCEU NESTE
THEATRO. A BUSCA POR ALGO NOVO, QUE NOS
TROUXESSE FORÇA, NOS COLOCOU AQUI.
MAIS QUE UM LUGAR DE CULTURA, FOI UMA
ESPÉCIE DE MATERNIDADE, O SÃO PEDRO; É O
CARINHO DE UMA FIGURA MATERNAL NOS
VEM À MENTE. OBRIGADO POR TER
SIDO TÃO GENEROSA COM TODOS NÓS, OU
MELHOR, COM O NENHUM DE NÓS!!

COM CARINHO
The dy
PAR E AMOR!!!
DEZEMBRO/2002
VSC
GAR C'ÁS!!!

Diogo Vilela

Thedy Corrêa / Nenhum de Nós













Teatro Palavra

DEPOIMENTOS

(COLIGIDOS E SELECIONADOS POR DIEGO DA MAIA)



Adriane Mottola - *Atriz e Diretora de teatro*

Pensando agora em quando o Theatro São Pedro começou a fazer parte da minha vida, de imediato crio um *clip*, amontôo imagens, memórias e me surpreendo: desde sempre. Criança, me apresentei ali com a Escola de Artes Landes (onde fazia balé clássico), adolescente fui com a turma do Colégio Sévigné assistir ao meu primeiro espetáculo teatral, *A Moreninha*. E desde 1967, ao chegar à janela de onde moro, é a imagem do Theatro que inunda meu olho a cada manhã. Acompanhei de casa as reformas, as melhorias, o movimento da bilheteria e da entrada e saída do público.

Em 1973 vi o teatro sendo fechado e estive presente na inauguração em 1984, assistindo ao *Julgamento do Cupim* com o grupo Cem Modos. Isso sem falar nas centenas de espetáculos em que fui espectadora e nas inúmeras vezes em que ali apresentamos nossos espetáculos. Foi no Theatro São Pedro que comemoramos os 30 anos da Cia Stravaganza, com mostra de repertório.

Não é só um teatro, é o espaço onde passamos alguns dos momentos inesquecíveis de nossas vidas, todos nós, artistas e espectadores. Ele sempre esteve ali, impávido, apesar das políticas culturais inexistentes se mostrou fortaleza, muito pela coragem e combatividade de Dona Eva Sopher. Longa vida ao Theatro São Pedro!

Airton Alberto Zaffari - *Empresário*

Como uma regente minuciosa, atenta a cada detalhe, Eva Sopher dedicou-se à reconstrução do Theatro São Pedro e à sua esplêndida funcionalidade. Ao seu olhar, o veludo das cadeiras à arte de teto e luminárias, tudo deveria corresponder à grandeza daquela casa de espetáculos, cuja história bem expressa a vida cultural do Rio Grande e, principalmente, da capital dos gaúchos. Assim o nome de Eva Sopher uniu-se de forma inar-

redável à existência do Theatro São Pedro, com uma perspectiva de passado, presente e futuro. E hoje, quando a Multipalco e outros projetos de redimensionamento do teatro estão em edificação, a figura exemplar e definitiva de Eva Sopher sempre inspira, orienta, baliza e protege. Simbolicamente, a cada espetáculo, sua serena figura transita pelo cenário e as luzes incidem sobre seu nome para que, das plateias e camarotes, venham os merecidos aplausos por sua consagração de vida a esse teatro e às manifestações artísticas de nossa comunidade.

Alexandre Weindorfer - *Coordenador de Engenharia e Fiscalização da Fundação TSP*

Eu diria que a experiência mais marcante ocorreu naquele domingo, 23 de maio de 2021. Naqueles tempos, vivíamos como numa “guerra silenciosa”. Ruas da cidade vazias, o inimigo à espreita, a Covid 19 fazia vítimas como num campo de batalha, só que silenciosamente...

Aquele 23 de maio foi a retomada das nossas atividades, a luz de que o fim do horror estava próximo. Não contávamos mais com nossos parceiros terceirizados, o longo período fechado nos impossibilitou de dar continuidade aos contratos. Estávamos de portas fechadas desde 16 de março de 2020. O vai e vem de “bandeiras” de restrições, delimitadas pelos leitos ocupados nos hospitais, era semanal – impossível fazer qualquer previsão de longo ou médio prazo naquela situação. Pois foi diante dessa adversidade que o desejo dos poucos colaboradores que restavam se sobressaiu, o desejo de ver e de dizer que o Theatro era maior do que aquela “guerra silenciosa”, que a arte sobreviveria. Todos colaboraram! Devidamente paramentados de máscaras e álcool gel, os poucos colaboradores que muito entendiam de contratos e administração, sob a batuta do Presidente Hohlfeldt, assumiram as funções de operação, recepção e fizeram aquele retorno das atividades acontecer. A frase mais pronunciada daquela noite foi: “Estamos muito felizes de recebê-lo aqui de volta, seja bem vindo”! Todos foram recebidos com essa saudação! Marcou a saudação da





equipe, portas já fechadas, espetáculo terminado, tudo saíra como planejado! Erguemos o punho num sinal de vitória. Ficou a certeza de que a Arte e a Cultura venceria o vírus, era uma questão de tempo!

Alice Kuhn - *Assessora da Presidência da Fundação TSP*

Quando comecei a trabalhar no Theatro São Pedro fui imediatamente tomada por uma magia. Esta casa respira arte, quase que todos os dias. O mais marcante pra mim é ver a transformação na vida das pessoas. Impossível não se emocionar ao ver o brilho no olho do artista sendo aplaudido no final do espetáculo. Da mesma forma, o espectador que sai do Theatro, não é o mesmo que entra, a expressão facial muda, efeito da tal magia. E é isso que me move todos os dias. Quem trabalha aqui esquece que é um trabalho, vira uma missão de vida. Pensar que milhares de espectadores foram tocados pela arte e que passaram pelo palco e plateia ao longo destes 165 anos é mágico. Ao mesmo tempo, ver o contemporâneo Multipalco tomando forma, se enchendo de manifestações culturais, é mais uma conquista da instituição e de toda a comunidade gaúcha. Queremos mais séculos e séculos de espetáculos, arte e transformações neste templo cultural.

Alice Urbim - *Diretora Administrativa da Associação Amigos do Theatro São Pedro*

Admirar a Dona Eva é uma lembrança que busco na memória dos tempos em que era repórter de Variedades do Jornal Hoje, vespertino do Grupo RBS. Era fascinada pelos concertos que ela promovia, por sua paixão pela arte, e pelas feijoadas para a imprensa no casarão da Carlos Gomes. Sempre quis estar próxima dela, mas não era do clubinho, até que um dia consegui.

Susana Sondermann, que foi minha colega de Jornalismo na PUC, trabalhava com ela no Instituto Pró Arte e me apresentou a Dona Eva Sopher. Sim, ela era uma mulher cativante.

Os anos se passaram e eu fui me aproximando cada vez mais dela, pela função que exercia na RBS TV, na área de Entretenimento. Até figuração da série *Incidente de Antares*, ela fez. Sugeriu que ficasse no proscênio, e ela não pestanejou. Paulo José foi o diretor da série e ficou emocionado ao vê-la participando da gravação, com um entusiasmo quase juvenil.

Pelo meu sobrenome ser Urbim e o da Renata, uma das filhas da Dona Eva, ser Rubim, a confusão sempre se estabeleceu. Por sermos próximas, Eva e eu, achavam que eu era a filha da Dona Eva. Ela adorava esta confusão, e me chamava de filha postiça.

Na reinauguração do Theatro em 1984, com o musical *Piaf*, interpretado por Bibi Ferreira, Ligia Walper e eu, tínhamos uma produtora que fazia apoio local para espetáculos nacionais em Porto Alegre. E o Pedro Rovai nos chamou para fazer a reinauguração. Rovai e Flávio Rangel, diretor do espetáculo, homens de teatro, ajudaram a Dona Eva a erguer a bilheteria com os enfrentamentos da falta de visibilidade de alguns camarotes pelo público, junto com as intermináveis conversas enciclopédicas do teatro no Brasil.

No dia anterior à reinauguração, Bibi me chamou no camarim e disse que gostaria de dar um cravo para cada funcionário do teatro e um ramo de cravos vermelhos para sua amiga Eva. Pediu cartões de visita impressos com sua assinatura e escreveu o nome de cada um como forma de agradecimento e entregou pessoalmente. O buquê da Dona Eva era especial. O vermelho fulgurava! Quando perguntei para Bibi Ferreira, o porquê dos cravos, ela fez uma galhofa agauchada, e me respondeu:

– *Os cravos, guria, significam boa sorte!*"

Álvaro Rosa-Costa - *Ator e Compositor de cena*

Ser um dos protagonistas de *Chimango, o Musical*, ao lado de Sirmar Antunes e fazer um dueto com a minha companheira de vida, Simone Raslan, talvez tenha sido um dos momentos mais marcantes e desafiadores da minha trajetória artística e afetiva no Theatro São Pedro. Sempre que subo neste palco, que se confunde com a minha história familiar, é como se estivesse novamente em casa. Quando a cortina pesada do teatro se abriu em outubro





de 2014 e eu me vi a frente do Coro Sinfônico e da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, sob regência e música de Arthur Barbosa, libreto de Alpheu Godinho, a direção de Marcelo Restori, um filme me passou na minha cabeça. Considero o musical *Chimango* um marco, pois dois protagonistas negros, um compositor e maestro nordestino ganham a frente da OSPA, talvez pela primeira vez. Para mim, sempre foi e será difícil entender o Theatro São Pedro como um monumento da Cultura de nosso País. Antes de tudo, é o das pessoas que o TSP me apresentou, das festas familiares que fazíamos no final do no final do ano, da vida que sempre pulsou em seus corredores.

Ana Cecília Reckziegel - *Atriz e Professora de teatro*

OTheatro São Pedro é parte não apenas de minha formação artística e cultural, mas de boa parcela da população porto-alegrense. Entre os marcantes e incontáveis momentos vividos no TSP, como espectadora, estão os espetáculos *Piaf*, com atuação magnífica de Bibi Ferreira, e *Brincando em cima daquilo*, com atuação magistral de Marília Pera. Igualmente marcantes, e sempre afetuosas, eram as presenças de Dona Eva Sopher, recepcionando o público na entrada do teatro, e do querido João Antônio, que segue recebendo a todas e todos, com afeto e atenção.

Junto ao Teatro Vivo, com direção da saudosa Irene Brietzke, participei como atriz no espetáculo *Parentes entre Parênteses*, que cumprir temporada no TSP, com filas imensas na bilheteria, e “casa cheia”. Integrando o grupo TEAR, com direção de Maria Helena Lopes, participamos da produção da ópera *La Serva Padrona*, e levamos ao palco do TSP o espetáculo *O Império da Cobiça*. Finalmente, o TSP, sob a direção da atriz Ida Celina, acolheu o evento de comemoração dos 10 anos do grupo teatral Usina do Trabalho do Ator – UTA.

165 anos do nosso Theatro São Pedro. Andar por seu *foyer*, sua plateia, frequentar o Café e o terraço, admirando a Praça da Matriz, é sempre um imenso prazer. “Morar” em seus camarins por alguns dias, percorrer seus corredores, subir a escada rumo ao palco, acompanhar a cortina se abrindo, e encontrar-se com a plateia, é mágico. Viva o Theatro São Pedro,

viva a saudosa Eva Sopher. Parabéns a todas e todos que construíram e constroem a história desse belo teatro.

ANAADI - *Cantora e Compositora*

OTheatro São Pedro sempre foi um dos mais importantes espaços de memória cultural do Brasil. Minha impressão é que a partir de 2016, 2017, ele se tornou mais universal e inclusivo. Nunca vi tantos espetáculos locais acontecerem no TSP como a partir dessa segunda metade da década de 2010. Também nunca vi o teatro acolher e celebrar tantos artistas negros, mulheres e LGBTQ quanto neste período.

É nessa fase magnânima que destaco o momento para mim mais memorável, entre tantos que já vivenciei como artista e como espectadora, nesse templo sagrado de arte e cultura: o lançamento do meu disco *Nocturno*, em 2017, no palco principal. O teatro robusto e centenário, lotado naquela noite de chuva, me abraçou com sua ancestralidade suntuosa. E eu e meu público o abraçamos também, com nossas origens diversas, nossos colos afetuosos e nossa multiplicidade contemporânea. E foi uma festa! Dá prazer em imaginar como serão as próximas! Parabéns, Teatro São Pedro! Obrigada por abraçar e exaltar nossas culturas e memórias!

André Hanauer- *Técnico de som e luz de cena*

Há mais de vinte anos eu comecei vendendo bala na frente do Teatro São Pedro e logo depois consegui um emprego na recepção. Um dia surgiu uma vaga como técnico de palco. Eu tinha um sonho em trabalhar na técnica do Teatro São Pedro. Queria estar naquela movimentação do palco, naquela muvuca de cenário, estava disposto a aprender para trabalhar naquela vaga. Logo fui falar com o responsável do palco, ele disse que iria falar com o diretor daquela época. A resposta veio imediatamente: a vaga já estava ocupada. Que eu devia ter falado

com ele antes e não com o responsável do palco. Em pouco tempo, essa pessoa foi demitida, era visto constantemente dormindo em serviço. Dessa vez eu continuei insistindo ainda mais. Falava com os diretores mas eles não me respondiam e não me davam certeza de nada.

Até que um dia Dona Eva me viu triste e percebeu a situação, ela havia ouvido que eu queria muito trabalhar na parte técnica do teatro. Ela passou por mim, deu uma risadinha e disse: o que é para ser teu vai ser, deixa comigo. Não sei como ela sabia que eu queria ir para os bastidores do palco. Mais ou menos em meia hora recebi a notícia que seria contratado. Ela sempre acreditou em mim, e, com certeza, aprendi muito ao lado de Eva Sopher nessas mais de duas décadas trabalhando no Theatro São Pedro.

Aristides Germani - *Conselheiro da Fundação Theatro São Pedro*

Assisti muitas peças notáveis no Theatro São Pedro. Na minha juventude foram marcantes *O panorama visto da ponte* de Arthur Miller e *Um bonde chamado desejo* de Tennessee Williams. Duas peças que me despertaram o prazer pelo teatro. Além de muitos concertos de Piano, como de Arthur Moreira Lima, Miguel Proença e Nelson Freire e outros. Tive o prazer de assistir grandes peças com atores como Fernanda Montenegro, Beatriz Segal, Marília Pera, Paulo Autran, Leonardo Villar. Naquela época o Theatro era uma casa de espetáculos sem muita leveza no visual. Com a reforma executada por dona Eva Sopher a casa tornou-se iluminada e elegante, trazendo ainda mais destaque à arquitetura interna. O gradil dos camarotes trouxe um aspecto mais leve, ao contrário da proteção que existia anteriormente.





Camila Bauer - *Diretora de Dramaturgia UFRGS*

Minha primeira lembrança no Theatro São Pedro é da infância, ainda. Não sei ao certo que idade eu tinha, mas havia uma programação de orquestra com algumas explicações sobre os tipos de instrumento, os períodos em que as músicas haviam sido compostas e outras curiosidades que eram compartilhadas com o público leigo, como eu. Eu era pequena, mas aquilo me tocava muito e eu sempre queria voltar. Alguns anos depois, ocupei aquele espaço como artista, dirigindo espetáculos de teatro e ópera. Lembro do fascínio com as pinturas, com a luminária tão emblemática. Lembro da sensação depois da reforma e das pessoas dizendo sobre a importância da dona Eva, que mais tarde pude conhecer um pouco mais. É uma alegria pra gente saber que podemos contar com um espaço tão maravilhoso na nossa cidade. O TSP é um lugar historicamente marcante e que, na atualidade, segue sendo um dos nossos palcos mais relevantes.

Carlos Alberto Moraes Cava - *Associado AATSP*

Eu tinha 17 anos quando assisti a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre pela primeira vez e ficou gravado isso porque eu sou um apaixonado por música. A música é a forma de arte mais completa porque você não precisa entender, você só se deixa levar e vai embora. Vi também grandes peças aqui, com Nathália Timberg, Fernanda Montenegro. Foram épocas maravilhosas e que as peças vinham a Porto Alegre e ficavam um mês inteiro com várias apresentações, inclusive com várias montagens e eu me lembro de ter visto *O Beijo no Asfalto*. Essa foi com Fernanda Montenegro e com Nathália Timberg, foi a peça do Tennessee Williams. Eu falei com ela há um tempo. Ela vê aquilo como o grande teatro. Eu perguntei a ela – “Como é que você consegue chorar assim em cena?” E ela me respondeu: “Sofrer é isso!”

Ela ficou emocionada de eu ter me lembrado disso. São essas minhas memórias e ao longo dos anos tornei-me sócio do TSP e tenho frequentado praticamente toda a semana. Eu venho sempre aos espetáculos. Moro no centro e tenho facilidade em acessar o teatro a hora em que eu quiser.

Lembro muito bem de fazer referência a dona Eva Sopher a respeito da troca dos horários dos espetáculos de 21h para as 20h. Ela me disse que tinha tentado manter as 21h, mas que o povo local não aceitava e foi necessário adaptar e conciliar. Eu me orgulho de um gesto, quando ela fez 80 anos, enviei um buquê de flores para ela e escrevi um cartão de felicitações todo em alemão e ela ficou surpresa e emocionada, talvez porque ali não havia nenhum erro de idioma ou de gramática.



Carmen Lúcia da Fonseca Morandi - *Secretária de Eva Sopher - Funcionária do Teatro São Pedro desde 1982*

A primeira vez que entrei neste Teatro, foi ao ser convidada para o Churrasco da Cumeeira (celebrando a colocação do telhado). Nesse mesmo dia conheci Dona Eva, foi no final da década de 70. Aqui ainda não haviam nem palco, nem platéia, era chão batido, os camarotes eram aberturas em forma de arco, sem porta, sem nada, apenas alguns gradis. Mas pulsava em todo este espaço um encantamento arrebatador, a Magia da Arte, de outros tempos talvez, a mesma que me trouxe definitivamente para este Templo da Cultura, num dia de São Pedro, em 29 de junho de 1982. Sempre uma grande honra estar trabalhando aqui.

Imaginem quatro décadas aqui dentro, a infinidade de espetaculares momentos, difícil destacar um só, é como escolher apenas uma gota num oceano de lembranças. Então resolvi dividir esta gota ao meio: a noite de reinauguração do Teatro e a em que recebi o Prêmio Eva Sopher, ambas plenas de emoção e muita gratidão.

A Magia da Arte sempre presente, torna os momentos no Teatro São Pedro muito marcantes, uma grande honra estar trabalhando aqui.

165 Anos! Parabéns! Amado Teatro São Pedro!





Dani Beling - *Chefe de Planejamento da Fundação Theatro São Pedro*

A minha trajetória profissional com o Theatro São Pedro começa em junho de 2017, quando assumi a Coordenação de Regularização e Contratos no Patrimônio do Estado. Entre processos empoeirados de imóveis estaduais, imediatamente um deles roubou meu coração: *Theatro São Pedro*, escrito em letra cursiva com caneta azul na capa de um processo fininho, surrado, capa branca manchada, à espera de uma solução. Foi amor à primeira vista. Para uma profissional apaixonada por Direito Imobiliário e por Patrimônio Histórico, aquele processo era um diamante.

Abracei-me naquela demanda e prometi a mim que resolveria aquela questão, custasse o que custasse. Tratava-se da regularização dos terrenos que compõem a área do Multipalco, parte do nosso Complexo Cultural. E assim, entre idas e vindas administrativas, em março de 2021, finalmente nasce a solução outrora sonhada para aquele lugar que ganhou a minha alma e o meu coração: o *Decreto de Transferência dos Imóveis do Estado para a Fundação*. Em seguida, a conclusão com o Registro de Imóveis. Mas o meu coração havia sido fígado. E para uma apaixonada, isso era pouco. O Theatro São Pedro tem algo tão especial que captura o teu afeto e não te deixa mais abandoná-lo. E assim, minha trajetória profissional veio morar aqui neste lugar mágico, com novos sonhos para este Complexo Cultural.

O próximo passo? Uma matrícula linda do Theatro e uma reestruturação organizacional e legislativa da Fundação, a fim de alçar o Complexo Cultural Theatro São Pedro e Multipalco aos próximos 165 anos de sua linda trajetória. Amor e empenho, não irão faltar. E Dona Eva, de onde estiver, certamente vai se alegrar e aplaudir!

Deborah Finochiaro - *Atriz e Diretora de teatro*

Nem sei dizer... o TSP está tão dentro do meu imaginário, da minha vida, que parece que já estava presente desde o dia do meu nascimento!

Compartilho uma lembrança, de muitos anos atrás, era a chegada no saguão para assistir um espetáculo que fazia parte da programação do *Encontros Renner de Teatro*, excelente festival, com produção da Andrômeda, que antecedeu o *Porto Alegre em Cena*. Acho que a primeira vez, entre inúmeras vezes, que me apresentei no palco do TSP foi com a peça infantil *A Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes, na montagem de 1991, com direção de Zé Adão Barbosa e que trazia no elenco Debora Lacerda, Marcelo Delacroix, Beto Herrmann e Henrique Kunz.

E é inevitável qualquer lembrança do e no Theatro São Pedro sem a presença de uma das mulheres mais incríveis que tive a honra de conhecer, a querida e brava Eva Sopher.

Enfim, longa vida para esse bendito santuário cultural da nossa cidade, do nosso estado, do nosso país. Viva o Theatro São Pedro!

Diego da Maia - *Chefe de Assessoria de Comunicação do TSP*

O nome do nosso local de trabalho acaba se tornando o nosso sobrenome. Tenho um orgulho em ser chamado por muitos como o Diego do Theatro São Pedro.

Quando comecei a trabalhar aqui a sede administrativa era no meio da obra do Multipalco, onde hoje está localizada a Sala da Música. Presenciei muitas mudanças e sempre tínhamos a incógnita se o Multipalco ficaria pronto.

Um dos trabalhos mais impactantes, com certeza, foi produzir conteúdos sobre a morte da nossa querida Eva Sopher e as constantes peças de divulgação sobre o seu magnífico trabalho frente ao Theatro São Pedro, que agora tem como assinatura uma de suas grandes obras.

Hoje, o Multipalco Eva Sopher está quase pronto e em pleno funcionamento. Seguimos invictos na categoria teatro em todas as pesquisas de opinião, com um profundo respeito e carinho pelo nosso passado e com olhar atento e inquieto para o futuro.

Dilmar Messias - *Diretor Artístico do TSP*

O Pó de Pirlimpimpim, uma criação de Monteiro Lobato, é usado pelos personagens de *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* para transportarem-se, magicamente, de um lugar a outro. Esta foi a exata sensação que tive na primeira vez que vi uma peça de Teatro, aqui, neste palco encantado do São Pedro. Era 1957, eu tinha nove anos e meu irmão, Darcilio Messias, cantava no espetáculo. O nome era: *A Fada Macambira*, de Ernesto Wayne, direção de Glênio Peres, com música de Lupicínio Rodrigues. Assim comecei o texto da 1ª Mostra Pirlimpimpim, um dos primeiros projetos que criei nesta casa, como Diretor Artístico. Então, minha primeira vez no Theatro São Pedro foi como espectador, uma experiência inesquecível, ainda hoje lembro da peça e de algumas canções.

Quase trinta anos depois, em 1986, faço a minha estréia neste palco como autor, diretor e ator. Apresentamos, o premiado espetáculo *As Aventuras de Mime Apestovich do Início ao Meio*, foi o *debut* do talentoso músico e multiartista Hique Gomes, aqui. Outros espetáculos vieram, entre eles *Ubu Rei*, *Lili Invento o Mundo*, *O Marido do Dr. Pompeu*, *Misto Quente* do Circo Girassol e *Esta Noite Estou Só*, último trabalho da nossa querida atriz Carmem Silva.

Quase trinta anos depois, em 2015, aceito o convite do Secretário Victor Hugo para ser o Diretor Artístico desta casa, o que considero uma honraria. Tive o prazer de ser recebido e trabalhar com Eva Sopher até 2018, ano de seu falecimento. Enfrentamos uma série de dificuldades e transformações nestes quase dez anos em que estou aqui, mas sempre tivemos um objetivo muito claro: concretizar o sonho de Dona Eva, que é o de todos nós, a conclusão das obras do Multipalco.

Hoje, quando comemora os seus 165 anos, o Theatro São Pedro se



encaminha para realizar esta façanha. Isto tudo se deve a dedicação da Secretária da Cultura Beatriz Araujo, que com a inspiração do professor Carlos Appel, é responsável por uma gestão competente, notável; a disposição e coragem do Presidente da Fundação Antonio Hohlfeldt, que se envolveu pessoal e ativamente neste projeto; a firmeza e a percepção superior do poder transformador da arte, que tem o governador Eduardo Leite e, finalmente, da pequena equipe do Theatro São Pedro, que não mediu esforços para dar sua valiosa contribuição para a concretização deste notável feito.

Post Scriptum

Uma pequena contribuição ao folclore das singulares histórias acontecidas no palco do nosso Theatro, como a da cantora lírica que foi vaiada durante a apresentação e desmaiou em pleno palco, ou a história do rato que atrapalhou a performance de um artista internacional. Ou o *spot* que despencou da vara de luz caindo próximo da pianista que se apresentava, ou dos fantasmas que andam pelos corredores do Theatro.

Numa das apresentações do espetáculo *As Aventuras de Mime Apestovich* havia uma cena em que o Lunático, personagem que eu fazia, sentava em uma lua e ascendia puxado pelo maquinista*. Nesta apresentação, enquanto eu subia, o saudoso e grande (em todos os sentidos) ator Leverdógil de Freitas, dançava dentro de um boneco gigante, com o restante do elenco. De repente, num giro, ele desequilibra-se e cai dentro do fosso da orquestra. Com o barulho o contra-regra*, que me erguia, veio à beira da varanda*, ver o que estava acontecendo, deixando-me por conta do contra-peso*. A lua não parava de subir, olhei para cima e o urdimento* agigantava-se. Fiquei assustado, chamei o contra-regra. Ele não ouviu porque o som estava alto e a cena seguia. Logo, o ator voltou ao palco e retomou a dança. Para a minha sorte, o contra-regra se deu conta que eu estava em apuros, rapidamente travou a corda antes que eu fosse prensado no urdimento*. Felizmente, ninguém se machucou. A peça acabou e o público aplaudiu entusiasmado, sem se dar conta do que tinha acontecido nos bastidores*.

Glossário de Cenografia

MAQUINISTA: Profissional encarregado da manipulação dos maquinismos de um teatro. Profissional que monta cenários.

CONTRA-REGRA: Elemento encarregado de cuidar dos cenários e objetos de cena, indicar as entradas e saídas dos atores, dirigir as movimentações dos maquinismos cênicos, distribuir horários e informes.

VARANDA: Uma espécie de passarela que contorna todo o urdimento, às vezes, também atravessando-o, por onde circulam os cenotécnicos. Nessa varanda é que se amarram as cordas, controlam-se os contrapesos, os efeitos cênicos etc.

CONTRA-PESO: Sistema usado em teatro para aliviar o peso das varas que prendem cenários, cortinas, pernas ou bambolinas. "Estava fácil subir e descer as varas: elas estavam contrapesadas".

URDIMENTO: Armação de madeira ou ferro, construída ao longo do teto do palco, para permitir o funcionamento de máquinas e dispositivos cênicos.

BASTIDOR: Além de ser um elemento de cenografia, é como denominamos a parte interna e posterior do Teatro. Aquela que o público não vê.

Fonte: Glossário de cenografia - Principais termos usados em cenografia - JC Serroni



Rita Suzana Camargo Souto - *Associada da AATSP*

Meus pais frequentavam o Theatro e eu conhecia o espaço físico. Minha primeira lembrança de teatro real foi assistir, em 1948, a *Olhai os lírios do campo*, obra de Érico Verissimo, na interpretação da grande atriz Iracema de Alencar. O tema e os artistas, o cenário, o vestuário, a iluminação tudo me impressionou e, desde então, passei a ser assídua acompanhando meus pais ou minha irmã.

O momento marcante: ter assistido, na década de 50, a *Pega fogo*, um romance autobiográfico de Jules Renard, no extraordinário desempenho da insígne Cacilda Becker, vivendo um menino ruivo muito triste que passou a infância numa família cruel.

Outros marcantes se sucederam: a reconstrução do Theatro; *Piaf* interpretada pela magnífica Bibi Ferreira, na reinauguração do mesmo; os excelentes Concertos e Recitais patrocinados pela Pró-Arte, então dirigida pela saudosa Dona Eva Sopher; a fundação da AATSP de que sou sócia



desde 1986; a criação da OCTSP com que tenho colaborado; as peças com grandes artistas, entre os quais Fernanda Montenegro.

Com muita honra, participei ativamente quando comemorados 150 anos do Theatro, em 2008.

E outros, muitos outros marcantes, se houvera espaço para citá-los.

Eduardo Battaglia Krause - *Presidente do Conselho Curador da Fundação Theatro São Pedro*

Um sanduíche com Dona Eva.

Faz uns 20 anos. O instantâneo com Dona Eva Sopher permanece. Integrando hoje o Conselho Curador da Fundação Theatro São Pedro, colegiado com Aristides Germani, Marindia Duarte, Mariana Abascal, Marcelo Pedott e Denise Gress, cuja qualificação desnecessário agregar, tenho cada vez mais admirado aquela dama de ferro que a tudo enfrentou para tirar do escombro o velho e decaído Theatro São Pedro. Lembro, guri ainda, ter assistido *Alice no País das Maravilhas*, um pouco antes dele fechar. Faltavam mãos e talento para mantê-lo. Elas vieram com Dona Eva, aquela senhora de olhar carinhoso e sorriso sempre presente que nos esperava, com o molho de chaves na mão, na porta do Theatro. Faz uns 20 anos.

O interesse pela Cultura veio de meus pais. Ela, Janice, uma jovem de quase 96 anos, com cabeça arejada e formação nos Instituto Belas Artes. Ele, Otto, autodidata e leitor voraz, onde colocava as mãos transformava. Adiante, se fortaleceu com Antonio Hohlfeldt, amizade de 40 anos entre dois diferentes que acreditavam na convergência. Faz uns 20 anos. Germano Rigotto governava o Estado, Hohlfeldt, na oportunidade o Vice, estava a frente do Governo. Pelas tantas, me chamou para almoçar. Saímos do Palácio Piratini, costreamos a calçada da Assembléia Legislativa, tendo ao lado a Praça da Matriz e demos na porta do Theatro. O Multipalco ainda era um sonho sonhado por ela, por ele e outros tantos que respiravam e respiram Cultura. Dona Eva estava na porta. Nos conduziu por um caminho que ela e Antonio conheciam muito, para mim uma descoberta. No fundo do Thea-

tro, subimos num velho elevador gradeado e demos num acanhado escritório sem luz, onde o brilho era ela. Como mãe e filho, conversaram coisas do mundo em que estavam inseridos, a Arte, Cultura, espetáculos, música,... O almoço foi sanduíche e refrigerante. Faz uns 20 anos. Foi um dos melhores almoços em que participei como silencioso ouvinte. Frequentei muito o Theatro São Pedro. Quando eu chegava, o sorriso era o mesmo, ela mais velhinha, João sempre ao lado, João Antonio Porto, nosso brilhante guardião das chaves, história viva do Theatro.

Acho que ela não sabia bem quem eu era, pouco importa, eu sabia quem ela era. Faz uns 20 anos. Foi um inesquecível almoço, um marcante instantâneo pessoal que guardo e divido com todos os anônimos, como eu, que por lá já passaram, comoveram-se, curtiram, choraram, riram com os inúmeros espetáculos. No dia 27 de junho próximo estaremos comemorando os 165 anos do Theatro São Pedro. Dona Eva Sopher, onde estiver, estará conosco. Quem sabe comendo um sanduíche.

Eva Schul - *Bailarina e Coreógrafa*

O Theatro São Pedro foi acompanhante da minha carreira desde criança. Sempre me apresentei com minha escola de *ballet*, ponto alto da minha jovem vida artística. Ele também foi acompanhante das mudanças nas minhas escolhas de caminhos linguísticos, até o momento em que fui embora do Brasil. Minha grande tristeza nos retornos, foi vê-lo passar anos fechado numa interminável reforma, porém minha imensa alegria foi vê-lo reinaugurar, toda a sua glória, e poder não apenas voltar a nele me apresentar, mas também poder levar a ele apresentações de dança locais, nacionais e internacionais de alta qualidade em projetos como foi o *ConeSul Dança*. Espaço privilegiado que sempre ilustrou a vida cultural de Porto Alegre desde que me lembro, sempre com maravilhosas apresentações.

Evandro Matté - *Maestro e Diretor Artístico da OTSP e da OSPA*

Como sou do interior (Caxias do Sul), meu primeiro contato com o TSP foi por fotos de jornais e matérias de televisão. Mais especificamente uma divulgação do *Tangos e Tragédias*. Achava lindo e sonhava um dia conhecer e/ou poder me apresentar.

Tenho dois momentos especiais, o primeiro como trompetista quando tive a primeira oportunidade de tocar com uma orquestra em Porto Alegre. Era aluno da Escola da Ospa e fui convidado para tocar com a Orquestra Theatro São Pedro, sob regência do Maestro Lutero Rodrigues. A segunda, já como maestro, foi ter o privilégio de reger um dos maiores músicos da história do nosso país, Nelson Freire.

Flávio Tavares - *Jornalista e Escritor*

Menino ainda, lá pelos 10 anos de idade, me impressionava a imponência e, até mesmo, a grandiosidade do Theatro São Pedro, que conhecia apenas pelas fotografias estampadas nos jornais. Anos depois, por volta de 1953-54, lembro-me com nitidez que assisti no São Pedro, tardes de opereta pela primeira vez na vida. Foi nesse teatro que brotou meu amor pela música.

Tantos foram os momentos marcantes que presenciei no São Pedro que é difícil destacar apenas um deles. Lembro-me até hoje da atriz Cacilda Becker e seus deslumbrantes papéis nas peças teatrais dirigidas por Ziembinsky. Creio, porém, que o momento insuperavelmente marcante foi ter presenciado o grande Heitor Villa-Lobos regendo a orquestra do Theatro.

Gilberto Schwartzmann - *Professor e Médico*

Guardo memórias lindas de minha vida e que são indissociáveis das atividades culturais no Theatro São Pedro. Eu jamais esqueci, por exemplo, a emoção que vivi, como Presidente da Décima-Primeira Bienal do Mercosul, por ocasião do encerramento da Feira do Livro, em novembro de 2017, ao receber no Theatro São Pedro, lotado de gente, numa manhã de domingo, o ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, Wole Soyinka. Foi um momento mágico para mim e para todos os que estiveram presentes em nosso belo teatro.

Outro momento inesquecível aconteceu mais recentemente, em março do ano passado, em 2022, quando, como presidente da Associação de Amigos do Theatro São Pedro, recebi – em primeira mão – a informação do Senhor Governador do Estado, Eduardo Leite, e da Secretária de Estado da Cultura, Beatriz Araujo, que a Fundação Theatro São Pedro receberia as verbas necessárias para a conclusão das obras do Projeto Multipalco. Chorei muito ao ouvir a notícia, pois significava que um esforço coletivo de décadas valera a pena. Foi uma emoção indescritível e que eu jamais esquecerei.

Hique Gomez - *Ator e diretor de teatro*

Em 1984, os sbørnianos ainda não haviam encontrado o caminho do Theatro São Pedro quando a AATSP foi fundada, um ano depois, em 1985, quase junto com a reabertura depois das reformas que levaram 17 anos. Mas já haviam chegado ao Brasil e já haviam estreado seu *show* de cabaré pós-apocalíptico, chamado *Tangos e Tragédias* no mesmo ano da reabertura (1984), num barzinho no centro da cidade há algumas quadras do precioso prédio neo-clássico bem no coração da cidade.

Ao verem o prédio maravilhoso os sbørnianos ficaram estupefatos e tiveram certeza de que aquele jamais seria um palco para eles... Eis que um





dia, Eva viu a Uva!... e resolveu dar uma chance em um horário alternativo para *Tangos e Tragédias*. Teriam que fazer seu show no proscênio, na frente das cortinas fechadas, com a recomendação de não entrarem na parte de dentro do palco onde a atração principal estaria toda montada. Kraunus e Pletsckaya, maravilhados com o Theatro São Pedro, fizeram o de sempre... mas agora "maravilhados". Logo Dona Eva, vendo que ninguém mais queria utilizar o mês de janeiro, julgando que não haveria público, pois todos estariam no litoral, ofereceu aos dois forasteiros o mês inteiro para fazerem o *show* no Theatro São Pedro.

Eles, no maior perrengue, no maior sufoco, duros e sem *shows* marcados na agenda aceitaram... Deu tão certo que, Dona Eva, que havia visto a uva, viu agora um vinhedo inteiro! E assim *Tangos e Tragédias* ocupou 28 janeiros e muitas semanas em junho/julho.

Não só *Tangos e Tragédias*, mas todos os espetáculos que eu e Nico Nicolaiewsky montamos. Ali, estreei como ator sob direção do meu mestre Dilmar Messias. Ali escrevi os primeiros arranjos para Orquestra, ali me apresentei como solista com a Orquestra do Theatro São Pedro. Ali dirigi espetáculos. Ali me formei como profissional na área do *show business*, na tarefa de administrar uma carreira que hoje ultrapassa todo o sucesso que tivemos em dupla e individualmente.

O Theatro São Pedro tem sido nosso laboratório constante de vida. Ali empenhamos grande parte de nossa energia vital, na tarefa de dar ao nosso público, momentos de criatividade e inspiração. O trabalho da Associação tem sido vitorioso, visionário, e a tendência é que cresça e cumpra um papel cada vez mais importante em uma das mais importantes instituições de cultura do Brasil. Hoje, como os artistas que mais pisaram neste palco, muita humildade é o que nos sugere, diante de tanta história e diante de tantos artistas de nome internacional que passaram por aqui.

O futuro aponta para um cenário riquíssimo com as atividades do Multipalco. Uma contribuição cada vez maior, cada vez mais digna e perene.

As Irmãs - *Associadas a AATSP*

Temos os apelidos das irmãs Cajazeiras ou as irmãs de Tchekhov, como o João Antônio nos apelidou (João Antônio Porto, funcionário desde 1986 do TSP). Somos frequentadoras assíduas aqui do Theatro São Pedro, participamos de todos os espetáculos, de todos os eventos, até a pandemia. Agora estamos recomeçando os trabalhos e esperamos que tudo corra bem.

Ana Maria Santos

A gente frequenta aqui desde a reabertura, em 1984, acompanhamos sempre a luta da Dona Eva por todo esse espaço, ela recebia a gente sempre tão bem e a gente sente muita saudade dela. Certa vez Dona Eva comentou que se houvesse um público como a gente, que vem em quase todos os espetáculos, que frequentava os espetáculos de graça, que vinha, também, para os espetáculos pagos, pelo menos a plateia estaria sempre cheia.

Isabel Cristina Santos

A gente frequentava o teatro tanto que, à vezes, em uma semana a gente vinha aqui três vezes, ou até mais, com projetos como o *Blue Jazz*, depois o projeto *Pixinguinha*, o chorinho, às quintas-feiras, e agora, ultimamente o *Musical Évora* e o *Mistura Fina*. E também estamos nos Concertos da Orquestra Theatro São Pedro, aos domingos pela manhã.

Maria Cecília Santos - In Memoriam

Jair Kobe - *Humorista, Ator e Diretor de teatro*

Guardo com muito carinho a lembrança de minha estreia no Theatro São Pedro com a peça *Os Causos do Guri de Uruguaiana*. O ano era 2011 e a expectativa de me apresentar num palco de tamanha relevância no cenário nacional era imensa, pois além do peso histórico e toda a aura que envolve estar naquele ambiente tão tradicional da cultura gaúcha, ainda havia a expectativa da dúvida se o meu público passaria a frequentar o Teatro! E o público compareceu e foi uma temporada recorde de público. Muitas pessoas, inclusive, relataram que foram pela primeira vez ao Theatro São Pedro para ver o Guri de Uruguaiana, fato que me enche de orgulho.

Um dos momentos mais marcantes na história do Guri de Uruguaiana foi justamente no palco do Theatro São Pedro, quando a Dona Eva Sopher fez sua estreia como atriz, interpretando a personagem da Vó Licurgo, na minha peça. Contracenar com Dona Eva e proporcionar essa experiência pra ela foi uma honra e um imenso prazer! Um momento histórico do teatro, testemunhado, inclusive, por nada menos que o grande Luís Fernando Veríssimo, que estava na plateia!

Jayme Sirotsky - *Empresário e Presidente Emérito do Grupo RBS*

Numa tarde, como tantas outras, em 1975, entra em minha sala na RBS a figura querida de Eva Sopher. Vamos reabrir o São Pedro, me disse, e não vai sair barato! Vamos reconstituí-lo, assim como era em sua inauguração no século passado. Irradiava determinação e firmeza. Mulher vivida e sofrida, cuja família foi forçada a deixar a Alemanha nazista e chegou ao Brasil adolescente. Encarou este projeto como seu propósito no país que a acolheu. Foram anos em busca de recursos e cuidados nos detalhes até a reinauguração, em 1984. Nesta jornada, tive o prazer de estar ao lado de sua causa, pessoalmente ou através da RBS, em inúmeras vezes. Desde





então, até morrer, o Theatro São Pedro e, posteriormente, o Projeto Multipalco, foi seu endereço. Acolhia os frequentadores na entrada como se estivesse em sua casa.

E foi ali que tive mais oportunidades de encontrá-la.

E, cada abraço e beijo era, também, um muito obrigado Dona Eva.

Jezebel de Carli - *Professora e Diretora de teatro*

Minha primeira lembrança do Theatro São Pedro foi na década de 80, na qual estava cursando Artes Cênicas no DAD/UFRGS. Fui assistir ao espetáculo *Crônica de uma Cidade Pequena* do Grupo TEAR, dirigido pela encenadora e professora Maria Helena Lopes. Eu estava há pouco tempo estudando teatro em Porto Alegre e o São Pedro tinha recém sido reaberto (1984), fato que gerou em mim uma grande expectativa. Ao entrar no Teatro foi como um encantamento. Sonho de uma jovem estudante – um dia irei me apresentar aqui. E o espetáculo? Incrível. Mais um desejo para um futuro – um dia vou integrar o grupo TEAR e ser dirigida pela Lena. Felizmente ambos os sonhos aconteceram. Tenho o São Pedro na memória do afeto. Foram muitos os momentos marcantes que vivi no Theatro São Pedro desde os espetáculos os quais estive como espectadora, como *Piaf* (Bibi Ferreira), *Brincando em cima daquilo* (Marília Pêra), *The Flash and Crash Days*, *Carmen com Filtro*, *Fim de Jogo* (Gerald Thomaz) e tantos outros mais... até os trabalhos os quais participei como atriz ou encenadora, tais como Mostra Santa Estação Cia de Teatro e Coletivo Errática, direção dos Prêmios Brasken de Teatro e última apresentação do espetáculo *BR-TRANS*.

Sempre que estivesse trabalhando no São Pedro fui super bem recebida pela equipe de forma atenciosa, solícita e extremamente profissional.

Parabenizo em nome do funcionário João Antônio, um ser humano incrível, afetivo, que sempre procurou atender às minhas solicitações com muita eficiência, a todos os técnicos e profissionais da cena com os quais estabeleci relações ao longo dos anos, desde a primeira vez que fiquei encantada ao entrar no Theatro São Pedro.





Lustre baixado à plateia © Gisele Noll



Jorge Gerdau Johannpeter - *Empresário*

Hoje, olhando para o Teatro São Pedro é inacreditável o trabalho que nossa Dona Eva Sopher realizou.

Ela recuperou e atualizou o Teatro São Pedro e fora disso conduziu os eventos e toda preocupação de uma forma extraordinária.

O Teatro São Pedro é um patrimônio cultural do nosso Estado e graças ao trabalho e dedicação da Dona Eva Sopher foi mantido e preservado, é obrigação de todos nós apoiar e continuar sua manutenção e continuidade.

Muito obrigado Dona Eva, todos somos gratos a ti!!

Jussara Haubert Rodrigues - *Assessora Executiva da AATSP*

Entrei pela primeira vez no Teatro aos 8 anos: minha professora de piano e vizinha me apresentou teatro, orquestra, espetáculo, encantamento. Foi amor à primeira vista.

Pouco tempo depois, me senti artista, timidamente, com a escola de *ballet*. Nos meus poucos passos na dança, subi ao palco, nova perspectiva do teatro, aquele monte de gente me assistindo por minutinhos, pernas bambas.

E foi passando o tempo e foram se multiplicando as visitas ao Teatro. Música, dança, teatro, risadas, lágrimas, arrebatamento, puro encantamento, magia. Vivi vidas diferentes da minha, revisei ideias, sonhos em textos, em notas musicais e em movimentos de corpos expressivos contando histórias.

A vida foi me levando, o Teatro sempre presente, eu sempre plateia atenta, entusiasmada.

E a gente, o Teatro e eu, recebemos mais uma oportunidade de nos relacionarmos: chance de conhecê-lo mais intimamente, trabalhar nele e por ele. Via Associação de Amigos, posso me sentir fazendo parte de uma equipe que é praticamente uma Família São Pedro, gente que não perde o entusiasmo diário em levar adiante o pulsar do velho teatro, mantendo sua jovialidade, sua

renovação agora também com a multiplicação de espaços com o fabuloso Multipalco.

Alegria me dá ver as gerações se encontrando no palco e na plateia, as apresentações unirem o que melhor temos da produção local com o universal, o clássico com o experimental, a formação de plateias, a formação de novas gerações de músicos e de atores, a possibilidade de ser polo de formação, de atuação, de produção cultural. O público saindo encantado pelo seu espaço, pelas apresentações assistidas.

Que orgulho sempre do Theatro São Pedro! Orgulho de saber que a comunidade sente o espaço como seu, faz por ele, participa, apoia quando é chamada para que possa continuar sua resistência. É o nosso Theatro.

Viva seus 165 anos e que se multipliquem o tempo e as tantas apresentações que ainda vamos ter o prazer de assistir.

Lauro Porto - *Chefe de Manutenção do Theatro São Pedro*

Eu ajudei a montar e preservar esse lustre magnífico do Theatro São Pedro. Desde 1984 até agora, eu passei a ser o responsável pela manutenção dele. Para mim, é um orgulho ver a luz que ele projeta sobre toda a plateia, no início e no final de cada apresentação. Eu tive e tenho o privilégio de uma vez por ano baixá-lo para a minuciosa limpeza de todas as centenas de peças de cristal lapidado e proceder a troca de lâmpadas danificadas. É uma operação delicada e belíssima e muitas pessoas vêm para vê-lo de perto e documentar com fotografias. Já recebemos grupos de visitantes de alguns países que vieram para encontrar com Dona Eva e conhecer o grande lustre característico do Theatro. E eu realizei o procedimento de baixá-lo para que eles pudessem vê-lo de perto, examiná-lo e bater as fotografias.



Leticia Vieira - *Produtora artística e cultural*

Eu devia ter cerca de 12 anos quando meu pai entrou em casa e pediu à minha mãe que me comprasse um sapato e um casaco novo. Íamos ao Theatro São Pedro e a peça era *Feliz Páscoa*, com Paulo Autran. Esta lembrança marcaria para sempre a minha vida. Foram muitos os espetáculos que assisti nos mais diferentes lugares destinados ao público, plateia, camarotes centrais e laterais, galeria e alguns do camarote 1, que na sequência da vida, soube que era chamado de camarote da Dona Eva.

Minha vida afetiva e profissional sempre esteve ligada ao Theatro São Pedro, de diferentes formas. Comecei a trabalhar com teatro no final dos anos 90, e vieram muitas produções, dentre tantas, as montagens nacionais que buscavam o Theatro São Pedro como palco para a conexão com o público gaúcho, os festivais e algumas produções locais. O Theatro sempre esteve em um lugar de excelência, reconhecido nacionalmente pela infraestrutura e pela qualidade de profissionais técnicos que nos recebiam. Foi quando, em 2010, fui chamada para trabalhar no setor de programação e produção do Theatro São Pedro pela primeira vez. Sob a batuta da dona Eva, foi para mim uma verdadeira escola, onde vivi momentos marcantes da minha vida. Quando voltei a trabalhar no Theatro São Pedro, em 2017, desenvolvemos inúmeros projetos, dos quais alguns, se mantém até hoje.

Vivenciar a chegada do Theatro aos 165 anos de histórias, arte, palco pulsante, e ainda presenciar os diversos outros espaços do complexo cultural do Theatro São Pedro ganharem vida, sob o nome de Multipalco Eva Sopher é testemunhar uma vitória da arte brasileira. Agradeço sempre a oportunidade de fazer parte desta história e espero que ainda muitas e muitas crianças possam ser oportunizadas a entrar nesse templo, se encantar e virem a somar nessa história que nos orgulha, emociona e inspira.

Seguimos, esperando o terceiro sinal.

Viva a Cultura brasileira!

Viva o Theatro São Pedro!





Liane Venturella - *Atriz*

A minha primeira lembrança do Theatro São Pedro foi nos anos 70, quando me apresentei com a escola de *ballet*. Eu era pequena e lembro de perceber o teatro gigante e mesmo assim me sentir à vontade. Essa é uma qualidade que segue sendo do nosso São Pedro, o tamanho acolhedor que nos abriga de maneira tão confortável, tanto na plateia quanto no palco.

Luana Costa - *Presidenta da Escola Imperadores do Samba*

A primeira vez que fui ao Theatro São Pedro, foi em 2019, fui assistir ao musical *Elza*, fui com minha mãe. Somos muito fãs da cantora Elza Soares.

Minha mãe já conhecia o Theatro, eu fiquei impressionada com a decoração, arquitetura, muito diferente dos lugares que eu conhecia, é tudo muito bonito e encantador, a sensação foi de entrar noutra época, com a conservação das características clássicas, é o que torna o lugar ainda mais especial. O Musical em si foi maravilhoso e assisti-lo no Theatro São Pedro foi marcante e emocionante.

Loma Pereira - *Cantora*

As comemorações dos 165 anos do Theatro São Pedro, me trazem a oportunidade de manifestar o orgulho que sinto por estar fazendo parte de sua existência, em meus 50 anos de trajetória artística.

São 165 anos de muita luta por parte dos gestores para mantê-la a





altura de sua majestade e sigo comemorando cada gloriosa conquista!

Em sua pujança, históricos registros de acontecimentos importantes e memórias indelévels de grandes nomes de artistas do cenário gaúcho, nacional e internacional!

Vida longa ao THEATRO SÃO PEDRO!

Luciano Alabarse - *Diretor de teatro*

A primeira lembrança que tenho do São Pedro remonta há décadas atrás, antes da reforma heróica capitaneada por Dona Eva Sopher. Eu, criança ainda, subindo a escada que dá acesso ao palco. Minha irmã, também uma criança, estudava dança espanhola e sua escola tinha apresentação no teatro. Fiquei maravilhado com tudo aquilo tão novo e misterioso para mim. Tamanho impacto nunca deixou de me acompanhar vida afora. Depois da reforma, já adulto, passei a frequentar nossa mais bela casa de espetáculos com regularidade fiel.

São tantos os momentos impactantes nessa linda história de amor que mantenho com o Theatro São Pedro que é impossível escolher só um momento marcante, mas, como um diretor de teatro que se acostumou a estreiar seus espetáculos ali, lembro do impacto de Dona Eva assistindo a montagem de *Heldenplatz*, de Thomas Bernhard. Quando a peça retratava a ascensão nazista da Áustria e, a pedido do autor, desciam aquelas compridas bandeiras com a suástica nazista, testemunhei a emoção sofrida e o terror que a cena lhe proporcionou. Depois da apresentação, ela veio até onde eu estava e me disse: “Eu nunca tinha imaginado ver esses simbolismos que me fizeram sair da minha terra, no palco do meu teatro, Luciano. Tua peça me fez lembrar todo esse período doloroso da minha vida”. Claro, fiquei sem palavras. Nos abraçamos longamente e reiteramos nossa amizade fraterna de tantos anos.

A lembrança mais viva é a da própria Dona Eva na entrada do teatro recepcionando o público. Isso alimentava minha fé no Teatro, e ainda

alimenta. O Theatro São Pedro tem um símbolo, caro a todos nós, e esse símbolo é ela, Dona Eva Sopher.

Luiz Antonio Assis Brasil - *Escritor e Professor*

Minha primeira lembrança do Theatro São Pedro foi quando fui assistir a uma apresentação da Orquestra Juvenil de Porto Alegre, conduzida por Gunnar Skou-Larsen. Fiquei maravilhado com o teatro e com a música, mais com a música do que com o teatro. Pareceu-me bem decadente, mesmo para minha jovem percepção. Tive vários momentos marcantes no TSP, mas talvez a de maior impacto foi quando eu mesmo subi ao palco, para tocar com a OSPA, no naipe de violoncelos: eu via a plateia de frente.

Foi algo perturbador, de que me lembro até hoje, e com certo terror e fascínio.

Luiz Armando Capra - *Superintendente Administrativo Financeiro da Fundação Theatro São Pedro*

Administrar o Theatro São Pedro e, contribuir para a finalização do Multipalco Eva Sopher é um desafio emocionante e complexo. No que diz respeito ao Theatro São Pedro, é essencial preservar a história e a herança cultural do local. Isso envolve cuidar da manutenção e restauração da edificação, garantindo a segurança e funcionalidade dos espaços. Enquanto isso, a finalização das obras Multipalco Eva Sopher traz consigo oportunidades emocionantes para aprimorar a experiência dos espectadores.

Para administração de ambos espaços, é fundamental contar com uma equipe qualificada, composta por administradores, arquitetos, comunicadores, contadores, engenheiros, teatrólogos, entre tantos outros profissionais. Eles trabalham em sintonia para equilibrar as demandas da





operação continuada do Theatro São Pedro e da construção dos novos espaços, garantindo uma transição suave entre os dois locais. Com planejamento cuidadoso e uma abordagem estratégica, honrando a tradição e abraçando a inovação para o benefício de artistas e espectadores.

Mas de tudo, pessoalmente, o que mais me marca no Theatro São Pedro é a beleza do seu grande lustre. Suspenso majestosamente no centro do espaço, ele irradia um brilho magnífico, refletindo a luz em inúmeras facetas e enchendo o ambiente com um encanto mágico. Cada cristal reluzente captura e dispersa os raios luminosos, criando uma dança de cores e reflexos que hipnotiza os olhos dos espectadores. O lustre, em conjunto com o forro ricamente decorado com a fauna e flora gaúcha, como uma obra-prima suspensa, é uma peça central que acrescenta um toque de elegância e opulência ao teatro, realçando a grandiosidade e o esplendor de sua arquitetura clássica. É um símbolo da alegria e do encanto atemporais que envolvem as apresentações teatrais, proporcionando um ambiente mágico onde as histórias ganham vida.

Luiz Paulo Vasconcellos - *Ator e Diretor de teatro*

OTheatro São Pedro era um caos, uma ruína, quando eu o conheci em torno de 1970. A responsável pelo renascimento desse precioso teatro foi Dona Eva Sopher, que fez renascer esse paraíso da música, da dança, da orquestra e do espetáculo teatral. Acredito que uma casa de espetáculos se notabiliza pelo universo de artistas que ali se apresentam. Pois esse é o Theatro São Pedro. Ali se apresentaram e se apresentam os melhores cantores, atores, músicos e bailarinos do Brasil e do mundo. Vou mencionar alguns poucos para exemplificar minha tese: Gabriela Bezanconi Lage, Magdalena Tagliaferro, Lili Pons, Tonia Carrero, Cecil Thiré, Bibi Ferreira, Paulo Autran, Fernanda Montenegro, Gerald Thomas, Radamés Gnatalli, Eleazar de Carvalho, Maria Della Costa, Heitor Villa-Lobos, Nicanor Zabaleta e muitos e muitos outros grandes artistas de ante-onTEM, de ontem e de hoje. Um palco, um teatro, um público, uma orquestra, são coisas mágicas. Que bom existir um Theatro São Pedro.



Luiz Osvaldo Leite - *Professor e membro do Conselho Deliberativo da AATSP*

Eu não posso falar da minha existência sem falar do Theatro São Pedro, porque desde muito cedo eu vim para cá. Meu avô e meu pai eram espectadores assíduos do Theatro São Pedro. Vim pela primeira vez em 1943, eu tinha 10 anos, com o meu pai para assistir uma ópera. Foi a primeira ópera que assisti na vida, foi o *Barbeiro de Sevilha*, uma ópera cômica. Depois daquela experiência eu estive sempre ligado a esse teatro.

Em minha memória estão marcados os recitais com as orquestras, as grandes peças teatrais e os espetáculos de dança. Nas décadas de 1941 a 1951, eu considero a década de ouro da vida cultural de Porto Alegre, e também do Theatro São Pedro, com a época áurea das óperas.

Eu, aos 17 anos, em 1950, tive a sorte de assistir ao primeiro concerto da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, regida pelo maestro e fundador Pablo Komlós, em seu concerto de fundação, no palco do Theatro São Pedro.

Lurdes Eloy - *Atriz*

Minhas memórias do Theatro São Pedro vão aos idos de 1970.

Claro que, na época, todo o prédio sofria o desgaste de muitos anos, alimentando, inclusive, histórias fantasmagóricas nas escadarias e camarins decadentes. De qualquer forma o espetáculo *A Moreninha*, dirigido por Delmar Mancuso foi um sucesso e esteve em cartaz por um semestre.

Em 1973, atendendo ao bom senso, o Theatro foi fechado. Mas graças ao empreendedorismo de Eva Sopher, em 1984 público e artistas receberam uma joia totalmente restaurada. Como atriz confesso que a cada atuação neste palco, o coração bate mais forte, emocionado.

Obrigada, Theatro São Pedro!

Marcos Breda - *Ator*

Minha primeira lembrança no Theatro São Pedro remonta a junho de 1984, época de sua reinauguração, depois da extraordinária reforma conduzida pela saudosa Eva Sopher.

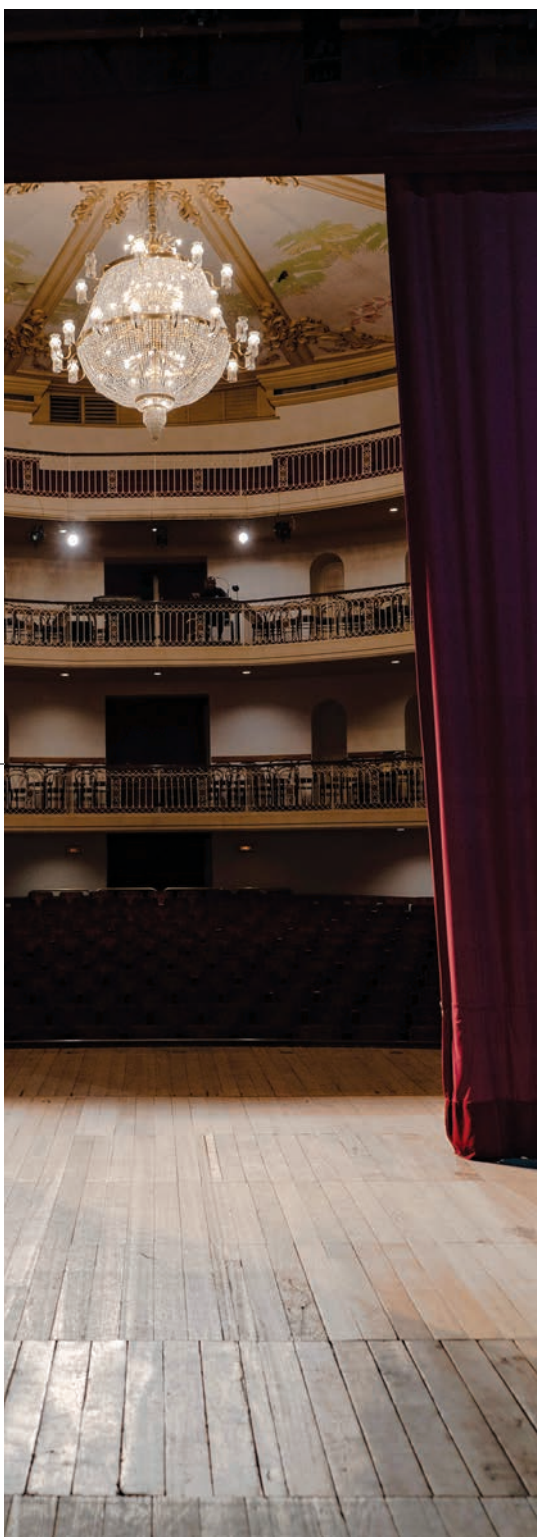
O espetáculo chamava-se *O Julgamento do Cupim*, do grupo de teatro de bonecos Cem Modos.

Presenciei inúmeros momentos marcantes nesse teatro, mas poucos foram tão importantes para mim quanto a estreia (novembro de 1996) de meu primeiro - e único - monólogo intitulado *O Homem e a Mancha*, de Caio Fernando Abreu, com direção de Luis Artur Nunes.

Maria Isabel Locatelli - *Diretora Artística e Produtora cultural*

Eu tinha 21 anos, recém-formada em Comunicação quando fui convidada a trabalhar no TSP, um mês antes de sua reabertura. Por ser do interior, não frequentei o teatro antes de ele ser fechado durante 11 anos. As lembranças que tenho deste início são inúmeras e maravilhosas, não sei se consigo escolher somente um momento. Estar participando do processo de finalização das obras de restauro, ser parte de uma equipe ínfima e cheia de garra para a sua reabertura, conhecer pessoas que faziam já parte da história do teatro brasileiro – tudo era parte do conjunto de sentimentos que me inundavam diariamente. Acho que posso citar três momentos inesquecíveis: aprender com Flávio Rangel, o grande diretor de teatro como montar, de forma rápida e quase artesanal uma bilheteria – fazer o *galinheiro* onde ficam, por setor, os ingressos a serem vendidos, atender o público sedento para assistir os espetáculos programados. Estar em pé, no fundo do teatro lotado e, ao final da primeira apresentação de *Piaf*, com Bibi Ferreira, ver uma plateia inteira de pé aplaudindo por muito tempo – e ter contribuído para que isso acontecesse, foi uma emoção indescritível, que se repetiu, durante todo o tempo em que





lá trabalhei e até hoje retorna, quando lá estou. Ser acolhida desde o primeiro dia pela fantástica Dona Eva, que me ensinou, com carinho e disciplina, as bases para minha vida profissional futura. Esta convivência e aprendizado não só me possibilitaram ser Diretora Artística do Theatro mas seguir uma carreira na área cultural nos últimos 40 anos.

Martha Oberst - *Produtora cultural*

Logicamente, minha primeira lembrança do TSP é a da EVA mesmo! Foi uma época impossível de esquecer. Equipe pequena, com Castro, Solé, Susie Sonderman Espíndola, Teka Branco, Bel Locatelli, João Acir, Lúcio, Chico, Lauro Porto, Heitor, Carmem Lúcia e tantos outros... depois entrou o João Antônio. Dona Eva no comando, de tudo! Nos ensinando a ser profissionais de excelência, a ser pessoas melhores... Cortando sabonetes e os distribuindo pelos banheiros e camarins. O TSP tinha o piso do porão mais brilhante deste mundo! O São Pedro inteiro, um perfume sem igual...

Muitos anos mais tarde... aquela surpresa! Dona Eva conseguiu erguer o tão sonhado anexo!

Foram momentos de muitos encontros, com pessoas maravilhosas, espetáculos maravilhosos!

Mirna Spritzer - *Atriz, Professora e Radialista*

A lembrança mais intensa, a que me toca por muitos motivos é a de ver, no teatro em obras para sua restauração, surgindo dos escombros, personagens das ruas imaginados e vividos pelas atrizes e atores do Grupo

Tear, *Os Reis Vagabundos*, dirigidos por Maria Helena Lopes, reconheciam e faziam a magia daquele lugar.

Também do período de reconstrução tenho a cara memória de ter participado do espetáculo *O Julgamento do Cupim*, criado pelo Grupo Cem Modos, que fez a grande abertura do restaurado Theatro São Pedro. A emoção de estar ali, em cena naquele momento. Ao lado do imenso cupim que cobria o palco, estávamos nós atores e bonecos, narrando a história de vida e renascimento do Theatro. Cercado de polêmica para a plateia e para a cidade, para mim apenas a certeza de pertencer àquele e a todos os palcos.

Olívio Dutra - *Ex-Governador de Estado RS e membro do Conselho da AATSP*

OTheatro São Pedro, pelo prédio, sua arquitetura, sua localização na cidade, sua história, por si só, é um patrimônio cultural de valor inestimável para Porto Alegre. Mas foi uma mulher determinada, Dona Eva Sopher, quem, com paciência impaciente, como diria o educador Paulo Freire, ternura, persistência e muito trabalho em equipe, inoculou-lhe um valor além da materialidade do prédio que o projeta para a perenidade entre os bens culturais do país, apadrinhado pelo carinho do povo gaúcho.

Lembro-me bem de tantos momentos prazerosos de fruição da música e artes cênicas que passei com a Judite no TSP. Não esqueci, no entanto, pelo inusitado do acontecimento e a diferença do público que lotou as dependências do Teatro quando, no Governo do RS, levamos à Dona Eva uma demanda das famílias rurais assentadas e do Movimento da Agricultura Familiar que queriam mostrar, no palco do TSP, aos trabalhadores(as) urbanos(as) sua produção de músicas, cantos e coreografia. Ela prontamente aceitou e sua equipe tratou com os organizadores do evento a data e a melhor forma possível de realizá-lo. Foi um grande acontecimento com a casa lotada e sem nenhum dano ao seu patrimônio. Tenho certeza, que junto ao contentamento de conhecerem por dentro o TSP elevaram também a cons-

ciência de preservá-lo. Viva os recém 165 anos e vida longa ao THEATRO SÃO PEDRO!

Patrícia Fagundes - *Professora, Diretora de teatro e Produtora cultural*

Quando criança, anos 70/80, eu morava e estudava no centro, perto do Theatro São Pedro. Muitas vezes brincava na Praça da Matriz, e lembro do teatro ainda fechado. Sempre gostei de prédios antigos, o São Pedro foi parte da minha geografia da infância. Entrei pela primeira vez ajudando na venda de ingressos para um espetáculo infantil, fiz a promoção na escola. Já aluna da graduação em teatro (no DAD UFRGS), fui recrutada para trabalhar em *Orlando*, da Bia Lessa: eu ficava em uma caixa lá no alto do urdimento soltando folhas secas durante todo o espetáculo.

Uma visão singular da cena, só dava medo de entrar na caixa porque tinha um vão imenso entre pés tocando o urdimento e os pés na caixa.

Tanta memória envolvendo o TSP, de espetáculos que assisti e dos que apresentei, acho que o primeiro foi *Sonho de uma Noite de Verão*, em 2006. Uma memória compartilhada com a própria cidade, o Theatro São Pedro é parte de um certo mapa afetivo de Porto Alegre e habita nosso imaginário urbano

Suzana Saldanha - *Atriz*

A memória me sinaliza uma lembrança viva e cheia de emoções na primeira vez que entrei no Theatro São Pedro, em 1952. Eu tinha seis anos. Minha mãe, Lourdes, a minha Blanche DuBois, que sempre sonhou em ser bailarina, me levou para o primeiro dia de aula com Tony Petzhold, a bailarina clássica, uma grande dama, que dedicou toda sua vida ao ensino da dança clássica.

Chegamos, e uma mocinha nos indica – *entrem nessa salinha e ponham a malha e a sapatilha. Subam aquela escada e a dona Tony espera vocês no palco.* Entrei serelepe, na tal salinha. E paro perplexa, diante da parede, no lado direito ela estava toda coberta com assinaturas. Não sabia o que era aquilo, mas imediatamente abri o meu estojo, que estava na minha pasta de couro marrom, e escrevi: Suzana Maria. Choro até hoje quando lembro desse dia. A tal sala é até hoje o Camarim nº 1.

Camarim esse que usei para me preparar para representar no Palco Nobre do Theatro São Pedro o meu solo dirigido por Luiz Arthur Nunes - *Eu é nós* e lançar o livro *Nunca pensei em ser atriz*. Me comovo quando lembro desse dia 6 de maio de 2022. Que noite de luz!

Pois é... dia 6 de abril de 2022. Eu ia fazer o meu solo, no Theatro São Pedro, e após a apresentação do solo, lançaria o meu livro. Nem preciso dizer que a insegurança era imensa: *Ninguém vai aparecer no teatro!* O editor, Alfredo Aquino, dizia "calma, vai aparecer e vai estar lotado". E eu naquela insegurança me concentrava, claro que sempre chego duas horas antes no teatro. Caminhava para um lado, caminhava para o outro, e dizia o texto... quando de repente já estava na hora de começar o espetáculo e eu resolvi entrar em cena devagarinho. Foi uma surpresa, o teatro estava lotado, com poucas cadeiras vagas.

Foi a maior emoção que eu tive na minha vida. A primeira pessoa que eu vejo é Olívio Dutra, meu padrinho. Depois foi o Professor Leite, e a Luiza, na primeira fila. Que é motor para eu ter montado esse monólogo, com a sua palavra e amparo. Aí eu fui vendo a Tânia Carvalho... foi lindo. Muito lindo! Os autógrafos nos livros, eu acho que começavam às nove horas... não sei, eu só sei que eu não conseguia sair do *Foyer* do Theatro São Pedro. Foi marcante, e eu poderia citar outros espetáculos que eu vi, mas este momento foi único. Obrigada, Theatro São Pedro, obrigada Dilmar Messias e Antonio Hohlfeldt.

Thedy Corrêa - *Músico e vocalista da banda Nenhum de Nós*

Eu tenho uma lembrança incrível aqui como espectador porque eu assisti o espetáculo da Bibi Ferreira, *Piaf*, de reabertura do teatro, lá em cima,





na galeria. Na época, era o que eu conseguia pagar. Jamais esqueci, é uma memória que eu guardo com muito carinho. Em relação às minhas apresentações no São Pedro, algo que até os fãs relatam, até hoje, foi o primeiro acústico do *Nenhum de Nós*, gravado aqui, em 1994.

O projeto foi um divisor de águas na nossa carreira, uma espécie de reinvenção que a gente passou no palco do Theatro São Pedro. Um espetáculo inesquecível pra gente, com direção do Zé Adão Barbosa, e que marca a história da banda e dos fãs, virando algo tradicional com as temporadas do *Nenhum de Nós* no Theatro São Pedro.

Valencia Losada - *Produtora cultural*

Entrei no Theatro São Pedro pela primeira vez, ao lado de minha mãe, para assistir *Num Lago Dourado*, peça com Paulo Gracindo e Nathália Thimberg. Não sei precisar exatamente o ano, mas lembro que compreendi que estava diante de uma experiência que marcaria para sempre minhas escolhas profissionais e pessoais. Ao pisar o tapete vermelho, receber o boãoite de dona Eva e entrar um templo de muitos deuses, fui arrebatada por um sentimento definitivo de amor ao teatro e a tudo que ele abarca enquanto beleza, transformação e pertencimento.

Dos momentos marcantes, recorro com imenso carinho, e consciência do privilégio que tive, dona Fernanda Montenegro ensaiando por incansáveis horas a filósofa Simone de Beauvoir, para no dia seguinte estreitar seu *Viver Sem Tempos Mortos*. Ficávamos, eu e dona Eva, sentadas na última fileira da plateia, encantadas com o vigor e a indissolúvel relação de amor entre dona Fernanda, o Teatro e a Filosofia.

Trabalhar no Theatro São Pedro, como diretora de programação, foi uma experiência transformadora, de profundo aprendizado e amadurecimento profissional. A oportunidade de conviver diariamente com dona Eva foi algo extraordinário, pois tínhamos uma relação de amizade, respeito e parceria que sabíamos única. Vivi lindos e inesquecíveis momentos e os guardo, todos, em mim. Toda

vez que volto ao São Pedro, sinto as mãos de minha mãe, e de dona Eva, e me reencontro com a menina que um dia sonhou que podia ser o que quisesse ser.

Vera Bublitz - *Empresária, Professora e Produtora cultural*

Lembro que ir ao Theatro São Pedro sempre foi algo especial para mim. Estar no Theatro São Pedro, significa viver um momento de lazer, de prazer, de satisfação. Todas as vezes em que aí estive, independentemente do que assisti, sempre me causou uma comoção, pois o próprio teatro fala por si mesmo. O São Pedro é pura Arte.

A magia que preenche seus espaços nos transporta à outra dimensão e nos faz sentir que estamos roughto patamar. Pisar no São Pedro é viver um momento de vida que foge ao cotidiano. É prazeroso e mexe com nossas emoções. Sempre que fui ao São Pedro, houve antes uma preparação, quase um ritual.

“Os momentos marcantes que vivi no Theatro São Pedro sempre foram com o nosso *ballet*, com nossas bailarinas e bailarinos.

Momentos inusitados e emocionantes ali aconteceram.

E um desses momentos foi quando veio o primeiro bailarino do New York City Ballet, Peter Ball, para dançar conosco, o balé *Apollo*. Na ocasião, tivemos a felicidade de sermos acompanhados pela Orquestra de Câmara do Theatro São Pedro, que era dirigida pelo maestro Fredi Gerling. Peter Ball chegou na véspera do espetáculo e se apresentou com as três musas, bailarinas do Ballet Vera Bublitz. Ele chegou de Nova York e foi direto para o Theatro. Lá, fomos muito bem recebidos por Dona Eva Sopher que fez questão de nos mostrar o espaço em um *tour* maravilhoso. Finalmente, nos sentamos na plateia e assistíamos ao ensaio, quando percebi que Peter havia desaparecido do meu lado. No palco, um aluno dançava, entrando e saindo de cena fazendo o papel de Apollo. E, numa destas idas e vindas, aparece no palco, Peter, figura maravilhosa, o próprio deus Apollo. E daquele momento em diante tudo que aconteceu foi mágico e perfeito. Quando o ensaio terminou, nós todas, alunos e professoras, chorávamos de emoção. O momento tocou demais a todos.

Então, subi ao palco e Peter perguntou: Vera, o que você tem aqui uma escola ou uma Companhia? Respondi que era uma escola. E ele falou: essas meninas tem nível para estar em uma Companhia, deveriam estar conosco. E me cumprimentou.

Foi muito emocionante! Estávamos todos em êxtase por viver um momento onde sincronia, harmonia e beleza era tudo o que transparecia de forma tão linda!

O convite para as meninas irem para os Estados Unidos veio em seguida e uma destas musas, Carla Körbes, tornou-se uma primeira bailarina incrível no *New York City Ballet*. Esse foi, penso, o momento mais emocionante que vivi no Theatro São Pedro”, entre outros, inesquecíveis.

Amo estar no Theatro São Pedro!

Zé Adão Barbosa - *Ator e Diretor de teatro*

Minha primeira lembrança é quando subi ao teatro, ainda nas reformas finais para gravar um especial para a TVE. Lembro que fiquei por uns minutos mudo, sem vontade de dizer uma palavra. Só olhava aquele lugar mágico, inacabado mas de uma grandiosidade que me tocou profundamente. Pensei no passado dele, na luta insana de dona Eva para levar seu sonho adiante.

Centenas de momentos, mas a inauguração com Bibi foi emocionante. E minha estreia com uma peça de Irene Brietzke em que enfrentei de cara (eu entrava pela cortina, encarava o público e começava a falar).

Ângela Costa - *Atriz e Diretora de teatro*

O momento em que pisei no palco do Theatro São Pedro e vislum-

brei o espaço como artista que se apresenta foi verdadeiramente mágico! Observar a cortina, toda a estrutura que compõe o palco e tudo mais que a plateia não consegue ver desperta uma profunda sensação de encantamento. Examinar cada marca no palco é um desafio para a mente, pois meus pés estavam no mesmo lugar que lendas como Marília Pera, Fernanda Montenegro, Paulo Autran, e tantos outros pisaram.

Não sei por qual portal adentramos ao entrar nesse lugar sagrado, apenas sei que o tempo se detém quando estamos lá.

João Antônio Porto - *Diretor do Theatro São Pedro*

Quando entrei aqui pela primeira vez, em 1986, aos 25 anos, não tinha ideia do que isso poderia representar na minha vida. Estar no Theatro São Pedro, todos os dias, não é obrigação de trabalho. É paixão!



Lina Barbosa - *Gerente de Bilheteria e Financeira da Fundação Theatro São Pedro*

Em setembro de 1999 vivi a felicidade de ingressar nesse espaço, templo da cultura e lugar de expressão de todas as artes. Trabalhar aqui, é para mim motivo de grande orgulho, onde convivo com pessoas que se dedicam, para cada dia, fazer o melhor, recebendo grandes produções, cuidando desse espaço, assim como fez Dona Eva.

Dela tenho as boas lembranças, entre elas minha predileção por Kafka.



William Ling - *Diretor do Instituto Ling e Presidente do Conselho de Administração do Évora*

Cultivar a arte é, portanto, tão essencial às nossas vidas quanto cultivar alimentos e empreendimentos que geram valor a nós mesmos e àqueles a quem servimos através de nosso trabalho. Nossa milenar história neste planeta nos ensina que a arte é a forma como nossos corações e mentes se expressam para registrar essa história, para desafiar dogmas e também para reconfortar nosso espírito com o que de mais belo um ser humano é capaz de conceber.

Uma comunidade de indivíduos que valoriza e cultiva diversas formas artísticas promove, portanto, a sua própria liberdade. A arte que é promovida por indivíduos em comunidade não se torna ferramenta de propaganda a nenhum interesse, mas preserva seu objetivo original de expressar sentimentos e ideias a quem deseja tocar.

É esta concepção que motiva a Évora e a Família Ling a apoiarem o Theatro São Pedro, ajudando-o a tornar-se um lugar onde a arte floresce. Esperamos que em seus próximos 165 anos, o Theatro São Pedro continue sendo um palco para promover a livre expressão da comunidade a qual tem o propósito de servir.







Fotografias

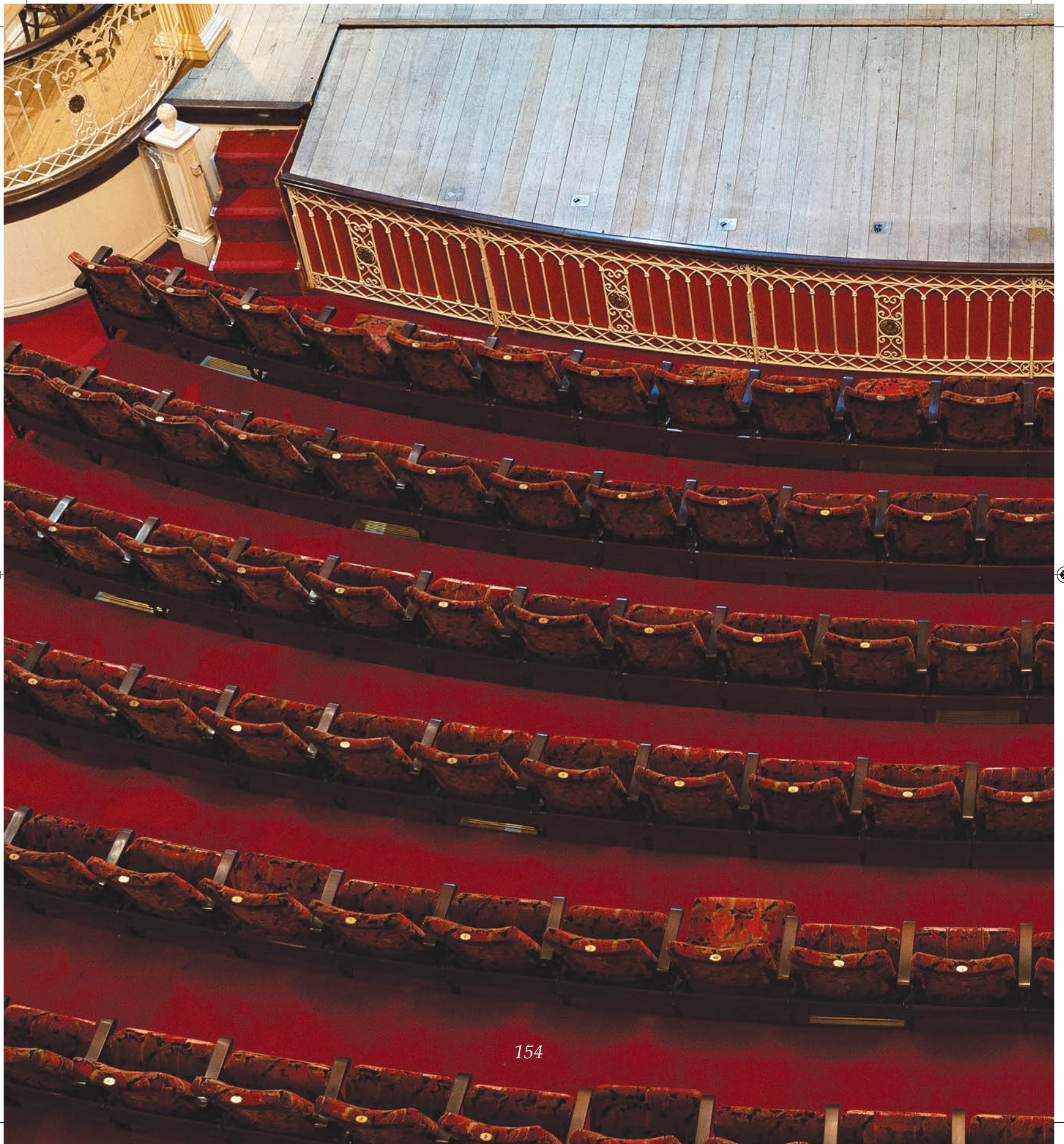
GILBERTO PERIN

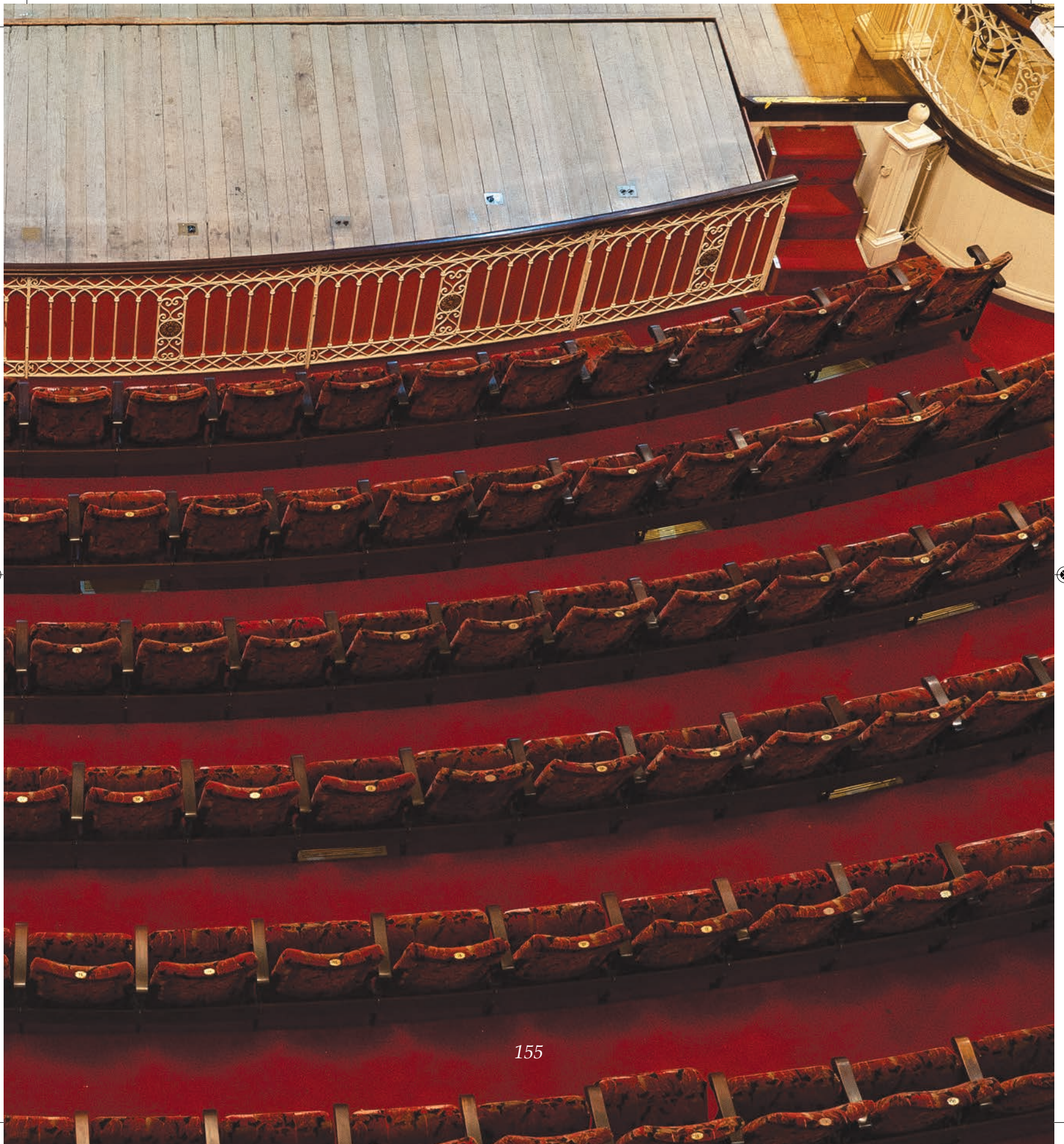






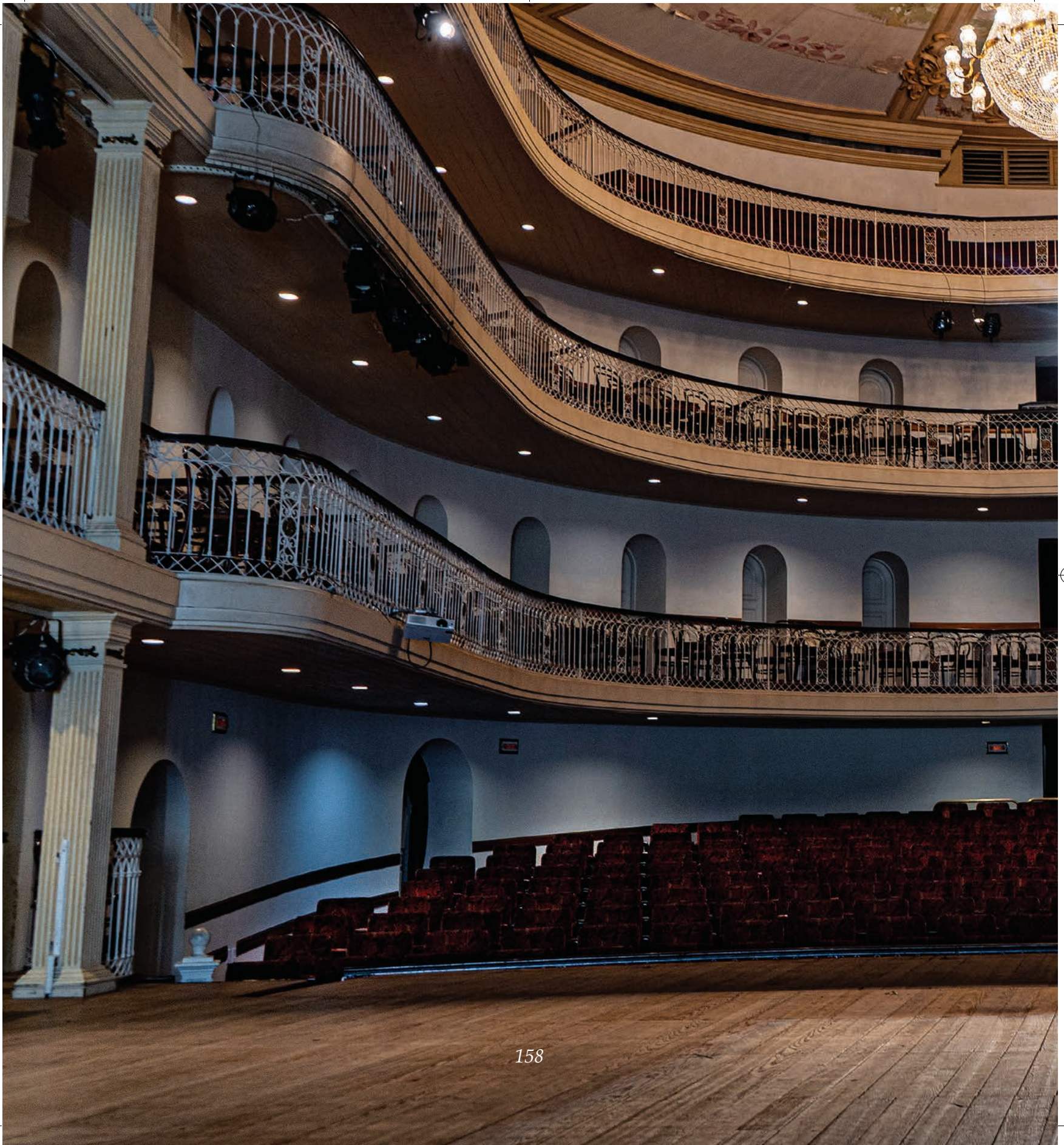










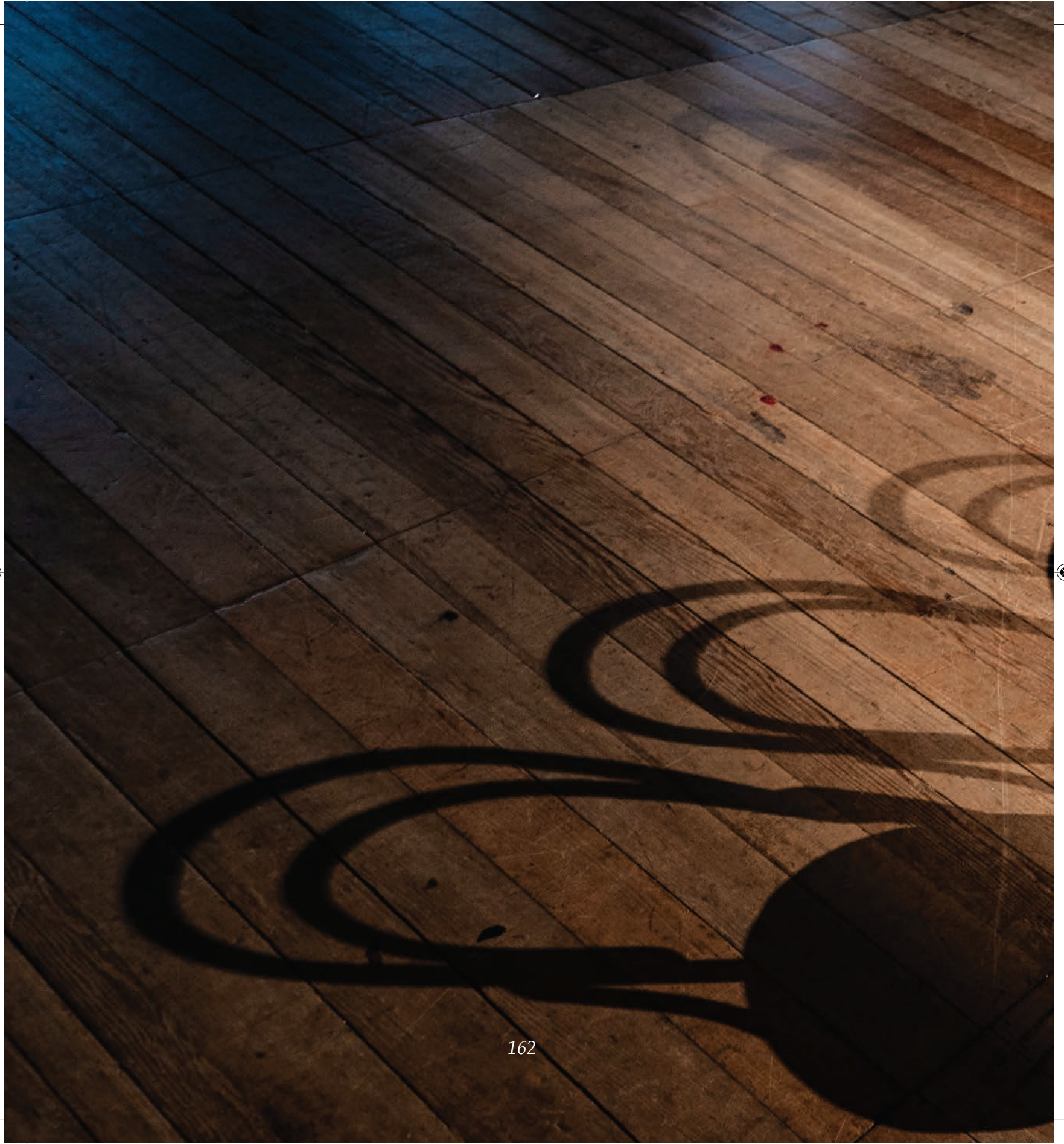








161









The background of the entire page is an abstract, textured pattern. It features large, irregular shapes in various shades of red, from deep maroon to bright, almost white-red, set against a dark, charcoal black background. The overall effect is reminiscent of a dense, organic growth or a complex, layered fabric. The pattern is centered and fills the entire frame.

O Futuro

MULTIPALCO EVA SOPHER

THEATRO SÃO PEDRO













165 Anos de Cultura

O nosso Theatro São Pedro está comemorando 165 anos de existência. Quantas gerações de pessoas puderam, ao frequentar este espaço maravilhoso, vivenciar a Arte e a Cultura. Nada é mais humano do que a Arte e a Cultura. Mesmo em tempos difíceis, é a Arte que permite demonstrar que o humano sobrevive e se enriquece na Cultura, apesar de todas as adversidades. É a Arte que nos apresenta a uma nova realidade, a uma nova forma de percepção.

Ao longo destes 165 anos, muitas mudanças ocorreram nas áreas da Ciência, da Política e da Sociedade. A Arte, contudo, é que permite fazer as conexões que dão sentido a todas estas mudanças. A Arte evolui, mas não perde a sua memória, que permanece com a mesma vivacidade. Quantas vezes as mesmas músicas de Bach, e de tantos outros compositores, foram tocadas no Theatro São Pedro? Quantas óperas e peças de teatro foram apresentadas e reapresentadas? Em todas estas ocasiões, as sensações e as emoções se renovam, surpreendem. A sensibilidade humana se aprimora a cada apresentação. A biografia de cada um de nós se enriquece ao se associar à biografia do Theatro São Pedro. Viver é relacional, é buscar um bem-viver, em conjunto com outras pessoas, com instituições, e conosco mesmos.

Nós, Amigos do Theatro São Pedro, queremos compartilhar, reviver e provocar novas vivências. Ser Amigo do Theatro São Pedro é viver, é compartilhar essas emoções, é ser surpreendido pelo já conhecido, é ressignificar.

Viva o Theatro São Pedro de todos nós!

Gilberto Schwartzmann

Presidente do Conselho Deliberativo
Associação dos Amigos do Theatro São Pedro

José Roberto Goldim

Presidente
Associação de Amigos do Theatro São Pedro

Eva querida

Obrigado por
tudo!

Beijos

Machon



VILLA LOBOS
REGEU A
ORQUESTRA SINFÔNICA
DE
PÓRTO ALEGRE
EM 15.11.1953



THEATRO
SÃO PEDRO
PORTO ALEGRE - RS
165 anos



AUDIODESCRIÇÃO LIVRO TEATRO PALAVRA

Este é um arquivo PDF acessível com audiodescrição, para que as pessoas com deficiência visual possam ter acesso ao conteúdo e às informações contidas em cada imagem. É possível fazer a leitura do texto e das imagens. Para isso, todas as imagens foram audiodescritas e as descrições embutidas em código, permitindo sua identificação pelos softwares leitores de tela usados por este público.

Audiodescrição: VER COM PALAVRAS.

Audiodescrição de imagens: Rosangela Favaro

Revisão: Livia Motta.

Consultoria: Roseli Garcia

Formatação PDF acessível: Wagner Caruso.

Consultoria em acessibilidade: Laercio Sant'Anna.

CAPA

AUDIODESCRIÇÃO: A capa do livro *TEATRO PALAVRA*, é ilustrada pela fotografia colorida do palco do Theatro São Pedro, com as cortinas cor de vinho abertas. Ele é emoldurado por um arco largo com desenhos delicados de flores em tons suaves e apliques dourados. O bandô também vinho, com bainha em linhas curvas, tem acabamentos e pequena franja em dourado. No alto uma cortina preta recolhida e 4 pernas de cada lado, que são painéis pretos que podem ser movimentados para os lados ou abaixados. Varões com refletores pretos, cruzam o teto. Ao fundo, uma parede bege com cinco janelas abertas ou semi abertas, em arco, com molduras, frisos e ornamentos brancos, que remete à fachada do Theatro São Pedro, em estilo neoclássico. O piso é de tábuas corridas em madeira clara. Junto às janelas algumas cadeiras pretas e vários refletores no chão. Visualizamos também, parte da plateia, que tem capacidade para 648 espectadores, em forma de ferradura, com poltronas forradas em veludo estampado, e três galerias circundantes de camarotes e frisais. Os nomes dos autores estão no alto, em branco: ANTONIO HOLLFELDT, DIEGO MAIA E GILBERTO PERIN. O título: *TEATRO PALAVRA*, escrito com letras brancas maiúsculas, em duas linhas, está no centro da capa, com a palavra teatro escrita com letras finas e palavra em letras grossas. Acima do título, sobre o bandô vinho, a frase: 165 anos Theatro São Pedro, em vermelho.

CONTRACAPA

AUDIODESCRIÇÃO: A contracapa é ilustrada por uma grande fotografia colorida, de página inteira, que mostra um artista, visto de costas, de braços abertos, com o corpo inclinado para trás, no palco do Theatro São Pedro, que tem piso de tábuas corridas acastanhadas e cortinas fechadas de veludo vinho. Ele é branco, magro com cabelos castanhos e grandes entradas. o alto. Usa uma

túnica de cetim azul na altura das coxas, com mangas longas bufantes, bordada em laranja e prata, com franjas curtas sobre calça justa listrada nas cores laranja e bege. Calça botas de cano curto douradas. No alto, em vermelho, os nomes dos autores. Logo abaixo o título em branco. À esquerda, em vermelho, a frase: 165 anos Theatro São Pedro e à direita, em letras minúsculas vermelhas, a palavra: ardotempo.

A LOMBADA é vermelha com os títulos em branco: TEATRO PALAVRA E 165 ANOS THEATRO SÃO PEDRO.

CADERNO 01

Página 1

AUDIODESCRIÇÃO: Título em vermelho.

Página 2

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em plano detalhe, da estampa do tecido de forração das poltronas do Theatro São Pedro. Uma sugestão de Jô Soares, uma profusão de flores estilizadas em tons de vermelho com pinceladas na cor cinza, criando contornos e sombras, sobre fundo preto.

Página 4

AUDIODESCRIÇÃO: Logomarcas dos patrocinadores. Patrocínio: Zaffari. Produção: Primeira Fila. Edição: ardotempo. Realização: Theatro São Pedro, AATSP (Associação Amigos do Theatro São Pedro). Financiamento: Procultura, Secretaria da Cultura, Governo do Estado Rio Grande do Sul, o futuro nos une.

Página 7

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, tirada de baixo para cima, de várias mísculas, elementos arquitetônicos de sustentação em formato de S, na cor bege, na borda superior da fachada do Theatro São Pedro. No céu de um azul intenso, e sem nuvens a lua minguante se destaca.

Página 8

AUDIODESCRIÇÃO: A fotografia colorida, tirada de dentro para fora, através de uma das janelas do Theatro São Pedro, emoldurada por uma esquadria de madeira, mostra a Praça Marechal Deodoro, no centro histórico de Porto Alegre. Nela, duas escadarias levam ao monumento a Julio de Castilhos, concebido por Décio Villares, escultura do maior vulto republicano riograndense. Atrás dele, uma forma de pirâmide, com as faces representando suas virtudes e qualidades. Sobre uma meia esfera, uma figura feminina com um archote de luz e um diploma. Ao fundo, a Catedral Metropolitana com cúpula arredondada, campanário e o Palácio Piratini, atual sede do poder executivo e a residência oficial do governador do estado do Rio Grande do Sul. Muitas árvores frondosas, postes de iluminação e esculturas menores também compõem a Praça da Matriz.

Página 9

AUDIODESCRIÇÃO: Sobre fotografia colorida da estampa das poltronas do Theatro São Pedro, o sumário do livro em letras brancas.

Página 10

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida da escultura marrom, provavelmente em bronze, na Praça Marechal Deodoro, de um cachorro sentado, visto de costas e de perfil. Ele tem orelhas longas e caídas, pelos compridos e olha atentamente para frente, na direção do Theatro São Pedro.

Página 11

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida da fachada do Theatro São Pedro. Trata-se de uma imponente construção em estilo neoclássico, projetado pelo arquiteto Phillippe Von Normann, inaugurado em 1858 e reinaugurado em 1984, após grande reforma estrutural. As paredes cor de gelo têm portas e janelas em arco no andar inferior e no superior, um grande terraço centralizado com balaústres, pequenas colunas arredondadas e janelas realçadas por frontões, ornamentos que rematam janelas e portas. Postes de iluminação, vegetação com pequenas árvores e área para estacionamento circundam o prédio.

Páginas 12 e 13

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida da fachada do Theatro São Pedro. Três degraus centrais conduzem à entrada principal com portas duplas em arco e duas janelas de cada lado também em arco com balaústres, pequenas colunas arredondadas. No andar superior, três portas duplas dão acesso ao terraço, ladeado por duas janelas abertas de cada lado. No alto, o nome do teatro em letras de bronze. Dois grandes vasos brancos com palmeiras adornam a entrada, um de cada lado.

Página 14 e 15

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia em preto e branco, em plano detalhe, da calçada do Theatro São Pedro, com mosaico em preto e branco de pequenos ladrilhos. O desenho tem listras horizontais alternadas nas duas cores e uma faixa larga preta com elementos decorativos na horizontal, com bordas arredondadas e pequenos arabescos compostos por flores estilizadas com três pétalas.

Página 16

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida da placa vertical de bronze, que lembra um pergaminho aberto com as extremidades enroladas e rasgadas, em homenagem a Bidú Sayão. Nela, está escrita a mensagem: A BIDÚ SAYÃO. A ARTE FEITA MULHER NA MAIS EXPRESSIVA ENCARNAÇÃO DA ALMA BRASILEIRA. HOMENAGEM DA MOCIDADE ACADÊMICA DO RIO GRANDE DO SUL. 21-9-993. A placa está sobre fundo estampado, tecido que forra as poltronas do Theatro São Pedro.

CADERNO 02

Página 1

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida na horizontal, na parte inferior da página, de várias pessoas sentadas em uma plateia, olhando para frente atentamente. Da esquerda para direita, são elas: Eva Sopher, uma mulher branca de cabelos curtos grisalhos, Antonio Hoblfeldt, um homem branco de cabelos pretos curtos e cavanhaque também preto, Tonia Carrero, uma mulher branca com cabelos abaixo cheios e avermelhados, Péricles Druck, um homem branco com cabelos curtos grisalhos e grandes entradas e Roque Jacoby, um homem de cabelos curtos ligeiramente grisalhos.

Página 2

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida na vertical, do lado direito da página, de um panfleto de 2003 de divulgação de um espetáculo. O panfleto bege sobre fundo branco, convida para o espetáculo *Romeu e Julieta*, marcando o início das obras do Multipalco do Theatro São Pedro. No alto, o desenho de quatro bailarinos de mãos dadas fazendo uma reverência de agradecimento. Em vermelho, o título: O ESPETÁCULO COMEÇA DIA 26.

Página 3

AUDIODESCRIÇÃO: Página dupla da Revista Megainfo, ilustrada pela fotografia colorida, em plano médio (da cintura para cima), de Eva Sopher, em pé, dentro do Theatro São Pedro. Ela é uma senhora branca, magra, com cabelos curtos grisalhos. Usa blusa de mangas curtas branca e óculos de armação fina. Atrás dela, o segundo e terceiro andares, em forma de ferradura, com gradis de ferro, frisas e camarotes. Em amarelo, o título: O ESPETÁCULO PODE COMEÇAR.

Páginas 4 e 5

AUDIODESCRIÇÃO 1: Na parte inferior da página 4, recortes de jornal colados sobre fundo mostarda com fotografia colorida da atriz Tonia Carrero e Eva Sopher, no dia da inauguração das obras do Complexo Multipalco do Theatro São Pedro. Tonia, uma mulher branca, com cabelos curtos avermelhados, está agachada à esquerda. Usa blusa roxa, calça preta, colar dourado e lenço no pescoço. Eva, uma senhora de cabelos curtos e grisalhos, sorri com os joelhos flexionados e o tronco inclinado para frente. Usa avental preto sobre blusa e calça marrons. Ambas seguram uma pequena pá com terra, em um ato simbólico do início da construção.

AUDIODESCRIÇÃO 2: No meio da página, fotografia colorida de Eva Sopher e Antonio Hohlfeldt, em plano médio, em pé, frente a frente, conversando. Ela usa um casaco cinza e ele blazer preto sobre camisa branca. Atrás deles, paredes brancas exibem painéis com fotos e recortes de jornais.

Página 7

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida na vertical do saguão de entrada do Theatro São Pedro. As duas portas são brancas e duplas, em madeira e vidro com ferragens douradas. Sobre elas, molduras em arco. As externas, de madeira

estão fechadas. Um lustre de cristal, que é semelhante ao do projeto inicial do teatro, quando não havia luz elétrica, tem formato que remete a um balão com detalhes dourados. Quatro colunas brancas cilíndricas, sendo que duas estão ao lado das portas, tem capitéis dourados e ricamente trabalhados. O teto é bege e branco com frisos. Uma passadeira larga vermelha cobre parte do piso de granito acastanhado, a partir da porta principal.

Página 9

AUDIODESCRIÇÃO: Recorte do Jornal Zero Hora datado do dia 27 de Março de 2003. Uma foto de meia página mostra o público e o palco multimídia com a apresentação do espetáculo *Romeu e Julieta*, marcando o início das obras do Complexo Cultural Multipalco do Theatro São Pedro. Embaixo da foto, a legenda: UM PRESENTE PARA A CULTURA GAÚCHA.

Página 11

AUDIODESCRIÇÃO: Recorte de jornal de Porto Alegre, com matéria de página dupla, assinada por Luís Fernando Veríssimo, com a manchete "MULTIPALCO: À ESPERA DE UM EMPURRÃOZINHO". A matéria é ilustrada por várias fotos coloridas de parte da obra em andamento, outras já concluídas, e de desenhos esquemáticos da planta baixa geral do projeto, acompanhados de legendas referenciais.

Página 12

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de página inteira, em plano detalhe, do número 1 em uma pequena placa ovalada e metálica, parafusada no encosto da poltrona estampada em vermelho da plateia do Theatro São Pedro.

Página 14

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida na horizontal da Praça Multipalco. Uma grande parede de vidro à esquerda, contornada por uma moldura de ferro, reflete o imponente prédio do Theatro São Pedro. A fachada bege, em estilo neoclássico, tem janelas e portas em arco brancas. Vegetação rasteira, pequenos arbustos e bancos verdes de madeira compõem o paisagismo da praça.

Página 16

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de uma escadaria interna do Theatro São Pedro. Os degraus são totalmente cobertos por carpete vermelho, os corrimãos e o guarda corpo em formato de balaústres em madeira escura. Em primeiro plano, à direita, uma corda vermelha de seda está em torno da esfera de madeira que ornamenta o início do corrimão e, quando estendida, serve para permitir ou barrar o acesso do público ao andar superior.

Página 17

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida na vertical da fachada lateral do teatro, com escadaria de acesso ao prédio e gradis de proteção. Ao fundo, grande e exuberante área verde, com destaque para uma imensa paineira. Um banco na cor branca está estrategicamente colocado para quem quiser desfrutar da sombra das árvores.

Página 18

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida na horizontal, à esquerda, no rodapé da página, tirada de cima para baixo, de um artista em uma apresentação. Ele é branco, com cabelos castanhos curtos, rosto maquiado de branco, com traços pretos. Está de bruços, apoiado sobre as palmas das mãos, as pernas afastadas e o tronco inclinado para trás, sobre um círculo de tecido amarelo, estampado nas bordas e com uma estrela na mesma estampa centralizada. Usa blusa bege com mangas longas arregaçadas e calça preta.

Audiodescrição 2: No canto superior direito, fotografia colorida de uma placa de bronze emoldurada em madeira escura com a mensagem: A HOMENAGEM AO GRANDE ATOR GAÚCHO JOSÉ LEWGOY 1920-2003.

Página 20

AUDIODESCRIÇÃO: Dois recortes de jornal.

AUDIODESCRIÇÃO 1: Recorte de jornal com a fotografia colorida de Tonia Carrero e de Eva Sopher, no dia da inauguração das obras do Complexo Cultural Multipalco, as duas abaixadas segurando um pá com terra.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Matéria de página inteira do jornal Zero Hora com a manchete: PORTO ALEGRE COLOCA MÃOS À OBRA. Uma foto do terreno com início das obras ocupa grande parte da matéria que explica no que consiste o projeto do Complexo Cultural Multipalco.

Páginas 22 e 23

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida em página dupla de uma sala de paredes brancas e chão com tábuas corridas de madeira escura que era utilizada por Eva Sopher como escritório. Do lado esquerdo, um nicho em forma de arco, onde há um vaso branco com rosas vermelhas. Duas cadeiras em madeira escura estilo realza forradas em veludo vinho em capitonê estão próximas à parede e a um gradil de proteção de ferro branco com corrimão de madeira na frente de um vitrô no nível do chão. Acima, presa à parede, uma prateleira de madeira clara com pequenos objetos de decoração. À direita, a mesa de trabalho de Eva, em madeira clara, com vários objetos, papéis e um livro. A cadeira *office* tem estofamento bege e rodinhas. Do outro lado, duas cadeiras de palhinha em madeira escura. Ao fundo, uma porta branca entalhada em arco, um armário de madeira clara com portas e prateleiras, e uma mesinha escura que apóia um abajour de cúpula branca. Outro nicho com um prato está na parede ao fundo à esquerda, ao lado da porta.

Página 24

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida, no canto superior direito da página, de uma imagem de São Pedro pertencente à Eva. O santo, com bata longa marrom, tem dois terços em torno do pescoço e segura uma grande chave.

AUDIODESCRIÇÃO 2: No canto inferior direito da página, recorte de jornal com a foto colorida, em plano médio, de Dona Eva e Gilberto Gil, então Ministro

da Cultura. Ele é um homem negro, com *dreads*, tranças finas, nos cabelos castanhos, sobranceiras espessas. Estão abraçados e sorridentes. No alto da foto, a manchete: A DAMA E O MINISTRO. No rodapé da página, a legenda: EM MEIO À AGENDA NA CAPITAL, GIL DEDICOU UM CARINHO ESPECIAL À EVA SHOPPER, QUE ONTEM FEZ 80 ANOS.

Página 25

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de parte da fachada do imponente Theatro São Pedro, tirada da Praça Marechal Deodoro. As paredes cor de gelo têm portas e janelas em arco no andar inferior e no superior, um grande terraço centralizado com balaústres, pequenas colunas arredondadas e janelas realçadas por frontões, ornamentos que rematam janelas e portas. A foto mostra, em primeiro plano, a escultura do cachorro de bronze, pedestres, a rua com veículos estacionados e alguns circulando. Um ônibus amarelo passa na frente do teatro.

Páginas 26 e 27

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida das obras do Complexo Cultural Multipalco. Tirada de cima, a foto retrata grandes paredes de vidro, pé direito alto, vigas de concreto e andaimes de ferro. O chão, ainda em cimento, tem algumas poças d'água do lado esquerdo.

Página 28

AUDIODESCRIÇÃO: Recorte do Jornal do Comércio de Porto Alegre, datado de Março de 2004, com três fotos em preto e branco, em primeiro plano, do empresário Jorge Gerdau e Dona Eva Sopher conversando e gesticulando animadamente. Os dois estão em pé, frente a frente.

Página 29

AUDIODESCRIÇÃO: Recorte do Jornal O SUL, datado de Julho de 2004, com fotografia colorida de um casal sentado em uma cama, cobertos com lençol branco. Ela, com a fisionomia contraída e boca aberta, parece chorar e enxugar os olhos. Ele olha para a mulher assustado. No canto superior direito, o apelo para doação para construção do Multipalco com a mensagem: *Já que você está acostumado a fazer teatro, ajude a construir o multipalco*. No rodapé da foto, as informações para fazer as doações.

Página 30

AUDIODESCRIÇÃO: Três recortes de jornal com fotografias coloridas. A primeira foto mostra um cantor de fraque, traje de gala preto com camisa branca, cantando ao microfone dentro de uma sauna, onde estão quatro homens enrolados em toalhas brancas sentados em bancos de madeira. A segunda foto mostra três bailarinas dançando nas pontas dos pés com os braços em arco para cima, dentro de um elevador. O ascensorista e um motoqueiro olham para elas, encantados. A terceira foto mostra uma cena de *Romeu e Julieta*, encenada em uma banheira com cortinas de plástico brancos com bolas azuis. Em todas o apelo: *VIU COMO O PALCO FAZ FALTA ? COLABORE COM O MULTIPALCO*.

Página 31

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia na horizontal, com fundo avermelhado, da silhueta escura de um casal de bailarinos. Eles estão em pé, na penumbra e apenas o contorno dos corpos fica evidenciado. Ela usa blusa de mangas longas com babados nos punhos e saia longa e transparente de renda. Está à esquerda, com o braço direito erguido para o alto e o outro aberto na direção do bailarino. Ele está à direita com um braço estendido quase tocando na mão dela. Um foco de luz ao fundo reflete-se sobre eles.

Página 33

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, quadrada, tirada de cima para baixo, de uma orquestra no palco. O maestro está à esquerda, sobre um praticável forrado de vermelho, com estante para partitura à frente, regendo. À frente dele, um piano de cauda preto e o pianista. Dos lados, os primeiros e segundos violinos, violoncelos e contrabaixos. Mais ao fundo, os metais, madeiras e instrumentos de percussão e os componentes do coro. Várias estantes para partitura estão espalhadas pelo espaço.

Página 34

AUDIODESCRIÇÃO: Recorte de jornal com foto de Paulo Autran e de Eva Sopher sorridentes. A manchete escrita com letras brancas sobre faixa vinho destaca: PAULO AUTRAN CONVIDA VOCÊ PARA SE SURPREENDER COM DUAS GRANDES OBRAS. E anuncia a visitação aberta às obras do multipalco e o espetáculo "QUADRANTE".

Páginas 36 E 37

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em plano detalhe, do portal de entrada do Theatro São Pedro, com gradil branco com arabescos e as letras douradas que escrevem a frase: ACABADO 1858.

Página 39

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em primeiro plano, do boneco Max. Ele tem tamanho e fisionomia de um homem adulto. É branco com olhos verdes, cabelos castanhos parcialmente cobertos por um boné cinza. Usa paletó cinza sobre camisa branca e gravata também cinza e máscara de proteção preta.

Página 40 e 41

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida dos três andares da construção das obras do Multipalco. A foto mostra vários andaimes, patamares, estruturas tubulares em ferro trançado e passarelas.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Recorte do Jornal Zero Hora datado de novembro de 2006, com a manchete: BUROCRACIA PARALISA OBRA DO MULTIPALCO. Uma foto colorida ilustra a matéria, mostrando o grande terreno com terra e barro, visto de uma janela aberta.

Páginas 42 e 43

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida, em plano detalhe, do gradil da bilheteria do teatro. É feito em ferro tubular com uma abertura para passagem dos ingressos e pagamentos, pequenas esferas nas extremidades superiores e a palavra BILHETERIA dentro de uma faixa em arco no topo.

AUDIODESCRIÇÃO 2: O panfleto com fundo marrom é ilustrado por duas fotos das obras do Multipalco e uma de Dona Eva sorridente. Em branco a frase: MUITO JÁ FOI FEITO, MAS AINDA HÁ MUITO A FAZER. AJUDE A CONCLUIR O MULTIPALCO.

Página 44

AUDIODESCRIÇÃO: Recorte do Jornal do Comércio com fotografia colorida da fachada do Multipalco e texto anunciando a inauguração. Dona Eva está à direita sorridente.

Página 45

AUDIODESCRIÇÃO: Recorte do jornal Zero Hora datado de 26 de março de 2010, com fotografia da Sra Eva Sopher sorridente apontando para a fachada do Multipalco na Rua Riachuelo. A manchete destaca: NOVO PALCO - JÁ DÁ PARA TER UMA BOA NOÇÃO.

Páginas 46 e 47

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de página inteira, em plano detalhe, de um gradil de ferro com duas espirais voltadas para dentro. Mais ao fundo, três balaústres de cimento cinza, pequenas colunas arredondadas, em imagem ligeiramente desfocada.

Página 51

AUDIODESCRIÇÃO: Matéria do jornal Zero Hora datada de 4 de maio de 2011, ilustrada por várias fotos coloridas de parte da obra em andamento, outras já concluídas, e de desenhos esquemáticos da planta baixa geral do projeto, acompanhados de legendas referenciais.

Página 52 e 53

AUDIODESCRIÇÃO 1: Matéria de jornal com campanha de arrecadação de fundos para as obras, ilustrada por fotografia colorida de Dona Eva sentada sobre pranchas de madeira com a cabeça baixa, os ombros arqueados e os cotovelos apoiados sobre as coxas, dando a impressão de desânimo. Dona Eva tem os cabelos curtos brancos. Usa casaco vermelho e calça jeans. No alto da matéria, o título: SORRIA, DONA EVA.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Folheto do Ministério da Cultura, solicitando doações para a finalização do Multipalco, com duas fotos em primeiro plano de Dona Eva. A primeira, em preto e branco, retrata Dona Eva séria e cabisbaixa e na segunda, colorida, ela olha para frente, sorridente. Entre as fotografias, o texto: FAÇA DONA EVA VOLTAR A SORRIR. No rodapé, as logomarcas da Associação Amigos do Theatro São Pedro, do Multipalco e do Governo Federal.

Página 54

AUDIODESCRIÇÃO: Matéria de jornal com duas fotografias coloridas que mostram a parte externa das obras do Multipalco, com o título: COMPLEXO CULTURAL MULTIPALCO, UM MARCO NA CIDADE.

Páginas 56 e 57

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em plano detalhe, de elemento decorativo de madeira clara entalhada aplicado no teto do Theatro São Pedro. A peça tem linhas sinuosas, reentrâncias e saliências, ricamente trabalhada; está sobre uma faixa com bordas com frisos salientes. O forro bege tem delicados desenhos de folhas e frutas como laranjas, bananas e peras, em tons claros de verde e bege, uma homenagem à fauna e a flora gaúchas.

Página 58

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, na horizontal, das poltronas da plateia do Theatro São Pedro, forradas em veludo estampado com flores estilizadas em tons de vermelho e cinza, sobre fundo preto.

Página 59

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em plano detalhe, de flores rosadas semelhantes a orquídeas, que decoram o teto do Theatro São Pedro. Elas têm cinco pétalas de pontas afiladas e miolo pequeno duplo e amarelo. Rachaduras finas cruzam o teto.

Páginas 60 e 61

AUDIODESCRIÇÃO 1: Recorte do Jornal Correio do Povo, datado de 01 de Outubro de 2014, com a manchete: MULTIPALCO INAUGURA ESPAÇO HOJE. A matéria fala da inauguração da Sala de Música Gerdau dentro do Complexo Cultural Multipalco.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Fotografia colorida, na vertical, de uma grande sala com piso de tábuas corridas em tons acastanhados. Algumas cadeiras pretas em semicírculo, duas mesas retangulares e um piano de cauda preto estão no centro do espaço.

Páginas 62 e 63

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em plano detalhe, de um gradil em ferro dourada, em formato de semicírculo. Ele é decorado por inúmeros filetes curvilíneos e espiralados e algumas flores douradas. Na base, em letras pretas, a inscrição: PRINCIPIADO 1850.

Página 64

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, na horizontal, em primeiro plano, de três violoncelistas de perfil, tocando seus instrumentos. São dois homens e uma mulher; usam máscaras de proteção. Atrás deles, outros componentes da orquestra aparecem desfocados.

Páginas 66 e 67

AUDIODESCRIÇÃO: Duas fotografias horizontais coloridas mostram o espaço entre o teto e o forro do Teatro São Pedro.

AUDIODESCRIÇÃO 1: A primeira mostra o espaço antes da reforma, com inúmeros materiais espalhados, vigas de madeira e chão de cimento.

AUDIODESCRIÇÃO 2: A segunda mostra o espaço após a reforma, com pé direito mais alto, vigas, suportes e escadas de ferro, grandes caixas com rodinhas para organizar e transportar os materiais armazenados. O piso acinzentado é de tábuas corridas.

Páginas 68 e 69

AUDIODESCRIÇÃO: A fotografia colorida da área externa do Complexo Cultural Multipalco, mostra a Praça Multipalco com teto gramado e o restaurante com fachada envidraçada. Em primeiro plano, à esquerda, uma rampa de acesso e escadas. Contornando o restaurante, várias mesas de madeira ripada cobertas por ombrelones, guarda-sóis na cor cinza, e plantas ornamentais em grandes vasos. O piso é de cimento rústico. Ao fundo, inúmeros edifícios altos e casas, em dia ensolarado.

Páginas 70 e 71

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida do interior do complexo, com três andares com pé direito alto, em estilo contemporâneo, com linhas retas e planos inclinados de madeira. O piso é em granito polido. Três poltronas estofadas em preto e uma mesinha com livros formam um pequeno nicho aconchegante à esquerda. Na parede branca ao fundo e à direita, uma grande foto em preto e branco, em primeiro plano, de Eva Sopher, sorridente.

AUDIODESCRIÇÃO 2: A fotografia colorida, tirada de cima para baixo, mostra as escadarias largas com guarda corpo e corrimãos em madeira acastanhada. Os amplos corredores são protegidos por vidros verdes baixos com acabamento em alumínio com iluminação embutida.

AUDIODESCRIÇÃO 3: Fotografia colorida da área interna do complexo, do início das obras do teatro italiano, com vigas de madeira, pilhas de tijolos e materiais de construção espalhados.

Páginas 72 e 73

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida de um canto interno do último andar do Complexo Cultural Multipalco. Mostra uma cadeira de madeira castanha com acento bege sobre piso de madeira de tábuas corridas, junto ao encontro de meias paredes de vidro com acabamento superior em alumínio. É possível visualizar a grandiosidade da edificação, com andares abertos e amplos corredores de circulação.

Páginas 74 e 75

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida do Teatro Oficina, um espaço de espetáculos experimentais, dentro do Complexo Cultural Múltiplo. O piso é em madeira araucária em dois tons e, no teto preto, estão refletores acesos. Ao fundo, não há palco, mas apenas uma parede de madeira. Nas laterais da sala, plataformas móveis em alumínio com cadeiras pretas.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Recorte do jornal GZH, com artigo de Juliana Bublitz com a manchete: DE ALGUM LUGAR, DONA EVA SORRI. No centro, uma foto redonda de Dona Eva, sorridente.

Página 76

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em plano detalhe, da estampa das poltronas do Theatro São Pedro, com a inscrição em letras brancas manuscritas: AUTÓGRAFOS.

Página 77

AUDIODESCRIÇÃO: Sobre fundo vermelho, bilhete manuscrito em papel branco, escrito com tinta preta: Eva, querida, só uma “doida” como você, que acredita que “a vida é de ferro e não acaba nunca”, poderia realizar a utopia de alguma coisa funcionar harmoniosamente, organicamente nesse país. O milagre é possível. Obrigada, minha amiga. Fernanda Montenegro. 24-8-88.

Páginas 78 e 79

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida do saguão de entrada do Theatro São Pedro. A porta em arco que dá acesso à plateia tem grade decorativa de ferro branco trabalhado, acompanhando o arco, e letras douradas com a inscrição: ACABADO 1858. Um lustre de cristal, que é semelhante ao do projeto inicial do teatro, quando não havia luz elétrica, tem formato que remete a um balão com detalhes dourados. Quatro colunas brancas cilíndricas, duas de cada lado das portas, têm capitéis dourados, ricamente trabalhados. O teto é bege e branco com sancas, molduras decorativas instaladas no topo da parede, em pequenos degraus. Uma passadeira larga vermelha recobre parte do piso de granito acastanhado, a partir da porta principal. Dos dois lados, escadarias com carpete vermelho, corrimão e guarda corpo em madeira escura trabalhada.

Página 80

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em plano detalhe, do grande e majestoso lustre em bronze e cristal pendurado no centro do teto do Theatro São Pedro. Ele possui trinta mil cristais, 96 lâmpadas, quase quatro metros de comprimento e pesa 600 quilos. Tem o formato que remete a um balão, pingentes de cristal em forma de gota e extremidade inferior circular com uma cascata de cristais.

Página 81

AUDIODESCRIÇÃO: Sobre fundo branco, diversas mensagens manuscritas dirigidas a Dona Eva. São assinadas pela família Veríssimo, Denise Stoklos, Antonio Fagundes e Miguel Falabella.

Página 82

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, com enquadramento de baixo para cima, da escadaria interna do Theatro São Pedro. Os degraus, porta corpo e corrimãos são em madeira escura e trabalhada. As paredes são brancas e formam um arco sobre a escada. O corredor superior tem uma porta em madeira trabalhada, na cor branca, com batente em arco. Na base, uma corda vermelha, uma corda vermelha de seda está em torno da esfera de madeira que ornamenta o início do corrimão e, quando estendida, serve para permitir ou barrar o acesso do público ao andar superior.

Página 83

AUDIODESCRIÇÃO: Sobre fundo branco, diversas mensagens elogiosas manuscritas dirigidas a Dona Eva. São assinadas pela cantora e compositora Adriana Calcanhoto, pelo cantor e compositor Chico Buarque, pelo músico e compositor José Miguel Wisnik e pela cantora Elza Soares. Elza reforçou o carinho, colocando uma marca de lábios feita com batom vermelho.

Página 84

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de um dos corredores internos do teatro. Ele é ligeiramente sinuoso com teto de lambris brancos com recuo para a abertura das folhas de madeira branca das janelas. O assoalho é recoberto por carpete vermelho e os rodapés brancos são largos e frisados. Entre as duas janelas, um nicho em arco na parede abriga um extintor de incêndio.

Página 85

AUDIODESCRIÇÃO: Sobre fundo branco, com diversas mensagens elogiosas manuscritas dirigidas a Dona Eva. São assinadas pelos atores e diretores Juca de Oliveira e Ney Latorraca e pelas atrizes Marieta Severo e Natália Timberg.

Página 86

AUDIODESCRIÇÃO: Sobre fundo branco, mensagens elogiosas manuscritas dirigidas à Dona Eva. São assinadas pelo Grupo Corpo, uma Companhia de Dança Contemporânea, pelo cantor Ney Matogrosso, Maestro Isaac Karabtchevsky e pela atriz Mariana Ximenes.

Página 87

AUDIODESCRIÇÃO: Sobre fundo branco, desenho feito pelo cartunista, chargista e escritor Ziraldo. Retrata o Menino Maluquinho, um de seus personagens mais conhecidos. O menino tem olhos pequenos, um grande sorriso e uma caçarola na cabeça. No alto, à esquerda, a frase: *TO BE OR NOT TO BE*. À direita, dentro de um balão de pensamento, o desenho de uma caveira com a língua para fora. Mais embaixo a mensagem: *EU * ME ORGULHO DO THEATRO SÃO PEDRO. E completa: * COMO BRASILEIRO*. 10-11-06.

Páginas 88 e 89

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, de página dupla, do teto do saguão do teatro, visto por meio de uma abertura circular emoldurada em marrom claro

através dela, visualizamos o lustre de cristal redondo com 6 arandelas, no centro de uma moldura quadrada em tons de bege, em planos sobrepostos.

Página 90

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em página inteira, do saguão de entrada do Theatro São Pedro. A porta que dá acesso à plateia tem molduras em arco com ferro branco trabalhado. Um lustre de cristal, que é semelhante ao do projeto inicial do teatro, quando não havia luz elétrica, tem formato que remete a um balão com detalhes dourados. Quatro colunas brancas cilíndricas, duas de cada lado da porta, têm capitéis dourados, ricamente trabalhados. O teto é bege e branco com sancas, molduras decorativas instaladas no topo da parede, em pequenos degraus. Uma passadeira larga vermelha cobre parte do piso de granito acastanhado, a partir da porta principal. Dos dois lados, escadarias com carpete vermelho, corrimão e guarda corpo em madeira escura trabalhada.

Página 91

AUDIODESCRIÇÃO: Sobre fundo branco, diversas mensagens elogiosas manuscritas dirigidas a Dona Eva. São assinadas pela cantora Miúcha, pelo ator Diogo Vilela, pela atriz Vera Fisher e a banda de Rock Nenhum de Nós.

Páginas 92 e 93

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em páginas inteiras, de uma abertura circular no chão do segundo piso, sobre o hall de entrada do Theatro São Pedro, semelhante a uma clarabóia. Ela é cercada por guarda corpo com gradil branco e acabamento em madeira escura. O piso é de tábuas corridas escuras com leve brilho. Ao fundo, junto a uma parede branca, várias cadeiras de madeira arqueada estão colocadas lado a lado, e umas sobre as outras. De cada lado, uma porta dupla branca fechada.

Páginas 94 e 95

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em páginas inteiras, do segundo piso do Theatro São Pedro. À esquerda três portas duplas fechadas de madeira branca e vidro com cortinas abertas e bandô franzido com franjas na cor ocre. Ao fundo, 3 portas duplas brancas de madeira e vidro idênticas e entreabertas. Sobre os batentes superiores, um arco em vidro e madeira. Nas paredes brancas, sobre o rodapé largo e branco, duas faixas de madeira acastanhada paralelas. Pequenos quadros com moldura estreita estão entre as portas. Uma peça de mobília, semelhante a um aparador de madeira clara, está na direção da porta central. O teto é em tons de bege, com molduras largas e dele pendem quatro lustres acesos, com modelo semelhante e reduzido do lustre central do teatro.

Página 96

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida em página inteira do imponente lustre central do Theatro São Pedro. Ele possui trinta mil cristais, 96 lâmpadas, quase quatro metros de comprimento e pesa 600 quilos. Tem o formato que remete a um balão, pingentes de cristal em forma de gota e extremidade circular inferior com uma cascata de cristais. Ele está centralizado em um nicho circular bege e marrom cercado por prolongamentos estilo rococó, que remetem a raios de sol

marrom com decoração de folhas em alto relevo que se estendem por todo o teto. Pinturas delicadas de flores, folhas e pássaros, em cores suaves, feitas por um coletivo de artistas gaúchos, complementam essa verdadeira obra de arte.

Página 97

AUDIODESCRIÇÃO: Sobre fundo estampado de vermelho e preto, com o veludo dos estofados das poltronas do teatro, o título em branco: TEATRO PALAVRA. Logo abaixo: DEPOIMENTOS (COLIGIDOS E SELECIONADOS POR DIEGO DA MAIA).

Página 98

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida em página inteira das cortinas fechadas do palco do Theatro São Pedro. Elas são em veludo vermelho, se estendem até o chão e têm uma ampla franja dourada. A franja é feita de cordões de seda trançados, semelhante a um macramê, formando triângulos com robustos pingentes pendurados na ponta.

Páginas 100 e 101

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, tirada de baixo para cima, do lustre central do teto do teatro. Em torno dele, pinturas que remetem à fauna e flora, com folhagens, coqueiros e pássaros diversos.

Páginas 102 e 103

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida no alto das duas páginas, de 4 atores em cena. A iluminação é vermelha e visualizamos apenas o contorno dos dois homens e duas mulheres em torno de uma longa mesa. Um dos homens está em pé à esquerda. Uma grande roda de carroça compõe o cenário à direita. Ao fundo, os diferentes tons de vermelho sem contornos definidos remetem a nuvens claras e escurecidas.

Páginas 106 e 107

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida em páginas inteiras de dois artistas no palco do teatro, em pé, à frente de uma cortina de veludo vinho fechada. O artista da esquerda está de costas, com o tronco flexionado para trás, os braços abertos na altura dos ombros e as mãos espalmadas para o alto. Ele é branco, magro com cabelos castanhos e grandes entradas. Usa túnica de cetim azul, bordada em laranja e prata, com franjas curtas na barra, com mangas longas bufantes, sobre calça justa listrada em laranja e bege. Calça botas de cano curto douradas. O artista à direita está com os braços ao longo de corpo, olhando para baixo com a fisionomia fechada, parecendo caminhar. É um jovem branco, magro, alto com cabelos castanhos curtos e lisos e traços delicados. Está com o rosto maquiado de branco, sobrancelhas marcadas, lábios e bochechas vermelhas. Usa túnica marrom, azul e laranja, com pingentes na barra, mangas longas bufantes, laços dourados e babados de renda nos punhos sobre calça justa laranja e botas douradas. No chão de tábuas corridas, algumas fitas adesivas, fazem a marcação de cena.

Páginas 110 e 111

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida em páginas inteiras, de 20 atores e atrizes, vistos de costas, no palco do Theatro São Pedro, de frente para a plateia. Usam figurino de época: as mulheres de vestidos compridos e franzidos, com mangas longas de tecidos pesados e escuros. Os homens, coletes, casacos, boinas e calças largas. Atrás deles, um banco de madeira escura e nas laterais, dois painéis de treliça verde. O público, que lota todos os andares do teatro, aplaude de pé.

Páginas 116 e 117

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida no alto de duas páginas, de dois atores e uma atriz. Eles estão sentados frente a frente, ela está em pé virada para a plateia. Eles são brancos, com cabelos castanhos curtos, um tem bigode e outro cavanhaque. Usam colete preto sobre camisa branca de mangas longas. Ela é branca, com cabelos castanhos presos em coque baixo. Está com a boca ligeiramente aberta, como se falasse. Usa xale franjado branco sobre vestido marrom de mangas longas e saia franzida. Ao fundo, a iluminação em vermelho, lembra um fim de tarde.

Páginas 120 e 121

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida no alto de duas páginas, de quatro artistas em um camarim. Eles estão em pé, na frente de um grande espelho horizontal com várias lâmpadas acesas na moldura. São jovens, brancos e magros, com cabelos castanhos curtos. Eles pintam o rosto de branco, vermelho e preto. Sobre a bancada, vários estojos de maquiagem, esponjas, pincéis, sacolinhas e um laptop exibindo um rosto maquiado como modelo.

Páginas 124 e 125

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida em páginas inteiras de uma cena de uma peça de teatro. À esquerda, um ator está em pé, com os braços ao longo do corpo e a boca entreaberta. Ele é branco, com cabelos castanhos curtos, olhos pequenos e bigode ralo. Usa camiseta bege de mangas longas e calça marrom de preguinhas com suspensórios. Uma grande mesa de madeira clara desgastada e manchada em azul e amarelo, com algumas xícaras, ocupa grande parte do cenário. Ao lado dela, três cadeiras de madeira, uma roda de carroça e o fundo azulado lembra um céu escurecido com algumas nuvens.

Páginas 126 e 127

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografias coloridas do imponente lustre do Theatro São Pedro, baixado no meio da plateia para manutenção.

Na foto superior, a parte inferior do lustre está no nível das poltronas e tem franjas de contas de cristal apenas de um lado. Dois técnicos do teatro estão em pé próximo ao lustre com as lâmpadas acesas. Na foto inferior, em plano detalhe, mãos masculinas manipulam as peças de cristal do lustre.

Páginas 130 e 131

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida do grande lustre central de cristal, visto através de uma pequena janela de ferro azul, provavelmente localizada no forro do teatro.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Fotografia colorida em página dupla, em plano detalhe, do imponente lustre central de cristal com as lâmpadas acesas, visto através do gradil de proteção de uma frisa ou camarote.

Páginas 132 e 133

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em enquadramento de baixo para cima, do lustre central do Teatro São Pedro. Está com as lâmpadas acesas, fazendo com que os cristais reluzam intensamente. O teto é ornamentado por uma pintura coletiva, realizada por artistas da região, liderados por Antonio Carlos Mancuso, representando a fauna e a flora gaúcha. São pinturas delicadas em cores esmaecidas de flores, plantas e animais que substituíram a pintura com referências à mitologia.

Página 134 e 135

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de um gradil de proteção arredondado. Ele é confeccionado em ferro tubular branco, com ornamentos de ferro trançados, adornados por pequenas bolas. Na parte superior, acabamento em madeira escura de bordas arredondadas.

Página 136

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida em página inteira, tirada de baixo para cima do majestoso lustre central de cristal da plateia do Teatro São Pedro. Ele é semelhante ao original, em uma época onde ainda não havia luz elétrica. A estrutura dourada e os 30 mil cristais brilham com as 96 lâmpadas acesas do majestoso lustre. No teto, ornamentos dourados em volta de cúpula de onde pende o lustre.

Páginas 138 e 139

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida das três galerias circundantes de camarotes e frisas na plateia do Teatro São Pedro vistas do palco através das cortinas de veludo vinho entreabertas. O chão do palco é de tábuas corridas claras. A plateia está vazia, as lâmpadas do imponente lustre acesas, assim como algumas no segundo andar.

Páginas 142 e 143

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, na vertical, centralizada em página dupla, da plateia do Teatro São Pedro. A foto tirada de cima para baixo revela cinco fileiras de poltronas alinhadas, todas com os assentos fechados, sobre chão revestido de carpete vermelho. As poltronas são forradas de veludo com fundo preto com detalhes estilizados em forma de flores em tons de vermelho e cinza.

Página 147

AUDIODESCRIÇÃO: A fotografia colorida, na horizontal, retrata o foyer nobre do Theatro São Pedro. O salão tem chão de madeira polida, paredes brancas e amplas janelas adornadas com cortinas em tom ferrugem e suntuosos bandôs. O espaço está organizado em estilo plateia, com dezenas de cadeiras de madeira alinhadas em fileiras. Ao fundo, sobre um tablado de carpete vermelho, destaca-se um piano preto com a tampa aberta. Duas pessoas sentadas em banquetas tocam o instrumento. Ao lado do piano, um tripé sustenta um banner marrom com a logomarca da empresa Évora Holding Company.

Página 148

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, de página inteira, em plano detalhe, da lateral do suntuoso lustre do Theatro São Pedro. Milhares de pedras de cristal, simetricamente alinhadas em fileiras formam a estrutura principal do lustre, cuja aparência remete a um balão. Pequenas cúpulas, com lâmpadas acesas, sustentadas por sinuosas hastes douradas emergem da estrutura principal, emitindo uma luminosidade suave e amarelada.

Página 149

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, de página inteira, em plano detalhe, das estampas florais das poltronas do Theatro São Pedro. Em letras brancas, o título centralizado "Fotografia, Gilberto Perin".

Páginas 150 e 151

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em página dupla inteira, da sala de espetáculo do Theatro São Pedro. Em estilo neoclássico, as paredes do espaço exibem uma tonalidade suave de bege, com desenhos delicados de flores e arabescos dourados em relevo. O pé direito é triplo e três galerias circundam a sala. No centro, destaca-se o palco, com piso de tábuas corridas em madeira clara. Uma imponente cortina de veludo na cor vinho, parcialmente aberta, revela o palco vazio, com apenas duas cadeiras dispostas lado a lado e uma janela fechada ao fundo. A cortina apresenta um suntuoso bandô com bainha de franjas douradas e uma espessa barra de macramé.

Páginas 152 e 153

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em página dupla inteira, do palco do Theatro São Pedro. Suntuosas cortinas de veludo, na cor vinho, parcialmente abertas, revelam o palco vazio. Ao fundo do palco, um homem, visto de costas, abre as venezianas de algumas janelas em arco, com molduras, frisos e ornamentos brancos, em estilo neoclássico. No alto, varões com refletores pretos, cruzam o teto.

Páginas 154 e 155

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em página dupla inteira, da plateia do Theatro São Pedro. A foto tirada de cima para baixo revela o chão revestido de carpete vermelho, com seis fileiras de poltronas alinhadas, todas com os assentos fechados. As poltronas são forradas de veludo com fundo preto e flores, predominantemente em tons de vermelho, com alguns contornos em cinza. Em

frente à primeira fileira, destaca-se o proscênio, parte do palco situada à frente do cenário, com piso de tábuas corridas de madeira clara e escadas de acesso nas laterais.

Páginas 156 e 157

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em página dupla inteira, do palco do Theatro São Pedro, com as cortinas abertas, sem cenário. Um suntuoso bandô vinho com bainha em linhas curvas douradas emoldura o espaço cênico, que tem chão revestido com piso de tábuas corridas de madeira clara. Ao fundo do palco, destaca-se uma parede bege com cinco janelas, abertas e semiabertas, que compõem a fachada do teatro. As janelas são em arco, com molduras, frisos e ornamentos brancos. No alto, uma cortina preta recolhida e varões com refletores pretos, cruzam o teto. Três galerias, emergem das laterais do palco, circundando a sala de espetáculo.

Páginas 158 e 159

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em página dupla inteira, da sala de espetáculo do Theatro São Pedro. Em estilo neoclássico, as paredes do espaço exibem uma tonalidade suave de bege, com desenhos delicados de flores e arabescos dourados em alto relevo. O pé direito é triplo e três galerias de camarotes, com elegantes gradis dourados de proteção, circundam a sala. Em primeiro plano, três cadeiras estão dispostas lado a lado, à direita do palco. O chão do espaço cênico é revestido com piso de tábuas corridas de madeira clara. Ao fundo, revela-se a plateia, com 648 lugares e formato característico de ferradura. As poltronas, forradas em veludo preto, são adornadas com detalhes estilizados em forma de flores, predominantemente em tons de vermelho, com sutis contornos em cinza. No centro, um suntuoso lustre de cristal, cuja aparência remete a um balão, pende do teto, com luminosidade suave e amarelada.

Página 160

AUDIODESCRIÇÃO: A fotografia colorida, na horizontal, retrata a sombra de uma pessoa projetada no chão de tábuas corridas de madeira clara do palco do Theatro São Pedro. A pessoa está em pé com os braços estendidos ao longo do corpo.

Página 161

AUDIODESCRIÇÃO: A fotografia colorida, na vertical, retrata a sala de espetáculo do Theatro São Pedro. Em estilo neoclássico, as paredes do espaço exibem uma tonalidade suave de bege, com desenhos delicados de flores e arabescos dourados em alto relevo. O pé direito é triplo e três galerias de camarotes, com elegantes gradis dourados de proteção, circundam a sala. Em primeiro plano, no centro do palco, sob a luminosidade de um suntuoso lustre de cristal que pende do teto, três cadeiras estão dispostas lado a lado. As sombras das cadeiras se projetam duplicadas no chão de tábuas corridas de madeira clara do espaço cênico. Ao fundo, na penumbra, a plateia se estende, configurada em formato de ferradura, com 648 lugares.

Páginas 162 e 163

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em página dupla inteira, de três cadeiras, dispostas lado a lado, sobre o palco do Theatro São Pedro. As cadeiras têm estrutura de madeira, e seus encostos consistem em dois arcos suavemente curvados. Os assentos almofadados são redondos e forrados de veludo preto, adornados com estampas estilizadas em forma de flores, predominantemente em tons de vermelho, com sutis contornos em cinza. As sombras das cadeiras se projetam duplicadas no chão de madeira clara do espaço cênico.

Páginas 164 e 165

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em página dupla inteira, em plano detalhe, do assoalho do palco do Theatro São Pedro. O chão, revestido com tábuas corridas de madeira clara, é dividido em duas partes: o proscênio, que é a área à frente do cenário e das cortinas, e o espaço cênico, localizado atrás das cortinas, onde o cenário é montado. As cortinas abertas, visíveis apenas pelas suas exuberantes barras de macramé e franjas de cordão amarelo ouro, revelam o palco vazio. Ao fundo, uma parede bege com janelas em arco, adornadas com molduras e frisos brancos, encontram-se parcialmente abertas.

Página 166

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, de página inteira, em plano detalhe, das estampas florais das poltronas do Theatro São Pedro. Em letras brancas, o título centralizado "O Futuro, Multipalco Eva Sopher, Theatro São Pedro".

Página 167

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, de página inteira, do foyer do Complexo Cultural Multipalco, um projeto arquitetônico contemporâneo e arrojado. A foto tirada de cima para baixo revela três amplos pavimentos ligados por escadarias. Entre o térreo e o primeiro andar os degraus, guarda corpos e corrimãos acompanham o piso de granito em tons acastanhados e com linhas retas. Entre os outros andares, os corrimãos são em alumínio tubular e guarda corpo em vidro verde. À esquerda, uma parede inclinada de madeira clara quase alcança o teto marrom com iluminação embutida.

Página 168

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida da Sala de Música do Complexo Multipalco. É um amplo espaço com piso de tábuas de madeira polida, paredes e portas também em madeira clara, teto marrom com lâmpadas embutidas. Um piano preto de cauda com banquinho está ao fundo, atrás de uma mesa de linhas retas de madeira clara e várias cadeiras pretas dispostas em semicírculo.

Página 169

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida da sala do Teatro Oficina do Complexo Cultural Multipalco, vista de fora para dentro através de uma porta dupla em madeira escura completamente aberta. A sala tem piso de tábuas corridas em dois tons de madeira, parede de madeira clara e plataformas móveis de alumínio com cadeiras pretas de plástico injetado com pés tubulares para acomodação da

plateia. O teto preto tem travessões e muitos holofotes apontados em várias direções.

Página 170

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de uma ampla sala do Complexo Cultural Multipalco. É um espaço bem iluminado, com pé direito alto e uma parede de frente toda envidraçada, através da qual é possível avistar a fachada branca do prédio em estilo neoclássico do Theatro São Pedro. O piso é de tábuas corridas de madeira clara, as paredes são brancas, e nelas estão apoiados dois grandes espelhos e algumas barras de ballet de madeira tubular clara e ferro preto.

Página 171

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de uma ampla sala do Complexo Cultural Multipalco. À esquerda, uma parede envidraçada, piso claro de tábuas corridas polidas, duas colunas de alvenaria retangulares brancas e um mezanino com janelas de vidro. O teto também é branco com spots embutidos, os rodapés são todos em madeira e uma porta de madeira com duas folhas fechadas à direita. Pendendo do teto do andar superior, um tecido azul, usado para acrobacias aéreas, que cai até o chão e nele deixa uma parte enrolada e solta.

Página 172

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida em página inteira, em plano detalhe, de nove lâmpadas acesas. Estão colocadas em uma moldura superior horizontal e uma vertical, de madeira clara, provavelmente dentro de um camarim.

Página 174

AUDIODESCRIÇÃO: Sobre fundo vermelho, em letras brancas, a mensagem manuscrita em branco: EVA QUERIDA. OBRIGADA POR TUDO! BEIJOS. PAULO AUTRAN.

Página 175

AUDIODESCRIÇÃO: Sobre fundo branco sobreposto à estampa do tecido das poltronas do Theatro São Pedro, uma placa em bronze com a mensagem: VILLA LOBOS REGEU A ORQUESTRA SINFÔNICA DE PORTO ALEGRE EM 15.11.1953.

Página 176

AUDIODESCRIÇÃO: Sobre página branca, centralizada, a logomarca do Theatro São Pedro, com desenho vermelho estilizado da fachada de dois andares com portas e janelas em arco no piso térreo. Ao lado, em letras pretas: THEATRO SÃO PEDRO. PORTO ALEGRE. RS. Em vermelho: 165 ANOS